

Aprender e Conhecer

A ASTROLOGIA

E AS ARTES ADIVINHATÓRIAS

*Para ajudá-lo a encontrar
respostas claras
e concretas
às suas perguntas*



SALVAT

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS





Os elementos

O Fogo

Seja do céu ou da terra, sagrado ou doméstico, do paraíso ou do inferno, o fogo, elemento primordial, é a expressão do bem e do mal.

O fogo é criação, nascimento, princípio, luz original, alegria, elemento divino ou divinizado pelo homem. Este, submerso nos mistérios da noite, alegra-se quando seus olhos se abrem para a luz do dia, iluminados pelos raios benéficos do Sol. Mas o fogo é também elemento destruidor, já que tudo queima. Esta ambivalência foi rapidamente observada pelos nossos antepassados, que fizeram do fogo uma representação e um símbolo do bem e do mal.

O FOGO DOS DEUSES

Nem o homem primitivo, em primeiro lugar, nem o homem da Antigüidade, posteriormente, precisaram de instrumentos de medida para entender as vantagens que podiam obter do fogo e os perigos a ele relacionados. Sua sobrevivência dependia do dia e do astro de fogo (causa e efeito), da luz e do calor que o fogo prodigaliza. Mas também aprenderam a não confiar neste fogo que às vezes caía do céu: o relâmpago, o raio. Segundo eles, quando os deuses queriam castigar os homens, manifestavam sua desaprovação e sua ira através dos fogos do céu. A terra também cuspiu fogo de suas montanhas. Por acaso não foi com um dedo de fogo que Deus inscreveu, na cratera de um vulcão, as letras dos Dez Mandamentos sobre as Tábuas da Lei dadas a Moisés?

O fogo é, portanto, princípio de vida, revelação, iluminação, purificação, mas também é paixão e destruição. O fogo brilha esplendidamente no paraíso. Queima com força destrutiva no inferno. Dá a vida mas volta a tirá-la e transforma-a em cinzas.





HEFESTO, PROMETEU E O FOGO MITOLÓGICO

Hefesto-Vulcano, filho de Zeus-Júpiter e de Hera-Juno, era o deus do Fogo na mitologia grega. Reinava poderosamente sobre o fogo dos vulcões e dos metais, isto é, sobre a metalurgia. Era o habilidoso ferreiro dos deuses. Como tal, forjava armas com perfeição, principalmente para Aquiles. Participou na criação de Pandora, a primeira mulher dos gregos, a cujo corpo deu forma e cujos membros moldou com barro, segundo o modelo das deusas imortais, antes de lhe insuflar o alento vital.

Prometeu, filho de Titã, roubou o fogo da forja dos deuses, nas costas de Hefesto, a fim de dá-lo aos homens que ele criou.

Deste modo, Prometeu foi considerado benfeitor da humanidade, já que teve a ousadia de tomar o fogo do céu, privilégio que só os deuses possuíam até então, com o único objetivo de tornar mais agradável a vida dos homens. Para castigar, Zeus acorrentou-o a uma rocha, com amarras de aço forjadas por Hefesto, e condenou-o a que uma águia lhe devorasse eternamente o fígado, que se reconstituía continuamente.

As origens da palavra fogo

A palavra latina *ignis*, que significa "fogo", mas também "chama, ardor de uma paixão", foi empregada pelos tradutores da Bíblia e pelos médicos para se referir ao grego *piro*, *piros*, que pode ser hoje encontrado nas palavras "pirotecnia" ou "pirômano". *Ignis* prevalece ainda em nossa língua em palavras como "ignifugo", "ignição" ou "ígneo".

No entanto, a palavra "fogo" provém do latim clássico *focus* (lar onde o fogo está aceso), que dará mais tarde *foco*. Assim, é o fogo do lar familiar o que escolhemos para designar o fogo sob todas as suas formas, e não o da paixão (*ignis*), que implica desordem. Sem dúvida que o fogo que queima no braseiro é um fogo bom.

Encontram-se, no suplício de Prometeu, dois símbolos em analogia com o fogo: primeiro, a águia, ave solar também chamada pássaro-trono, mensageira dos deuses que transporta o fogo do céu; e, em segundo lugar, o fígado, considerado a moradia da alma, ou, mais exatamente, o órgão pelo qual a alma, geradora do alento vital, está unida ao corpo que anima. O fogo das paixões da alma encontra-se no fígado. Em hebraico, o termo fígado (*ca-ved*) significa tanto fadiga, carga, como riqueza e poder, no sentido de poder divino.

Os deuses e os atributos do fogo

Gibil era o deus do Fogo entre os habitantes da Mesopotâmia, e Moloch o dos Cananeus e dos Cartagineses. Atar era o gênio do Fogo da Pérsia de Mazdak e o deus-Fogo que tinha o poder de ler no coração dos homens; o seu templo chamava-se a Kaaba de Zoroastro. Na Índia, Agni é o deus do Lar; Sûrya, o deus do Sol; Indra, o deus do Raio ou do Céu, e Brahma o deus supremo, parecido com Fogo, segundo a tradição hindu. As vestais, sacerdotisas de Vesta, a deusa grega do fogo do lar doméstico, eram suas

guardiãs. A piromancia é uma arte adivinatória que consiste em ler augúrios e presságios nas chamas de um braseiro. Segundo a lenda, a salamandra, animal metafórico, vive no fogo. É a guardiã das chamas, a representação do dragão, o símbolo da energia primordial, a chispa vital, o fogo de Deus. Entre os antigos Romanos e Germanos, e mais tarde na Europa da Inquisição, submetia-se os presumíveis culpados aos chamados "juízos de Deus", que não eram mais que uma prova de fogo, que consistia em segurar numa barra de ferro em brasa. Se os submetidos a esta prova apresentassem queimaduras nas mãos, eram condenados. As fogueiras de São João, que queimam na noite de 24 de junho, eram no começo fogos de fertilização e purificação que se acendiam no dia do solstício de Verão (21 de junho), justamente antes das colheitas, em honra aos deuses e para agradecer as suas bondades, ou imediatamente depois, para purificar a terra.





Os elementos A Terra

Sustentadora, agreste, cultivada, a terra é um elemento vital que tudo dá e tudo volta a tirar. Tudo vem da terra e tudo regressa a ela.

Terra é o nome que demos ao nosso planeta e que escrevemos com T maiúsculo para distingui-lo do nome do elemento primordial sobre o qual andamos, descansamos e que nos alimenta. A Terra, sobretudo, é sustentadora. O grande jardim da Terra, antes desta ser cultivada, oferecia-nos já a abundância dos seus frutos.

Porém, os nossos antepassados sabiam melhor que nós que é necessário dar à Terra tanto quanto ela nos dá, e que não podemos separar a terra da Terra, a matéria do astro. Nos seus espíritos, a matéria e o astro confundiam-se na imagem de uma divindade única, uma deusa-mãe que, embora adotasse múltiplas aparências conforme as crenças, as culturas e as civilizações, foi sempre e em todas as partes idêntica.

O GRANDE PRINCÍPIO FEMININO

A terra, matéria primordial, da qual provém toda a vida, que dá e volta a tirar a vida, é selvagem, indomável, maléfica ou cultivada, adaptável, benéfica. É o grande princípio feminino oposto ao céu, grande princípio masculino.

Assim, no Zodíaco, o eixo formado pelos signos de Touro e Escorpião corresponde ao princípio feminino que faz frente e se opõe ao princípio masculino que lhe é complementar. O signo de Touro está associado ao aparecimento da vida vegetal no nosso planeta, ao passo que o signo de Escorpião está em relação com o da vida animal.

O duplo aspecto positivo e negativo da terra reside nisto: por um lado, é generosa e fecunda, produz uma grande variedade de plantas e de frutos, nada se perde, tudo se transforma, já que as sementes procedentes das plantas voltam à terra — a sementeira —, para que dê novas plantas e novos frutos. Porém,

por outro lado, o fato de tudo regressar à terra implica que ela reina segundo um princípio vital e fatal sem o qual a vida na Terra não seria possível; este é o seu aspecto negativo, obscuro, maléfico. De fato, assim como a semente produzida pela planta ou pelo fruto, acaso o homem também não volta à terra? “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei a ele”, diz Job (1, 21).

A partir daí, para os nossos antepassados era lógico que o reino dos mortos estivesse no subsolo, no mundo subterrâneo, onde se manifestam as forças obscuras, as sombras, freqüentemente associadas à decomposição e à putrefação. No entanto, o subsolo é ao mesmo tempo o lugar da fecundação e da germinação, portanto, a esperança em um renascimento, em uma ressurreição, era sempre possível. Por esta razão, acreditava-se que arremessar um pedaço de terra era o que bastava para expulsar as forças nefastas e para conju-





Laksmi

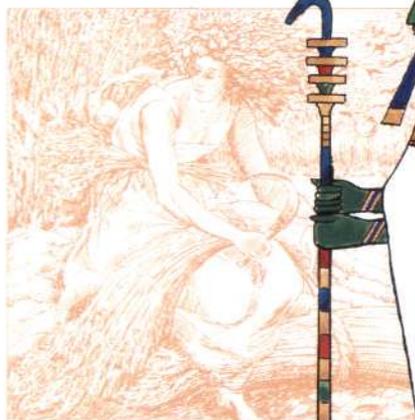
rar a fatalidade vinculada à morte, ritual que ainda hoje se conserva ao enterrar os mortos.

GAEA E DEMÉTER AS GRANDES DEUSAS DA TERRA

Segundo a mitologia grega, Gaea, a grande deusa-mãe, foi a segunda divindade a aparecer, depois de Caos, que tinha engendrado a Noite e o Dia. Dela nasceram Urano, o Céu, as Montanhas e o Oceano.

Gaea, ao unir-se ao Céu, seu próprio filho, concebeu Crono, o Tempo, e foi avó de Zeus.

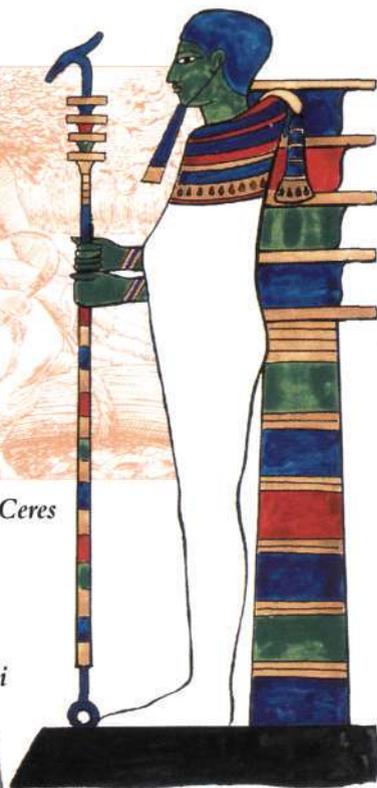
Hoje em dia, estranha-se que a Terra esteja ausente da hierarquia celeste do Zodíaco, que apresenta correspondências do Olimpo, criados a partir de modelos mais antigos. Na realidade, a Terra está onipresente no Zodíaco, embora o astrólogo nunca aluda formalmente a ela; pois encontra-se situada no seu centro, o centro de todas as influências às quais



Deméter-Ceres



Tlaltecuehltli



Ptah

é infinitamente receptiva e das quais foi, ao princípio, o receptáculo. Com efeito, ela engendrou-as, como bem ilustra o mito de Gaea e do nascimento dos deuses gregos.

Gaea, freqüentemente representada com os traços de uma mulher de formas arredondadas, cheias, generosas, é a Mãe Universal, potência inesgotável de fecundidade. Guarda também os segredos dos Destinos e preside, assim, à sorte de toda a humanidade.

Deméter-Ceres, uma grande deusa maternal segundo a mitologia grega, era a filha de Crono e de Rea, outra divindade da Terra, ambos filhos de Gaea. Porém, distingue-se da sua avó no que é uma representação mítica da terra cultivada. Chamavam-na a deusa do trigo. Também se associa ao signo de Virgem, muitas vezes ilustrado por uma mulher jovem sentada e carregando espigas de trigo.

A história da sua filha, Perséfone, que concebeu de Zeus, relaciona-se com o signo de Libra.

Quando Perséfone foi raptada e seqüestrada no reino dos Infernos por Hades, Deméter-Ceres, para manifestar o seu desacordo e a sua ira, provocou a esterilidade da terra e, em consequência, a seca e a fome. Esta lenda ilustra os poderes de vida e morte que sempre se reconheceram à Terra, já que a seca e a fome são calamidades contra as quais o homem — ainda hoje — é impotente.

DEUSAS E DEUSES DA TERRA NO MUNDO

No Egito, no panteão dos deuses — segundo o relato mítico da formação da Terra (a cosmogonia) de inspiração menfítica (de Mênfis, cidade do Antigo Egito) —, Ptah, o grande demiurgo, é uma divindade masculina e feminina.

Um destes textos diz: “É o pai dos deuses e também a mãe. E a sua alcunha é ‘a mulher’. É o útero no qual se põe a semente. Fez extrair a cevada do homem e o trigo da mulher...”

Mais tarde, Geb foi a deusa-mãe, representante da argila, da turfa, da matéria primordial, da terra sustentadora, cultivável e fecunda.

Na China, a criação da Terra é obra de P’an-kou, segundo o *Chou Yi Ki*, um texto do século VI da nossa era: “Os seres vivos começaram com P’an-kou, antepassado de dez mil seres do universo. Ao morrer P’an-kou, sua cabeça transformou-se em um pássaro sagrado, seus ossos no sol e na lua, sua carne nos rios e nos mares, seus cabelos nas árvores e nas plantas.”

Na Índia, a Terra é, às vezes, Laksmi, deusa da fecundidade e da prosperidade, cujo símbolo é o ouro; e, outras vezes, Kâli, a deusa negra e sangrenta dos sacrifícios. É também Bhûmi, o seio maternal.

Para os Maias, a Terra era Itzam Cab, a iguana-terra, e para os Astecas tratava-se de um monstro com as mandíbulas abertas, Tlaltecuehltli, o senhor da terra..., duas figuras que se vinculam mais com o mito do dragão do que com o da deusa-mãe.



Os elementos

O Ar

Vivemos graças ao ar que respiramos.

No entanto, o Ar é ao mesmo tempo vital e fatal, mágico e ambíguo.

Em astrologia, para elaborar um mapa astral, toma-se como ponto de referência o momento exato em que o bebê recém-nascido efetua a primeira respiração completa (inspiração-expiração). Este ritmo de vida é também um ritmo de morte.

De fato, o alento que permite à criança viver livre, desligada do cordão umbilical, através dos pulmões e de seu sistema respiratório, consiste em um movimento binário constante. Tomar ar significa viver, ser independente. Exalar o último suspiro, expirar significa entregar a alma, morrer.

O AR, O VENTO O SOPRO DIVINO E A ALMA

A alma e o sopro divino estão sempre ligados. Porém, este sopro não é a alma, mas sim o seu veículo. Ambos são invisíveis, impalpáveis.

O ar, quer seja sopro ou vento, impregna-se de perfumes, cheiros, do calor e do frio dos espaços que ocupa por inteiro e nos quais evolui livremente. Ao colocar a mão à frente da boca você pode sentir o calor do seu hálito. O ar é o alimento dos deuses, graças ao hálito o organismo pode produzir o calor da vida ou o fogo interior.

Do mesmo modo, quando o vento sopra, não é ele que vemos ou ouvimos, mas percebemos unicamente o movimento dos galhos das árvores e o revoar das folhas.

A respiração é um ato espontâneo, instintivo, vital e imprescindível, que permite ao homem viver, animar-se. Mas seu alento não é o ar; mas sim o próprio ato de respirar.

Tampouco o vento é ar. É consequência das deslocamentos de ar produzidas pelos

movimentos de rotação da Terra sobre si mesma. Assim, se o vento se desloca através do ar invisível, mas real e onipresente, sem o qual toda a forma de vida seria impossível, o alento pode, da mesma maneira, deslocar-se através da alma, que torna o indivíduo diferente dos seus semelhantes. Inclusive, podemos dizer que é a prova simbólica da existência da alma.

O alento é também o veículo do pensamento, do espírito, dos sons, da voz,

da palavra e do verbo. Aqui também estamos diante de coisas invisíveis que se manifestam no mundo real graças ao ar. Por exemplo, da mesma forma que a madeira é o destino do fogo, como dizem os chineses, o ar condiciona o fogo. O ar é o mesmo para todos, mas o alento é único.

Com efeito, quando inspiramos tomamos o ar que toda as pessoas respiram. Também, se preferimos de outro modo, todas as pessoas que nos ro-



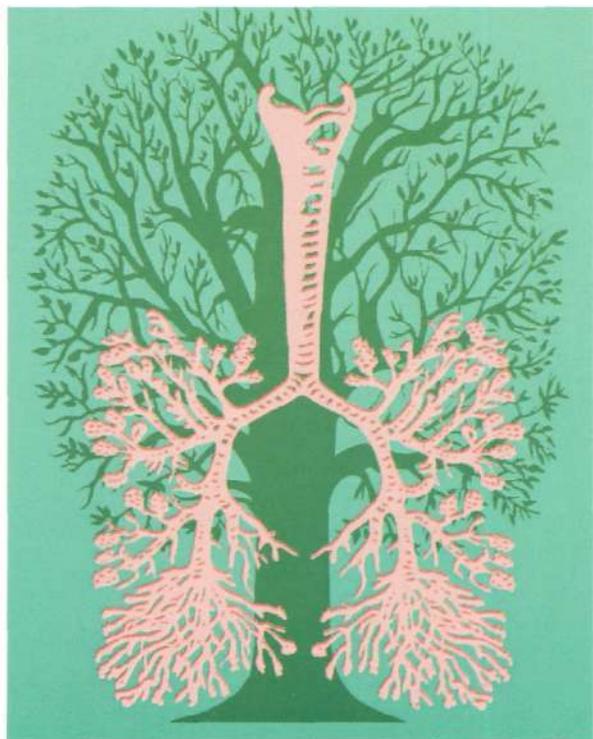


deiam respiram o mesmo ar que nós. No entanto, quando expiramos, quando emitimos um hálito de ar, podemos dizer que produzimos um ar que nos pertence, que passou pelo filtro dos nossos pulmões, um ar individualizado.

Os pulmões são os órgãos do corpo encarregados da respiração. Mas a pele também respira, através de seus poros. Nutre-se com a respiração da vida. É a razão pela qual os nativos dos signos de Ar (Gêmeos, Libra, Aquário) têm muitas vezes a pele fina e sensível, e podem mostrar uma sensibilidade “à flor da pele”.

A ÁRVORE PULMONAR E A ÁRVORE DA VIDA

Os pulmões estão unidos aos brônquios direito e esquerdo, que se juntam sob a traquéia. Ao observar o conjunto pulmões-brônquios-traquéia, descobrimos a imagem de uma árvore invertida. Existe, pois, uma associação simbólica evidente entre a árvore pulmonar e a árvore da vida. Plantada no centro do jardim do Éden, a árvore da vida, ou árvore da ciência do bem e do mal, não é outra senão a árvore do sopro divino, a que está na origem da consciência in-

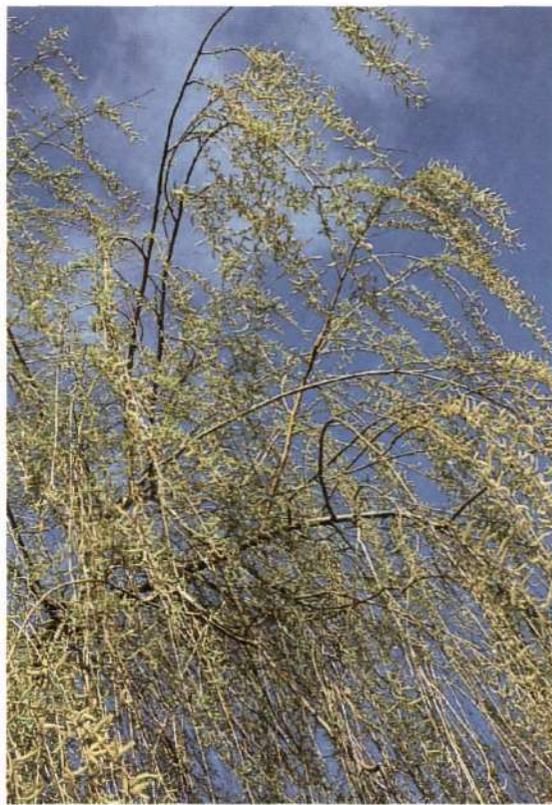


dividual, mas que implica um movimento que vai da vida à morte, da inspiração à expiração.

A árvore da vida é, portanto, também uma árvore da morte.

Não esqueçamos que situado no centro dos pulmões está o coração, que também, pelo seu movimento binário de diástole (dilatação do coração e das artérias) e de sístole (contração do coração e das artérias), passa sem cessar da vida à morte. O ritmo cardíaco é um ritmo de vida e de morte. Sem ele nenhuma vida será possível. Todavia, a respiração é um ato de vida, a manifestação de uma vontade ativa, no sentido em que se enraíza nos pulmões, que também são duplos. Nos rins encontra-se o equilíbrio, a força, a potência. Diz-se, a propósito de um ser equilibrado, que adquiriu um certo domínio de si mesmo ou que se encontra numa posição de bem-estar material, que tem o “rim bem coberto”. Assim como todas as partes do corpo cumprem uma função vital, os rins respiram. São os órgãos da respiração genital, na parte inferior do corpo, enquanto os pulmões se encontram na parte superior. O ser que é dono de sua força, de sua vontade, de seus rins, é também o dono de seu espírito nos pulmões. Este domínio consegue-se pelo uso do músculo do diafragma, que separa o tórax do abdômen e que permite à árvore pulmonar desenvolver-se.

Os exercícios da hata-yoga (ver quadro, à direita) favorecem o controle da respiração e do desenvolvimento da árvore pulmonar, essa ár-



vore da vida que existe em nosso interior. Permitem igualmente tomar consciência de seu ritmo. Com efeito, o ar, o alento, a respiração, são também o ritmo. Cada um de nós possui o seu próprio. Controlar o alento e a respiração significa estar no seu ritmo, aprender a viver no seu ritmo.

Etimologicamente, ritmo é movimento, a cadência e a medida, mas também a maneira de ser. Mediante o domínio do ar em si e do seu alento, a pessoa descobrirá seu ritmo pessoal, sua maneira de ser.

Pequeno exercício de hata-yoga

Deite-se no chão olhando para o teto. Relaxe, inspire o ar pelo nariz, com a boca fechada, enchendo os pulmões e concentrando-se nos rins. Depois, retenha o ar durante um breve momento. Finalmente, expire pela boca pressionando contra a barriga. Não respire durante um breve instante e volte a realizar o processo de respiração desde o começo. Deste modo, e com o tempo, você adquirirá o domínio de sua respiração. Este exercício, ao alcance de todos, produz calma e relaxamento.



Os elementos A Água

*Da nascente, o regato; dos regatos, o rio; dos rios, o mar; dos mares, o oceano.
A água do oceano sobe ao céu e desce novamente à terra. Água. Assim é o ciclo da vida.*

O ciclo da água remete para o mito do eterno retorno e ao princípio dos vasos comunicantes que favorecem a regeneração. A água cai do céu, penetra na terra e reaparece na superfície sob a forma de fontes, córregos, rios, que desembocam nos mares e nos oceanos.

O fogo e o calor do Sol provocam a saturação e a condensação do ar, a evaporação da água dos mares e dos oceanos, a formação das nuvens — constituídas por partículas de água líquida ou sólida — empurradas pelo vento. Sob o efeito das pressões atmosféricas, os aguaceiros e as precipitações caem sobre a terra.

Se a água da chuva não caísse do céu, a terra não seria nem fecunda nem fértil, mas seca e estéril. Por esta razão, é uma verdadeira fonte de vida. Se a terra não filtrasse, nenhuma fermentação seria possível, as sementes não poderiam transformar-se. A água é o grande princípio da regeneração e da metamorfose.

Assim, a água segue um ciclo relativamente imutável, que vai do estado líquido ao sólido — sem esquecer o gasoso —, e reproduz-se aproximadamente trinta e quatro vezes no decorrer do ano terrestre, segundo observações científicas. A água é o órgão sensorial da terra, dá à terra sensibilidade e receptividade. Ao evaporar-se, carregando o ar de umidade, volta a este elemento sensível e receptivo. Por outro lado, sob a confluência dos efeitos dos movimentos de rotação da Terra e da força da gravidade, a água molda a superfície terrestre. Os meandros dos regatos e dos rios na superfície do globo, bem como as múltiplas correntes que a fazem fluir, resultam da rotação e da atração terrestres..., mas também dos movimentos da Lua à volta do nosso planeta.

Portanto, as águas dos córregos, dos rios e dos oceanos são animadas por um jogo de correntes sutis, entrelaçadas, que serpenteiam em contínuo movimento.

A ÁGUA DOS RIOS E AS ÁGUAS-MÃES

As grandes civilizações da Antiguidade nasceram e cresceram à margem dos grandes rios. Citemos o Tigre e o Eufrates, na Mesopotâmia, o Nilo no Egito... Na antiga China, ao iniciar-se o ano (segundo o calendário chinês), o imperador, chamado “Filho do Céu”, encarregava-se de realizar os sacrifícios aos quatro grandes cursos de água: os rios Huang-He (o rio Amarelo), Yangtse Kiang (o rio Azul), Houai e Si Kiang. Na Índia, o Ganges é o rio branco da salvação e Yamuna o rio negro das origens. Ambos se relacionam com Vishnu e Shiva que, juntamente com Brahma, o deus supremo, formam a trindade hindu ou Trimurti.

Segundo a tradição judia, o rio do mundo Superior é o das graças e das influências celestes.

Em todas as civilizações antigas observamos a mesma crença na origem celeste e divina dos rios. De fato, já que a Água é o elemento da origem por ex-

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



celência, o grande princípio da vida na Terra, todos os mitos de criação do mundo aludem às Águas Superiores, que se separaram das Águas Inferiores, gerando assim os rios e os mares depois de um dilúvio ou de um caos inicial. Sempre segundo as lendas

míticas e cósmicas, a Água é o universo do caos, ou seja, da vida indiferenciada ou de todas as formas de vida possíveis, das quais surgiu a vida tal como a conhecemos. "A Água é o elemento da abnegação do perpétuo

'dar-nos aos outros'." A água não tem outra razão de ser senão o fato de dar-nos aos outros (quem nega um copo de água?). Sua determinação reside em não ser nada determinada, e é a razão pela qual Hegel chamou-a "a mãe de todo o determinado". Trata-se das águas-mães originais e nutritivas. Por ser a Água fonte de vida, ao bebê-la ou ao mergulharmos nela, regeneramo-nos. As águas termais são famosas por seus efeitos terapêuticos. A algumas foram atribuídas supostas propriedades mágicas, como a água da eterna juventude, cuja virtude é a de devolver a juventude. Em todos os tempos, o aparecimento de uma fonte foi considerado um milagre, um fato sobrenatural, um dom dos deuses e, ao contrário, a seca de uma corrente, de um regato ou de um rio foi interpretada como uma maldição. A Água é ainda um símbolo de fertilidade, de bênção, de purificação (o batismo), de sabedoria, de eternidade, de amor infinito, sem limite, e de vida espiritual.

O rio, a fonte, o açude, o reservatório, o lago, o pântano, o mar, o oceano, a chuva, a água do poço, o riacho, a corrente, a onda, estão carregados de sím-

bolos e de significado dentro dos quais se encontra a Água, fonte de vida, purificadora e regeneradora, o *Mare Nostrum*, a nossa mãe.

OS SIGNOS DE ÁGUA

A Água de Câncer é a que brota da nascente, pura e purificadora, a da fonte refrescante nessa época do ano em que o sol está no seu zênite. As águas-mães encerram todas as formas de vida possíveis.

É a sensibilidade das superfícies das águas, nascidas das correntes quentes e frias que se misturam. É o movimento das ondas que acariciam as margens, o ritmo que a Lua marca nas marés.

A Água de Escorpião é a água estagnada, a dos açudes, dos pântanos, dos reservatórios, a dos mistérios. É a água

que fermenta, penetra e regenera a terra em profundidade. É a umidade escondida sob a terra. É a água do poço, das correntes freáticas. São as águas secretas, ocultas sob a areia do deserto, onde vivem os escorpiões e as serpentes.

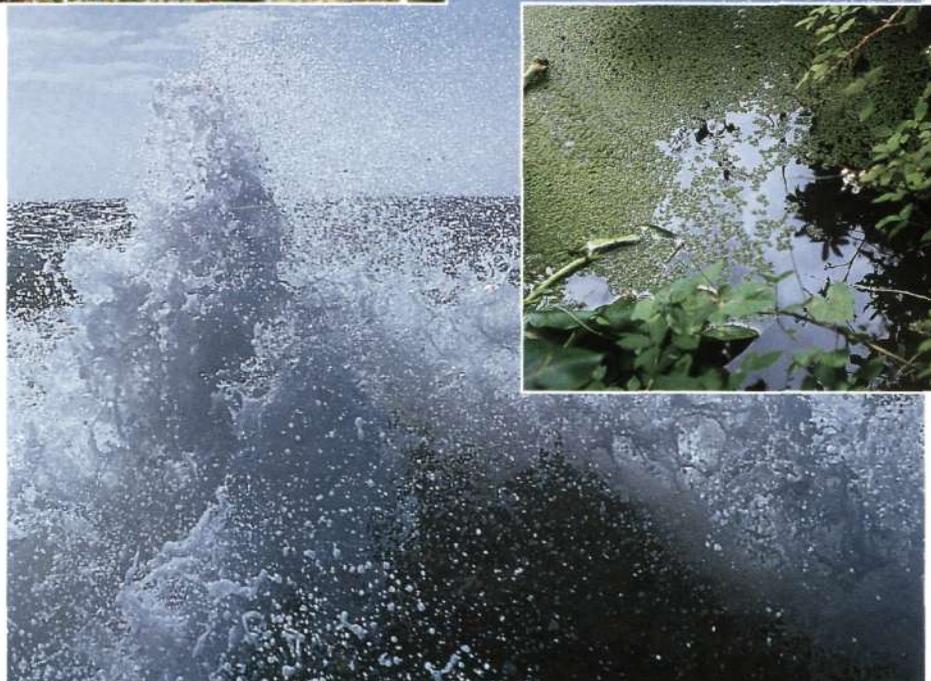
É a água que dorme, serena, rica em limos, dos quais surgirá talvez uma nova vida.

A Água de Peixes é a dos abismos, dos fundos submarinos e também das imensidades dos oceanos.

A água exultante, torrencial, caótica, do dilúvio e das tempestades, das inundações.

Mas é também a que limpa, alivia, cura, abençoa, sacraliza, diviniza; a água pura, límpida, do lago no qual o homem encontra seu rosto, descobre sua alma e se afoga a si mesmo ou encontra a luz.

É a água da vida, a água celeste na qual se mergulha para nascer ou renascer a si mesmo.





Mitos e símbolos dos signos do Zodíaco

Os símbolos vivos de Áries

Cada um dos três decanatos de um signo do Zodíaco é representado por uma imagem simbólica diferente. Aqui estão os três símbolos de Áries.

Normalmente, o Zodíaco é representado por 12 imagens que representam os 12 símbolos dos signos do Zodíaco. Tradicionalmente, a estes símbolos são atribuídos mitos que ilustram perfeitamente os grandes traços de cada um dos 12 signos zodiacais.

Na grande maioria, estes mitos fazem referência às aventuras e desventuras dos deuses gregos, cujas lendas e contos míticos foram particularmente explorados, interpretados e, em certa medida, adaptados ao Zodíaco pelos astrólogos, alquimistas e adeptos do esoterismo durante o período histórico do Renascimento.

Trata-se das mesmas fontes que os pioneiros da psicanálise utilizariam mais tarde, oferecendo-nos uma nova leitura e interpretação.

Evidentemente, temos todo o direito de nos interrogarmos sobre a origem destes mitos e símbolos e por que razões foram escolhidos uns e não outros para definir, explicar ou ilustrar um ou outro signo do nosso Zodíaco.

Isto não é arbitrário, nem fruto do acaso, obedecendo em vez disso a sutis analogias entre certos aspectos da vida e da natureza humana, observados por nossos antepassados.

Para ajudá-lo a compreender seu sentido profundo, nos referiremos a três imagens simbólicas que representam cada um dos três decanatos dos signos do Zodíaco, utilizadas normalmente na Idade Média no Ocidente, e inspiradas diretamente nas fontes da astrologia greco-caldéia, procedente ao mesmo tempo da avançada ciência que possuíam os sacerdotes-astrólogos sumérios, acádios, assírios e babilônios.



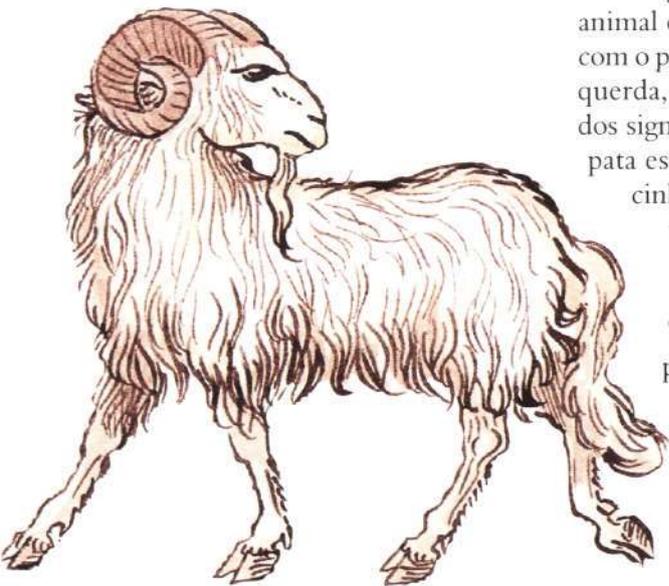
O CARNEIRO DO PRIMEIRO DECANATO DO SIGNO DE ÁRIES

de 21 a 31 de Março, aproximadamente

Este carneiro aparece em forma de animal em pé. Parece que caminha tranquilamente com a cabeça e o olhar para trás, talvez observando o que possa acontecer. Mas este movimento da cabeça tem qualquer coisa de humano na sua atitude e lembra-nos aquele que olhando

para trás, simbolicamente, encontra-se prisioneiro da nostalgia de seu passado. Sabemos que o signo de Áries começa no dia do equinócio da Primavera, o qual anuncia a supremacia do dia sobre a noite e o domínio da luz sobre a escuridão. Basicamente, orienta-se para o futuro, projeta-se para a frente, com entusiasmo e impaciência. Entretanto, o primeiro carneiro caminha lentamente e sua cabeça olha para trás. Na Babilônia,

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



o primeiro mês do ano que se segue ao equinócio da Primavera era o mês do sacrifício. Por essa ocasião, oferecia-se um carneiro como oferenda aos deuses.

Da mesma maneira, nosso carneiro tem que ser sacrificado ou, mais exatamente, deve sacrificar o seu passado, as águas primordiais do Inverno de onde se origina — os três signos do Zodíaco que o precedem, Capricórnio, Aquário e Peixes, são signos do Inverno —, se quiser voltar-se para o futuro para onde tudo o empurra. Deve provocar a propósito este fogo original que traz dentro de si, correndo o risco de se queimar, de se consumir no seu interior ou ficar reduzido a cinzas. Dirige-se para a frente, mas um pouco às cegas, já que não pode evitar referir-se ao seu passado, interrogar-se e refletir, meditar sobre suas origens, inspirar-se inclusive neles para construir ou criar algo de novo. Sua visão de futuro tem ainda suas raízes no passado.

O CARNEIRO DO SEGUNDO DECANATO DO SIGNO DE ÁRIES

de 1º a 11 de Abril, aproximadamente
Este carneiro é o que se utiliza normalmente para representar o conjunto

deste signo. Desta vez trata-se de um animal em pé, de perfil, que caminha com o passo seguro da direita para a esquerda, isto é, que avança no sentido dos signos do Zodíaco. A unha de sua pata esquerda e sua cabeça, cujo focinho aponta para o chão, formam um eixo muito reto que vai da Terra ao céu. O olho virado para nós olha também para a Terra. Não olha para a frente, pois avança também às cegas ou, mais exatamente, dá a impressão de não ter necessidade de olhar para onde vai. Com efeito, a posição de sua cabeça reflete tal determinação, tal força e rigidez, que se poderia dizer que não precisa abrir os olhos para avançar.



Além disso, de cada lado e ligeiramente separado dele aparece um dos seus seguidores, ou talvez uma de suas companheiras, como sua própria sombra. Estamos em presença do carneiro macho ou chefe do rebanho. Lembremos que o carneiro da espécie dos merinos representada aqui, originário do Irã e do norte da Índia, de onde foi importado para a Europa, transformou-

se no chefe de nossos rebanhos de ovelhas. Este papel de chefe e, por analogia, de líder, pioneiro e herói é o que é atribuído ao nativo do segundo decanato deste signo, chamado decanato do carisma, já que possui um encanto e um brilho naturais que magnetizam e incitam a segui-lo, a seguir seus passos.

O CARNEIRO DO TERCEIRO DECANATO DO SIGNO DE ÁRIES

de 12 a 20 de Abril, aproximadamente
Este carneiro é representado por um animal rampante, de movimentos fortes, que toma impulso com as patas traseiras apoiadas no chão, enquanto as patas dianteiras não tocam terra firme, atirando-se para a frente. Desta vez, a força, a energia, o impulso e o movimento já não têm origem na cabeça, mas sim em sua parte traseira e no lombo. Parece querer superar um obstáculo ou atingir um objetivo, tanto um como outro invisíveis e incompreensíveis para nós, mas que ele conhece muito bem. Estamos diante de um nativo de Áries prisioneiro de seus próprios impulsos instintivos irreprimíveis, dos seus cegos sentimentos que o induzem a projetar, de forma imediata e imperativa, todo o seu ser para o futuro.

Trata-se, evidentemente, do nativo do terceiro decanato, chamado decanato das paixões que nos mostra um ser fogueiro, que age aos solavancos, com gol-



pes bruscos, entregando-se de corpo e alma a tudo que faz.



Mitos e símbolos dos signos do Zodíaco

Os símbolos vivos de Touro

Cada um dos três decanatos de Touro que, como sabemos, é o segundo signo da Primavera, é representado por um touro, cuja atitude é representativa de um caráter e um temperamento particulares.

Como já vimos, a cada signo do Zodíaco correspondem algumas características gerais e fundamentais que são imediatamente atribuídas ao nativo deste signo. No entanto, a depender do Sol estar situado em um ou outro decanato, a expressão de sua vontade instintiva se manifestará de uma forma determinada. Este princípio, estabelecido pelos sacerdotes da Antigüidade está baseado em uma observação atenta e rigorosa do ritmo dos meses e as estações, e também na observação das transformações lentas porém constantes da natureza.

O TOURO DO PRIMEIRO DECANATO

de 21 a 30 de abril, aproximadamente
Aparece deitado com sua parte traseira oculta por trás de uma moita, e a outra metade emergindo, com a cabeça orientada para a direita, isto é, em direção ao signo de Áries, que o precede no Zodíaco. Esta cabeça ligeiramente inclinada para a direita parece realizar um movimento, enquanto que seus olhos olham para a frente, para a direita, para nós, isto é, no sentido inverso ao movimento dos astros no interior do Zodíaco. A pata esquerda está ligeiramente dobrada para a frente com o casco apoiado sobre o solo, como se nosso touro se preparasse para se levantar, enquanto que a pata direita se mostra dobrada para um lado. Embora sua estatura não deixe nenhuma dúvida sobre sua força e potência, estas parecem passivas e contidas. O que emana dele é, principalmente, a paz, a calma e a tranquilidade. Além disso, seus chifres, bastante separados, se orientam para ambos os lados, sem deixar entrever nenhuma agressividade.



Estamos portanto ante um touro tranqüilo que aspira à quietude, a segurança, que demonstra uma força tranqüila, satisfeita, abandonando sua posição de descanso apenas para buscar o que necessita. Nunca faz mais esforços que os necessários. Seu olhar é fixo. Como sabemos, o nativo de Touro do primeiro decanato é quase sempre um ser de grande sentido comum, de muita sensatez, porém com tendência a idéias fixas.

O TOURO DO SEGUNDO DECANATO

de 1º a 11 de maio, aproximadamente
A cabeça está ligeiramente levantada para o céu, coroada por dois chifres que, juntos, formam uma magnífica Lua crescente. Apresenta-se de pé com atitude orgulhosa. Anda da direita para a esquerda em plena luz do dia — desta vez, portanto, no sentido do Zodíaco —, em uma pradaria verde, a pata dian-

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



O TOURO DO TERCEIRO DECANATO

de 12 a 21 de maio, aproximadamente

O terceiro animal apresenta-se com uma atitude pelo menos surpreendente, porém apenas na aparência, pois na realidade, como veremos, corresponde perfeitamente aos elementos revelados pelo terceiro decanato deste signo.

Trata-se desta vez de um touro, cujo corpo pode parecer robusto, menos forte que o touro do segundo decanato, mas que dá a impressão de peso, de massa, de força esmagadora, de gravidade.

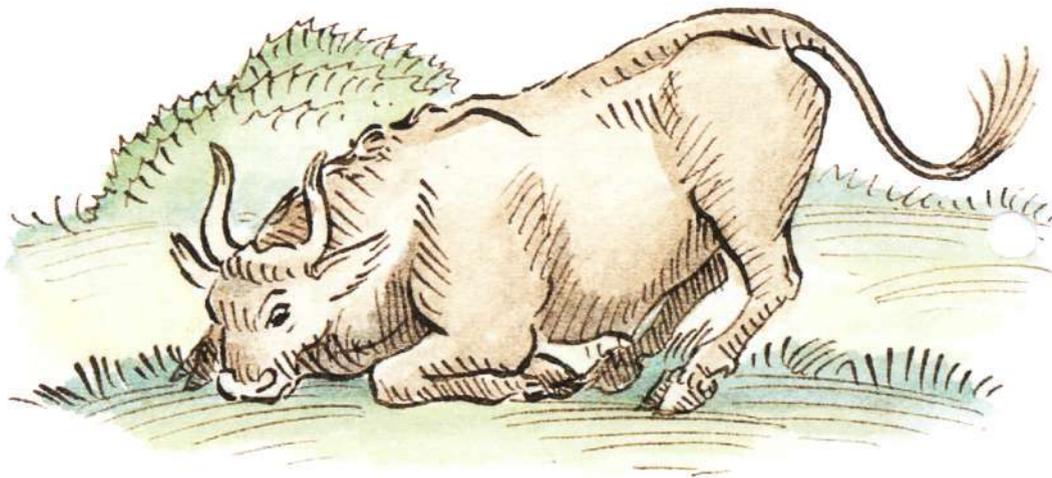
Mantém-se de pé com suas patas traseiras, enquanto que as patas dianteiras se dobram sob ele, como se estivesse meio deitado, inclinando a parte frontal de seu corpo para o solo. Ao seu redor, a paisagem é menos frondosa que no segundo decanato, como querendo atrair toda nossa atenção para o protagonista. Sobre sua cabeça, com os olhos dirigidos para o solo, as pontas de ambos os chifres, muito juntas, se dirigem para o céu. A massa imponente de seu corpo, esta postura que o apresenta como derubado sobre a terra, suas patas traseiras dobradas e bem plantadas no solo, revelando a potência de sua parte traseira, são elementos que evocam o peso e a intensidade de Saturno, regente do terceiro decanato, que confere a este nativo realismo, sentido do concreto, capacidade de realização e convicções inquebrantáveis.

Como vemos, estas representações simbólicas do segundo signo do Zodíaco distam muito da figura do Minotauro, monstro mítico grego que tinha o corpo de homem e a cabeça de touro, que se alimentava de sete rapazes e sete moças todos os anos, o guardião do labirinto que Teseu, com a ajuda de Ariadne, conseguiu recorrer até o final. Está também distante do touro furioso cujo golpe faz tremer a terra.

teira dobrada, com passo aparentemente seguro, e sua cauda dirigida para o céu.

Este touro está plenamente integrado em seu meio natural. Confunde-se com a paisagem que o cerca. Está em seu elemento. Sabe onde vai, o que quer e o que faz. No entanto, apesar da potência que aparenta, detectamos certa leveza em sua atitude. Reflete o estado de receptividade no qual se encontra, o fato de encontrar-se em total identificação com a natureza, presa das pulsações instintivas reveladas por este período do ano dedicado à procriação

Aqui, os símbolos juntos da Lua e da terra verde, cujos caracteres são femininos, e o touro, solidamente plantado na paisagem, cujo princípio é masculino, são representações da fertilidade, nome deste decanato. Estamos portanto ante o reencontro das polaridades psíquicas e sexuais do feminino e do masculino dispostas a unir-se. Este touro nos lembra inevitavelmente o boi de Ápis, o grande distribuidor de vida da mitologia egípcia, e do qual Menes, primeiro faraó histórico, foi o unificador do Baixo e Alto Egito por volta de 3200 a. C.



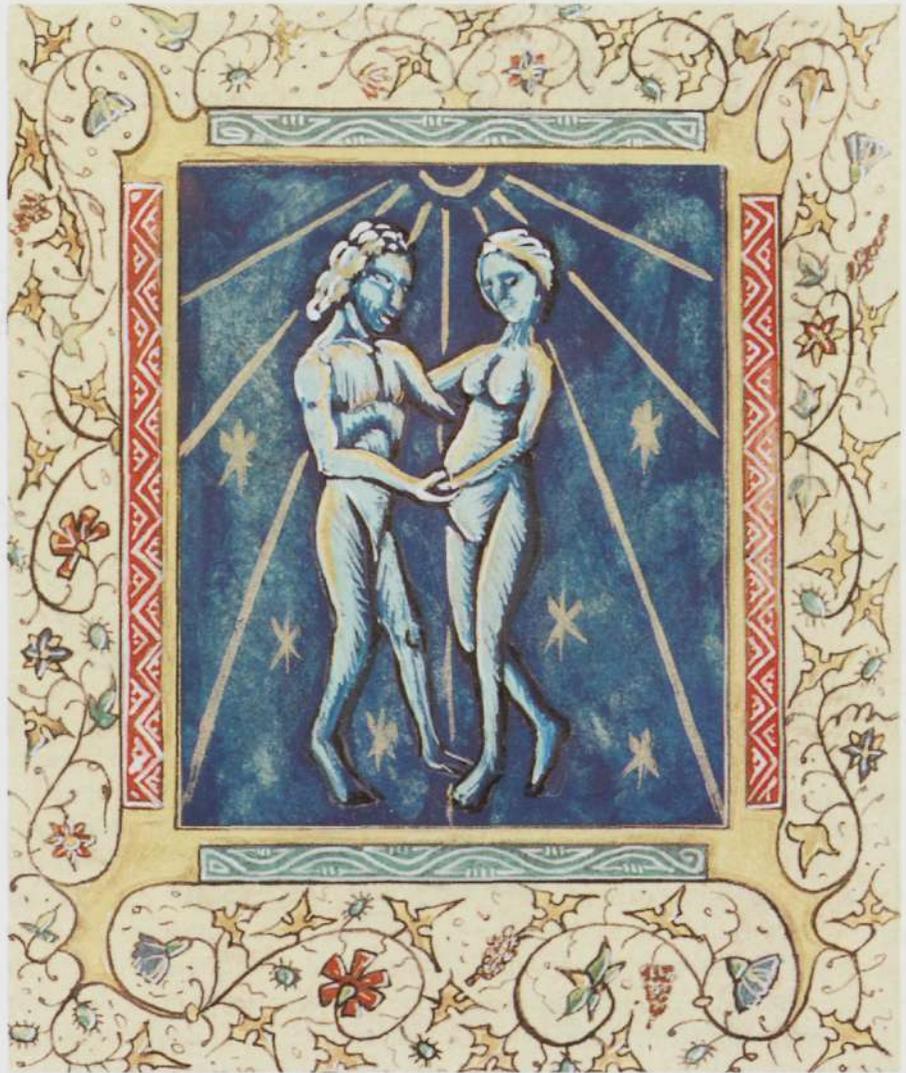


Mitos e símbolos dos signos do Zodíaco

Os símbolos vivos de Gêmeos

Existem três Gêmeos duplos com múltiplas facetas, mas cada um deles é único no seu gênero, como ilustram cada uma das três figuras simbólicas deste signo.

Os mitos de Gêmeos fazem sempre alusão à dupla personalidade do homem. Na Mesopotâmia eram chamados Grandes Gêmeos. Estes dois seres de aparência semelhante simbolizam, quase sempre, um o espírito do bem e, o outro, o espírito do mal, sem que nada no seu aspecto físico nos permita distingui-los. A boa consciência e o espírito maligno empregam muitas vezes a mesma voz para nos falar: evidentemente, a nossa. Então, descobrimos que há sempre duas vias possíveis em nós, duas vezes em uma, cujo discurso pode parecer perfeitamente idêntico, mas não suas intenções. Em muitas cosmogonias admite-se e mostra-se com evidência a natureza andrógina do ser humano. Assim, uma lenda esquimó, transmitida pelo explorador Knud Rasmussen, é análoga ao nascimento de Eva segundo o relato bíblico: "Dizem que, em outros tempos, o mundo se partiu em pedaços e todos os seres vivos foram destruídos. Caíram do céu fortes trombas de água e a Terra foi destruída. Em seguida, apareceram dois homens na Terra. Vinham das montanhas da Terra; nasceram assim. Já eram adultos quando emergiram do solo. Viviam juntos como marido e mulher, e ao fim de pouco tempo, um deles transformou-se em criança. Depois, o que tinha sido marido cantou uma canção mágica: 'Aqui um ser humano, aqui um pênis. Que sua abertura seja ampla e espaçosa. Abertura, abertura, abertura'. Quando cantou estas palavras, o pênis do homem partiu-se com grande estrondo e converteu-se em uma mulher, que deu à luz uma criança. Graças a eles três, a humanidade multiplicou-se."



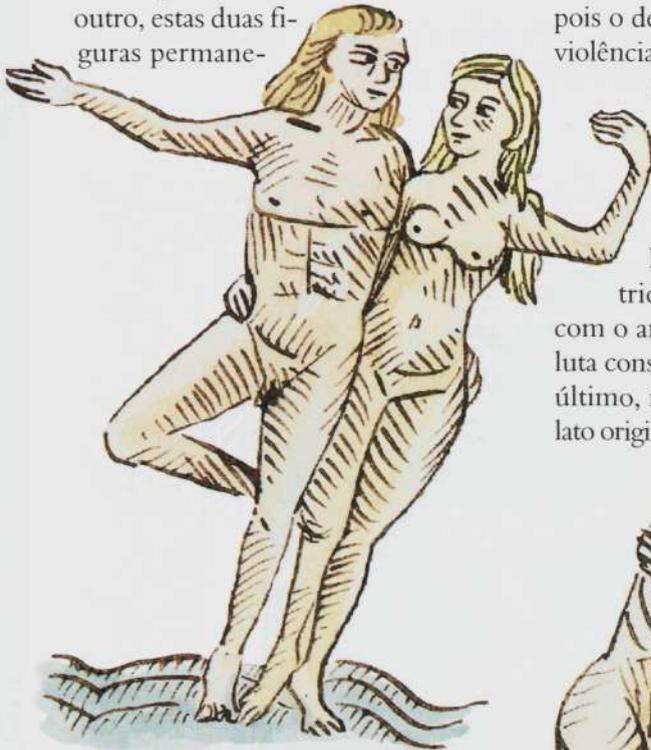
OS GÊMEOS DO PRIMEIRO DECANATO

de 21 a 31 de Maio, aproximadamente
Os dois personagens que representam os primeiros gêmeos do Zodíaco estão nus, juntos e estreitamente entrelaçados. Não há nenhuma dúvida de que se trata de um casal, o homem à direita e a mulher à esquerda. O braço direito da mulher totalmente escondido atrás do corpo do homem, o braço esquerdo do

homem oculto atrás do corpo da mulher, de maneira que o braço direito do homem e o esquerdo da mulher, dobrados e levantados para o céu, formam um ângulo de 90 graus. Estes dois personagens dão a impressão de formar um só corpo com duas cabeças. São quase siameses. A primeira coisa que os distingue, no entanto, é a força que emana do rosto do homem e a doçura que provém do rosto da mulher.



Por outro lado, a perna do homem está ligeiramente dobrada, um pouco como a atitude do Enforcado do nosso Tarô adivinhatório, enquanto a mulher tem as pernas tensas. Colados um ao outro, estas duas figuras permane-



cem de pé, mas seus corpos inclinam-se para a esquerda, formando um ângulo de 70 a 80 graus, aproximadamente, e deste modo indagamos como é possível que, nesta posição, não caiam. Simplesmente, porque, como Netuno, o planeta regente deste decanato, eles são arrastados pelas torrentes, correntes de pensamentos e idéias próprias de Mercúrio, regente deste signo, e dão a impressão de não estarem imersos ainda no universo da dualidade. São verdadeiros gêmeos, isto é, estão unidos um ao outro no mesmo embrião original.

OS GÊMEOS DO SEGUNDO DECANATO

de 1º a 10 de Junho, aproximadamente
A dualidade aparece no segundo decanato. Mais que uma dualidade, trata-se de uma oposição, uma luta, um combate ou dança ritual, cujo desfecho será sem dúvida mortal. Com efeito, os gêmeos deste decanato são dois homens

jovens, parecidos entre si e que lutam juntos. O da esquerda está prestes a cair, e seu companheiro, inclinado por cima dele, não sabemos bem se está agarrando ou empurrando o outro para o chão, pois o desenho é ambíguo. Trata-se de violência e luta? Ou, então, convivência e benevolência? Devemos pensar nos irmãos Caim e Abel, por exemplo, cuja história simbólica tem um alcance maior do que um simples relato que ilustra um conflito fratricida, ou no combate de Jacob com o anjo que, de fato, se enfrenta e luta consigo mesmo? Em relação a este último, no relato original



da Bíblia, a palavra utilizada para descrever esta luta significa também "abraço".

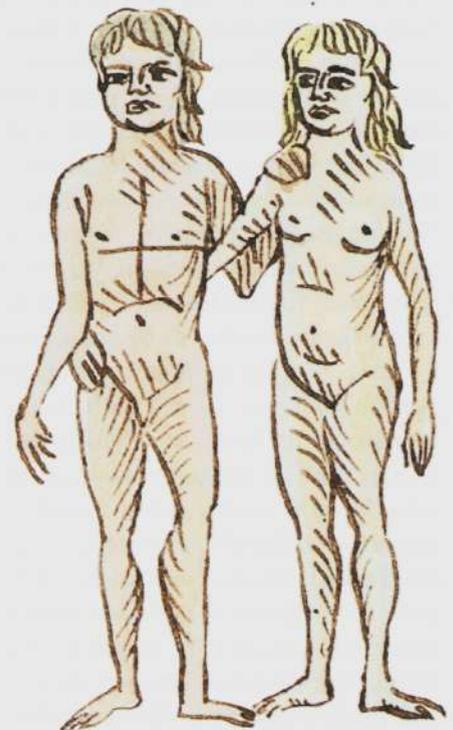
Com base nisso, vemos mais claramente a ambigüidade que emana do desenho que figura neste decanato, onde nos perguntamos se os dois personagens lutam ou se abraçam, combatem ou dançam...

OS GÊMEOS DO TERCEIRO DECANATO

de 11 a 20 de Junho, aproximadamente
A imagem que simboliza o terceiro decanato é a que escolhemos quase sempre para representar este signo duplo. Trata-se de um jovem e de uma jovem em pé, com a mão esquerda do jovem pousada sobre o ombro da jovem, a mão direita da jovem pousada sobre a anca esquerda do jovem.

Efetivamente, estes dois personagens se parecem de forma surpreendente. Ao observá-las, vem à nossa memória o arcano maior do Sol, que apresenta certas analogias com este decanato, chamado "Discernimento". A mão do rapaz colocada sobre o ombro da jovem remete-nos para tudo aquilo que o ombro simboliza: o extremo final do homem, a Terra prometida, a Sabedoria revelada, a nova aurora. Quanto à jovem, se sua mão se encontra na anca do jovem, é para sublinhar que, tal como Jacob desconjuntou uma articulação da perna durante a luta contra o anjo (Gênesis, 32 25), o homem é coxo. Falta-lhe uma parte de si mesmo, e o que simboliza o ombro de uma mulher, corresponde à anca no caso do homem.

Assim, ao longo dos três decanatos deste signo, partimos de um par original, não diferenciado, para acabar na união dos contrários que, no



fundo, se parecem, passando pela dualidade.

Encontramo-nos aqui em um universo onde domina o jogo de relações. Tal como no combate entre Jacob e o anjo, neste jogo, quem perde ganha.



Mitos e símbolos dos signos do Zodíaco

Os símbolos vivos de Câncer

Caranguejo de rio ou caranguejo de mar, o nativo deste signo vive à flor da água, daí sentir-se tão à flor da pele. Mas muda um pouco dependendo de seu decanato.

Você já notou que o sentido dos astros no Zodíaco, e a ordem em que ocorrem, seguem a mesma direção que o sentido da água na Terra? Claro que existe uma explicação física para isso. Atualmente sabemos que o movimento de rotação da Terra não é alheio ao movimento aparente dos astros de leste para oeste, e que esta mesma revolução da Terra em redor de seu eixo é a que arrasta com ela rios e afluentes em uma direção ou em outra. No entanto, o que nos interessa da simbologia do signo de Câncer é, por um lado, o movimento seguido pelas correntes de água na Terra e, por outro, o fato dos três caranguejos que figuram nos três decanatos deste signo de Água, sensível e quente, se dirigem de leste a oeste. De forma que, apesar da profunda união do nativo ao seu passado ou simplesmente ao passado — uma das características mais importantes deste signo —, estes caranguejos seguem as correntes no bom sentido; nunca parecem nadar contra a corrente para voltar a subir às nascentes.

Devemos reconhecer que, mais uma vez, é totalmente paradoxal. De fato, nos encontramos novamente diante do mesmo caso da figura do signo de Touro, onde em nenhum momento se trata de um mito do touro furioso ou imolado no altar do sacrifício. Do mesmo modo que o Zodíaco não é a arena do touro, o signo de Câncer, revisto e corrigido pelos povos da Europa, anulou o caranguejo de pinças ofensivas-defensivas, nadando para trás ou caminhando de lado. Só ficam dois caranguejos de rio e um de mar, os três quase na mesma



posição, nadando no sentido da corrente, ou seja, no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio; portanto: retrocedendo no tempo.

E é assim que este signo do Zodíaco avança, caminhando para trás. Mas quando, como bom caranguejo, lhe ocorre nadar realmente retrocedendo em vez de avançar, vai contra a corrente e sempre para trás.

O CARANGUEJO DO PRIMEIRO DECANATO

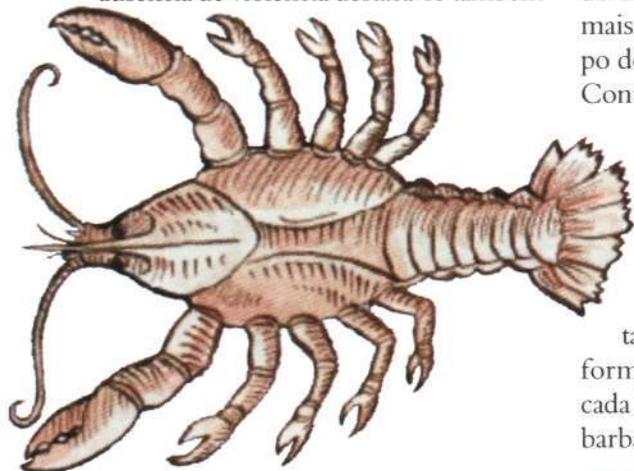
de 21 de junho

a 1.º de julho aproximadamente

A primeira figura do signo de Câncer é a de um magnífico caranguejo de corpo alargado e gordo. Sua cauda-barbatana é bem desenvolvida, o que demonstra que sabe recuar perfeitamente em caso de perigo.



No entanto, o que ressalta, principalmente, de sua carapaça é o fato de ser redonda, a suavidade das curvas do seu corpo, que não deixam entrever nenhum presságio de agressividade. Esta ausência de violência destaca-se também



pelo fato de suas duas pinças, nas quais adivinhamos sua potência, estarem fechadas e dispostas de tal maneira que nos lembram uma pessoa abrindo os braços, como que pronta para receber, abraçar ou estreitar.

Finalmente, suas duas antenas são muito longas. Saem de seus olhos para se unirem no final de suas pinças, as quais, porém, não tocam, pois formam duas curvas viradas sobre si mesmas e para suas extremidades, simbolizando neste caso a doçura, a receptividade e a hipersensibilidade características deste símbolo. Tudo em sua atitude sugere um animal passivo, imóvel, que se deixa levar pela corrente, que vive tranquilamente à flor da água, respirando doçura, bem-estar, essa mistura de calor e frescor que cria a umidade de um momento onde o tempo parece estar suspenso.

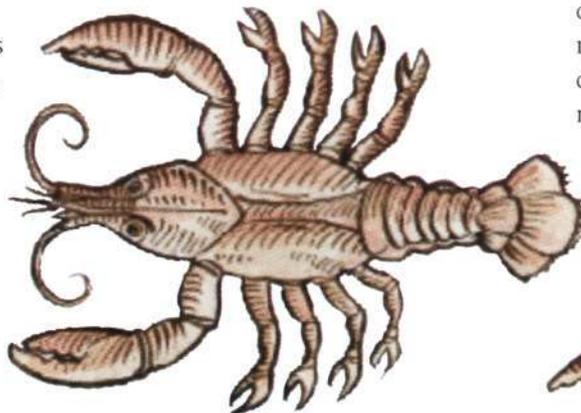
Com esta representação do primeiro decanato de Câncer, que age sobre as emoções e cujo regente é Vênus, encontramos no universo da emoção em estado puro, que se traduz em uma espécie de sintonia com seu meio. Com efeito, este caranguejo imóvel mergulha nas águas do passado e, ficando em seu lugar, retém o presente. Pensa bem antes de progredir e avançar para o futuro.

O CARANGUEJO DO SEGUNDO DECANATO

de 2 a 12 de julho aproximadamente

Neste caso, é também um caranguejo de rio que figura no segundo decanato do signo, mas desta vez de tamanho mais modesto que o primeiro, e de corpo delgado e comprido.

Contrariamente ao anterior, sua cabeça não é arredondada. Forma um ângulo agudo e seus olhos estão de lado. Suas antenas são muito mais curtas e estão curvadas para o interior. Suas patas dianteiras, providas de pinças fechadas e orientadas para a frente, já não são abertas; formam quase um ângulo de 90° em cada lado de seu corpo. Finalmente, sua barbatana traseira é muito mais elabo-



rada. É composta por três ramos, um pouco como as três folhas de um trevo ou como três meias luas coladas umas às outras. Destaca-se, portanto, por atrair nossa atenção para o fato de uma espécie que possui esta barbatana ter grandes capacidades defensivas, pois efetivamente, quando se sente em perigo, o caranguejo ativa sua barbatana para recuar.

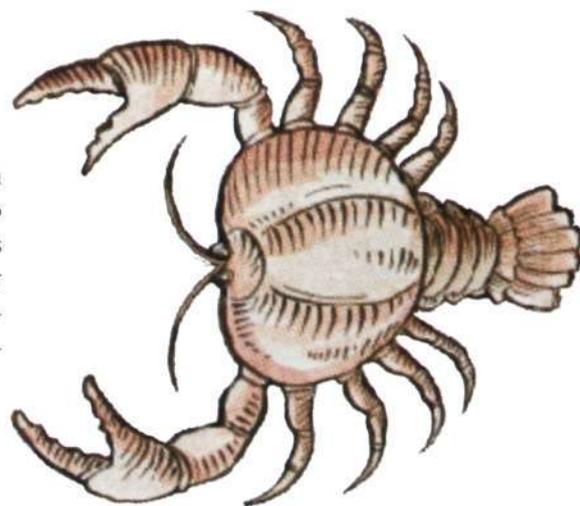
A atitude que se representa neste caso sugere menos receptividade e sintonia com seu meio, mas alude a uma certa interiorização, talvez uma atividade cerebral, como se este animal estivesse prestes a agir, como se estivesse refletindo, meditando ou à espera de um sinal. Lembremos que esta imagem simboliza o segundo decanato deste signo, cujo regente é Mercúrio, e atua sobre as revelações.

O CARANGUEJO DO TERCEIRO DECANATO

de 13 a 22 de julho aproximadamente

Nosso terceiro símbolo vivo de Câncer já não é o caranguejo de rio mas de mar. Esta diferença de representação é muito importante, pois o simples fato do caranguejo de rio ser um crustáceo que vive nas águas doces afasta-o completamente do caranguejo do mar, que vive nas águas salgadas do oceano. Deste modo, a carapaça do caranguejo de mar do terceiro decanato de Câncer não é tão angular quanto a dos caranguejos que costumamos ver em nossas praias. Apresenta uma forma redonda, ovalada. Suas oito patas estão curvadas em forma de lua crescente, tem as pinças abertas, para a frente e com medidas bastante desproporcionais e ameaçadoras. Sua cabeça é redonda e não se vêem os olhos, dissimulados por baixo das antenas.

Quanto à sua cauda-barbatana, esta parece acrescentada, presa à carapaça. Possui seis extensões presas umas às outras.



Trata-se pois de um caranguejo estranho, cuja carapaça redonda sugere muita doçura, mas cuja posição deixa de ver claramente sua atitude defensiva-ofensiva. Ilustra à perfeição as características do terceiro decanato deste signo, que age sobre a sensibilidade e cujo regente é a Lua, no centro da qual se exaltam os valores receptivos de Câncer.



Mitos e símbolos dos signos do Zodíaco

Os símbolos vivos de Leão

Três leões fantásticos e generosos, majestosos e dominantes, selvagens ou domesticados, reinam no quinto signo do Zodíaco.

Feliz o leão que será comido pelo homem, e o leão se tornará homem, e profanado é o homem que o leão comerá, e o leão se tornará homem”, diz o evangelho apócrifo de Tomás.

O leão de que fala este evangelho não é a figura generosa e régia do nosso Leão do Zodíaco, mas uma representação do Diabo que tenta devorar e absorver o homem, tentando-o.

A força física e a potência dominadora, que caracterizam o nativo de Leão, e que coincidem com uma certa supremacia de instintos controlados, podem também revelar-se como instrumentos de posse e de fixação de energias aprisionadas no ciclo incessante dos renascimentos.

Já dissemos que os nativos de Leão são muitas vezes seres que, em princípio, exercem o poder de sua vontade sobre aquilo e aqueles que os cercam.

Sabemos, por outro lado, que Leão é um signo fixo que, como seu nome indica, fixa as qualidades que revela nas pessoas nascidas sob seu domínio.

Neste caso, o elemento que por analogia se fixa é o Fogo.

No entanto, sua função não é a de fixar, mas a de queimar, para produzir calor e energia, para transformar e purificar.

Como Prometeu, o nativo de Leão tem tendência para roubar o fogo dos deuses que arde nele, a desviá-los dos instintos divinos a seu favor, fixando-o nele para dominar e reinar sobre o mundo.

Mas a mensagem transmitida pelo sétimo versículo do Evangelho de Tomás revela que, no fim de contas, este fogo



divino não pode ser subtraído à sua função primeira e definitiva, que é libertar o homem da morte.

Não esqueçamos que o signo de Leão coincide com a estação da colheita, simbolizada pela foíce ou gadanho da morte.

Ao utilizar o fogo divino em seu próprio proveito para dominar o mundo, às escondidas do Diabo, Leão simbolicamente colhe a morte.

E ao fazer isto, suas energias se degradam. No entanto, Ra, deus do Sol egípcio, e mais tarde Cristo, foram representados pelo leão mítico. O leão, por obra de sua vontade e do sopro divino que nele reside, consegue a imortalidade sem desviar as energias primordiais de sua meta, ou, mais exatamente, deixando-as circular livremente para que regenerem o homem, para que o tornem imortal e vitorioso.



O LEÃO **DO PRIMEIRO DECANATO** *de 23 de julho a 2 de agosto* *aproximadamente*

Nossa primeira figura é a de um leão do qual emana uma força tranqüila, mas também um certo pesar e tristeza. É belo mas



não é brilhante. Tal como se apresenta diante de nós, caminha solitário na selva, com a pata direita ligeiramente levantada da terra firme, enquanto as outras três patas estão solidamente postas no chão, o que indica que avança com um passo pesado. Porém, seu corpo não tem um aspecto maciço. Possui até uma certa nobreza, com sua bela juba repartida em quatro ondas distintivas em sua nuca, espalhando-se amplamente sobre suas costas, e que parece resvalar de sua cabeça em grandes caracóis sobre seu corpo, até quase varrer o chão.

Mas uma sensação de massa, de peso, emana do seu aspecto. Sua cabeça está inclinada para a frente. Percebemos um gesto triste, uma espécie de escárnio ou de críspação, embora curiosamente também de paz, como se suportasse as duras realidades da vida sobre suas costas, mas como que de resignação. Estamos na presença do Leão saturnino, dominador e egocêntrico, o mais introvertido dos nativos deste signo que, sob uma calma aparente, pode chegar ao extremismo.

O LEÃO DO SEGUNDO DECANATO *de 3 a 12 de agosto aproximadamente*

Depois do Leão triste e concentrado, encontramos o Leão feliz, gozador, jupiteriano por assim dizer. Emana alegria

de viver. Sua necessidade de aparentar, de atrair a atenção, de despertar admiração, emana de toda sua atitude.

Dá uma impressão de leveza que nos faz pensar em um cão que se ergueria nas patas traseiras para obter o prêmio que deseja. Ergue-se nas patas traseiras, com as dianteiras levantadas e semidobradas, e todo o corpo inclinado para a frente, com flexibilidade e dinamismo. A cauda levantada forma um S perfeito terminando em um belo penacho. A juba fabulosa forma numerosas ondas em volta da cabeça, enredando-se umas nas outras e cobrindo-lhe o peito.

Tem os olhos abertos — embora sua posição de perfil só nos permita ver um deles —, olhan-



do em frente, como se observasse alguém fixamente. Outro sinal distintivo que nos faz pensar em um cão que “dança” é a língua que pende de sua boca. Como vemos, este animal, bem simpático e divertido, parece um animal domesticado.

O LEÃO DO TERCEIRO DECANATO *de 13 a 23 de agosto aproximadamente*

É o mais misterioso e intenso dos três. Em primeiro lugar, permanece sobre as quatro patas imóvel, com a cabeça e o

olhar fixo em nós, mas encontra-se no sentido contrário aos dois leões anteriormente descritos. De fato, antes de se deter a olhar-nos nos olhos, parecia dirigir-se para a direita. Está levantado, com as duas patas dianteiras afastadas, sua pata esquerda traseira quase centrada sob seu corpo, sua pata direita traseira afastada na parte posterior, e as quatro solidamente assentadas no chão, que parece ser o único décor, como para sublinhar que este leão tem raízes.

Seu corpo é flexível, musculoso e felino, a cauda passa entre suas duas patas posteriores, sob o ventre, formando um caracol cujo extremo se eleva orgulhosamente para o céu.

Quanto à sua juba, provoca uma impressão sobrenatural pelo fato de parecer formar um caracol compacto em volta de sua cabeça. Esta última parece uma máscara, que não deixa de recordar a de Jean Cocteau para Jean Marais, em seu filme *A Bela e o Monstro*. Os olhos, o nariz, a boca, a cabeça de leão, têm algo de humano, fascinante



e inquietante. A parte inferior da juba faz lembrar mesmo uma barba encarpinhada. Estamos no universo plutoniano da besta humana, de certa maneira, do poder e do domínio em estado selvagem. Nele, o limite que separa o homem do animal é tênue, estreito, muito delicado.



Mitos e símbolos dos signos do Zodíaco

Os símbolos vivos de Virgem

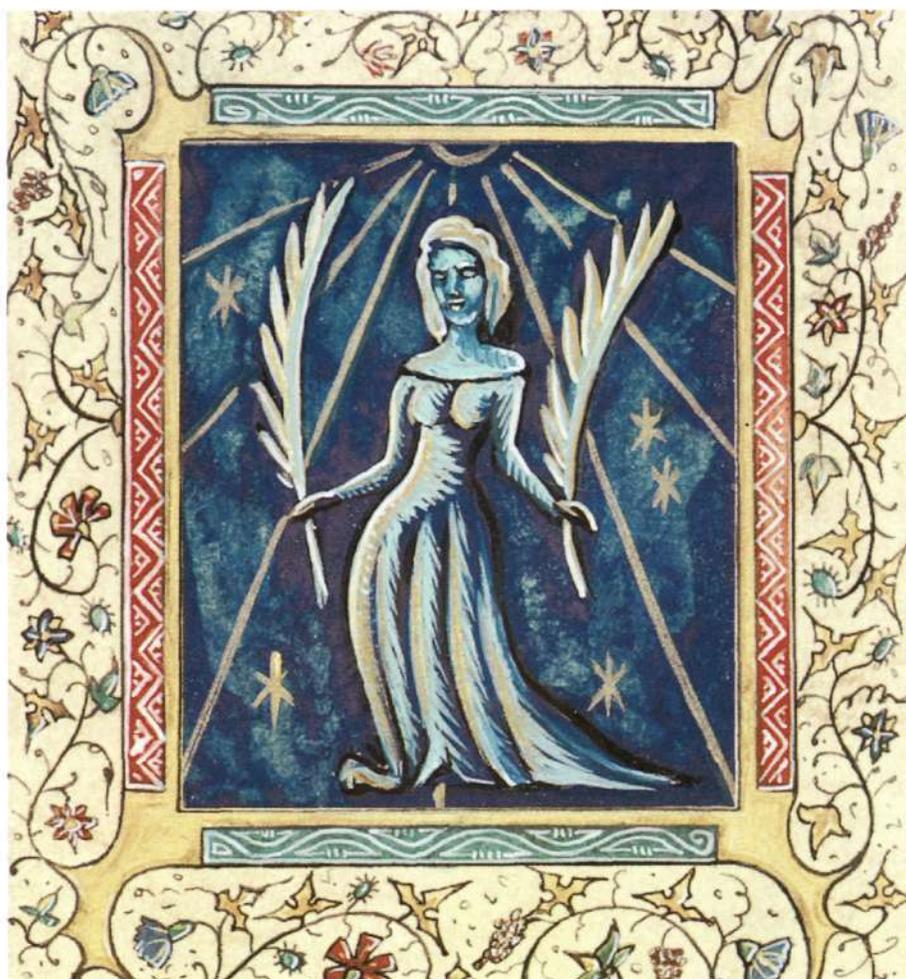
Virgem: A virgem prudente ou a virgem inepta? Isto é algo que nos podemos interrogar se levarmos em conta a parábola recolhida no Evangelho Segundo São Mateus (Mt. 25, 1-13).

Ao longo dos três decanatos da Virgem, passamos da sabedoria à loucura, porém sempre de forma razoável. É loucura ser sábio? É sabedoria estar louco? As respostas a estas duas perguntas é: sim e não, dependendo dos casos e das circunstâncias.

No nativo de Virgem — que tem tendências para se fixar nos detalhes, para ver ou para encontrar o grão de areia que bloqueia a engrenagem e que, naturalmente, escapa à busca minuciosa e obstinada dos outros —, o prazer da análise torna-se muitas vezes obsessão e mania, porém procede de uma loucura tranqüila e razoável.

É bem sabido que os loucos têm um raciocínio lógico; tão lógico que é difícil trazê-los à razão. O nativo de Virgem é às vezes tão sensato, tem tudo tão bem organizado na cabeça que, em compensação, necessita entregar-se na vida a uma certa fantasia desordenada e desgovernada. Ou então tem uma sensação de possuir uma personalidade tão pouco ou tão mal estruturada que duvida de si mesmo e identifica-se com tudo que lhe permita reter sua atenção sobre algo de concreto ou particular e, em consequência, poder criar uma certa ordem. Face a si mesmo ou à vida, o nativo de Virgem tem uma atitude às vezes prudente, às vezes inepta; como todo mundo, poderíamos dizer. Claro, porém algo mais que todo mundo, ou pelo menos de uma maneira mais específica no que a ele se refere.

O signo de Virgem é o sexto signo do Zodíaco, o que, psicologicamente, co-



responde ao que chamaríamos da etapa da diferença, ou seja, na evolução da criança, é o período em que sente que já não faz parte do corpo da mãe e que é um indivíduo de pleno direito.

Nesta fase o nativo de Virgem tenta diferenciar-se, marcar e procurar sua diferença, consciente de estar louco ou louco por ser consciente, conforme for o caso e as circunstâncias.

VIRGEM DO PRIMEIRO DECANATO

*de 23 de agosto a 1 de setembro
aproximadamente*

A imagem deste primeiro decanato é uma figura mítica que possui algumas analogias com o décimo quarto arcano maior do Tarô adivinhatório, a Temperança. Trata-se de um anjo. E quando se diz que os anjos não têm sexo, a representação simbólica do primeiro decanato de Virgem demonstra-nos o con-

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



inepta, às vezes demasiado sensata. Na realidade, possui uma natureza profunda e discretamente sentimental, embora alguns arrebatos de loucura a obriguem a confrontar-se com seus próprios limites e diante deles sintase-se posteriormente culpada.

trário. Podemos ver claramente que se trata de uma mulher angélica, com uma admirável cabeleira entrançada, bem como asas abertas magníficas. Esta mulher, que é um anjo, está sentada no chão com as pernas cruzadas debaixo de um longo vestido que ondula em seu redor, no meio de um campo coberto de trigo. Na mão direita tem um molho de trigo, com o qual vai fazer um feixe, pois mostra na mão esquerda outras espigas que acaba de apanhar.

Seu rosto resplandece e nos olha com os olhos cheios de doçura. Parece que está imóvel, como se posasse para um pintor ou um fotógrafo. Encontramos no universo de uma Virgem com habilidade de inteligência, pois não existe uma correlação entre as mãos e a mente. Esta mulher é um anjo, visto que seu espírito se manifesta vibrante e vivo tanto em seu rosto como em seus olhos.

VIRGEM DO SEGUNDO DECANATO

*de 2 a 13 de setembro
aproximadamente*

Para alguns, pode ser surpreendente ver uma mulher, em princípio tímida, com o tronco descoberto, mostrando uns seios generosos, para ilustrar simbolicamente o decanato ao qual se costuma atribuir pudor e timidez. Pode parecer curioso que uma mulher pudica e tímida se exhiba ou ouse posar seminua para a natureza, diante do olhar de todos. Encontramos no universo de Virgem, às vezes prudente e às vezes



Seja como for, trata-se de uma mulher de uma beleza um tanto selvagem e simples, que caminha com aparente segurança, o resto do corpo coberto por um manto cingido, o rosto sorridente, agradável e acolhedor. Na mão direita segura um véu que deveria cobrir o peito e que se supõe ter acabado de tirar.

Porém não nos iludamos: não se trata nesta mulher de um gesto provocador ou de desafio mas sim de um gesto de renúncia. O nativo de Virgem do segundo decanato aspira à renúncia, a abandonar seus complexos, sua lucidez crítica, para conseguir entregar-se a seus sentimentos e às suas emoções.

VIRGEM DO TERCEIRO DECANATO

*de 14 a 22 de setembro
aproximadamente*

A figura simbólica deste signo é a mais prudente de todas. Porém, uma vez mais, será que devemos fiar-nos nas aparências?

É muito difícil pronunciar-nos vendo esta mulher em pé, ligeiramente de perfil, mostrando-nos seu lado direito. Usa um vestido que dissimula todo o corpo e que não deixa adivinhar suas formas. No entanto, tudo permite supor que se trata de uma mulher grávida.

Podemos adivinhar isso pela forma arredondada de seu ventre, mas também por uma serenidade tranqüila, isto é, o sentimento de grande plenitude que emana de seu rosto e de sua postura corporal. Não segura espigas nem feixes, porém tem as mãos estendidas para a frente em um gesto generoso de oferta e obséquio.

Usa uma cora de espigas, com os grãos de trigo grandes e dourados, e este tom dourado confunde-se e mistura-se com o de seus cabelos que ondulam e lhe cobrem os ombros descendo até abaixo de sua cintura ampla e generosa. Está imóvel porém não está estática.

Sua atitude e sua expressão fazem supor que está bem integrada no meio ou no contexto em que se move, atenta ao que acontece à sua volta, entretanto também concentrada e cheia de si mesma.

Todas estas qualidades se encontram muito bem definidas no terceiro decanato de Virgem, do qual Mercúrio é dominante, que tem por nome Altruísmo.





Mitos e símbolos dos signos do Zodíaco

Os símbolos vivos de Libra

Indecisão, dúvidas, irresolução, são com freqüência termos empregados para os nativos de Libra. As figuras dos três decanatos deste signo empregam uma linguagem muito diferente.

Em astrologia, como em qualquer outro âmbito, as idéias preconcebidas não são uma coisa fácil.

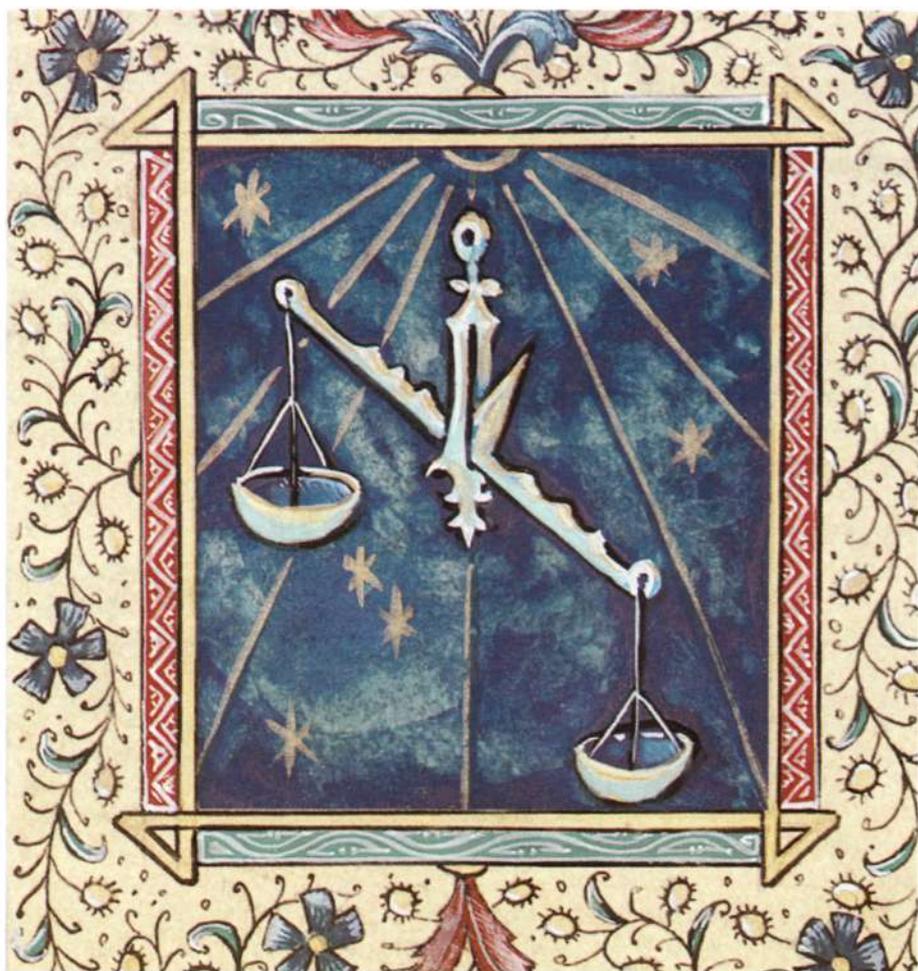
Todos sabemos que, desde o século XVIII e principalmente desde as três últimas décadas, se faz e diz qualquer coisa a propósito, ou a pretexto, da astrologia. Assim, foram transmitidos numerosos esquemas e lugares-comuns no que diz respeito às características fundamentais reveladas por cada um dos 12 signos do Zodíaco.

É deste modo que um nativo de Libra tem fama de ser um indivíduo perplexo, incerto, que balança sem cessar entre duas águas, duas alternativas possíveis, sem nunca se decidir nem se implicar em uma via concreta.

Se fosse tudo realmente certo, Miguel de Cervantes nunca teria criado Dom Quixote, nunca Giuseppe Verdi teria composto suas maravilhosas óperas, nem Auguste e Louis Lumière teriam sido considerados os inventores do cinematógrafo e, mais perto de nós, nem John Lennon, nem Gordon Sting teriam composto sua música. Pois todos estes personagens célebres são nativos de Libra. Por outro lado, se é certo que se deve prestar particular atenção às qualidades de justiça nos nativos deste signo, é necessário sermos mais precisos.

Aqui não se trata de justiça mas de precisão.

Os nativos deste signo preocupam-se menos com a lei e a ordem estabelecida do que com uma necessidade de equilíbrio e harmonia, às vezes obsessiva,



que os torna excessivamente perfeccionistas e susceptíveis. É assim que, com muita delicadeza, ajustam, adaptam, concretizam e, deste modo, fazem a lei e impõem sua ordem que, segundo eles, é a ordem das coisas.

É portanto por analogia que este signo se relaciona com os valores próprios da Justiça, o oitavo arcano maior do Tarô adivinhatório. Porém, não é o seu princípio original.

O signo de Libra não possui todas as características que são atribuídas à Justiça, tal como aparecem com clareza neste arcano: a saber, a balança, claro está, mas também a espada. A Justiça não se contenta em pronunciar um juízo.

Além disso, este precisa ser executado. Assim, *a priori*, um nativo de Libra não é propenso a fazer justiça, mas a fazer o que é justo.

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



LIBRA

DO PRIMEIRO DECANATO

de 23 de setembro a 2 de outubro
aproximadamente

A imagem que ilustra o primeiro decanato deste signo está relacionada com



a figura mítica de Proserpina-Perséfone.

Sua lenda ilustra claramente a dialética deste signo, preocupado por encontrar um compromisso e um meio termo em todas as circunstâncias.

Trata-se de uma bela mulher totalmente nua, mas nada provocadora.

Seria mais a inocência e a pureza o que emana do seu corpo e de sua nudez.

Inclina-se para a esquerda quando se olha para ela, ou seja para seu lado direito, tem o braço esquerdo caído ao longo do corpo, e a mão esquerda aberta e pousada na coxa.

O braço direito está ligeiramente dobrado e afastado do corpo, e, com a ponta dos dedos, roça ou acaricia o braço de uma balança bastante tosca, sem fiel, composta unicamente por dois pratos em forma de tigela de madeira, e pendurada em uma corda.

Encontramos esta mulher e sua balança em um ambiente totalmente despojado; não sabemos porque a mulher se mantém assim inclinada sem cair nem de onde pende a balança.

Seja o que for, estamos no universo do primeiro decanato deste signo, de que a Lua e Vênus são regentes, decanato de qualidades sensíveis, de virtudes femininas, como a doçura e a receptividade. Esta Libra não pesa nem julga. Estima, o que significa ao mesmo tempo amar e medir.

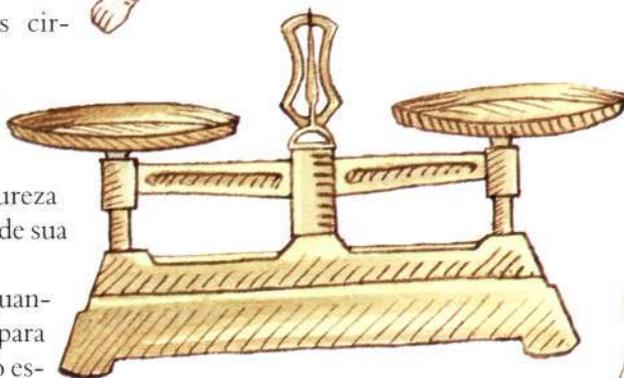
LIBRA DO SEGUNDO DECANATO

de 3 a 13 de outubro
aproximadamente

Desta vez trata-se de uma verdadeira o balança, com os pratos metálicos perfeitamente estáveis e no mesmo nível. Tem o fiel e também três eixos de apoio ou prismas de aço que a atravessam perpendicularmente.

Ao observá-la temos um sentimento de equilíbrio perfeito que nada deveria alterar.

Compreendemos que esta balança é uma autêntica ferramenta de medida, que serve para comparar os tamanhos, o que, recorde-se, constitui a primeira fun-



ção de uma balança. No entanto, nada nos indica o que se dispõe a pesar.

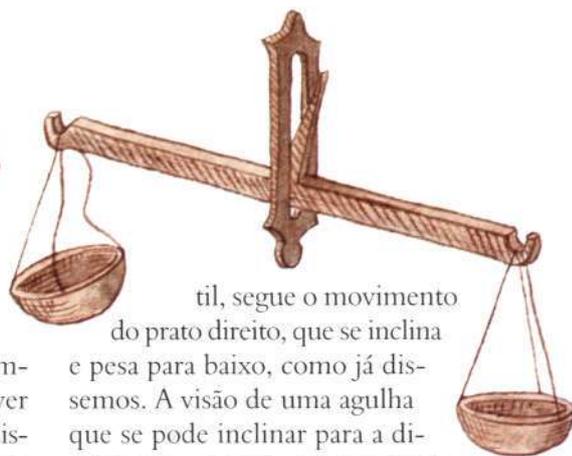
É uma balança, e nada mais, um símbolo em estado puro. Não se deve ver nele um símbolo da justiça, como já dissemos anteriormente, nem um símbolo da procura do equilíbrio perfeito ou da vontade de mantê-lo ou conservá-lo a todo custo. Não se trata de fazer inclinar um dos pratos arriscando-se a provocar uma grande desordem, de questionar tudo que era adquirido, estabelecido, instituído...

Não há nada ao redor desta balança estática e imóvel. Encontramo-nos no universo do despojamento próprio de Saturno, regente deste segundo decanato.

LIBRA DO TERCEIRO DECANATO

de 14 a 22 de outubro
aproximadamente

Deparamo-nos com um símbolo mais leve para ilustrar o terceiro decanato deste signo, que, ainda assim, leva o nome grave de Justiça. Trata-se de uma balança, apresentada novamente em um ambiente vazio, mas desta vez com vida, se podemos assim dizer. O prato da direita inclina-se nitidamente para a direita, enquanto o da esquerda está elevado. Além disso, a balança parece ter sido elaborada em madeira, o que lhe dá um aspecto bastante agradável, que nada tem a ver com a rigidez e a frieza metálica com que se representava o decanato anterior. Os pratos estão presos por três cordas de dois ganchos de madeira que configuram o extremo do braço. Por outro lado, possui uma particularidade interessante: o hastil (a barra horizontal) passa pelo interior de um pedaço de madeira oco e talhado. Uma agulha vertical, por cima do has-



til, segue o movimento do prato direito, que se inclina e pesa para baixo, como já dissemos. A visão de uma agulha que se pode inclinar para a direita ou a esquerda, a depender de que lado o prato pese, faz-nos pensar nos metrônomos que os músicos utilizavam. Estamos em um universo em equilíbrio instável, que alude a um movimento perpétuo, o do ritmo, mas também o da Justiça, que se balançam sem cessar.



Mitos e símbolos dos signos do Zodíaco

Os símbolos vivos de Escorpião

O nativo do primeiro decanato deste signo é impulsivo, o do segundo é indomável e o do terceiro é sentimental, tal como nos mostram estes três símbolos vivos.

Este signo do Zodíaco é conhecido, precisamente, por sua má reputação. Seria possível sabê-lo? Aqueles que transmitem as idéias recebidas e os lugares-comuns com relação à astrologia, por razões que já expusemos, dirão que estes nativos apresentam frequentemente um caráter anti-social e destruidor.

Isto nos leva naturalmente a interrogar-nos sobre os bons e os maus signos. Podemos ou devemos apenas fazer intervir tais juízos de valor, ao entrarmos no interior do Zodíaco? Acreditamos que não. Não existe nada fundamental e definitivamente positivo ou negativo na estrutura do Zodíaco, mas sim um jogo de qualidades — aqui é preciso dar às qualidades um sentido qualificativo, que faz com que cada um seja como é — contraditórias e complementares, o reflexo exato do que somos.

Por esta razão, se as qualidades que atribuímos ao signo de Escorpião e, neste caso, principalmente às suas fraquezas ou aspectos negativos, nos incomodam mais do que as pertencentes, por exemplo, a Touro, seu signo oposto, é porque, tal como somos, integramos mais facilmente os valores próprios do signo de Touro do que os de Escorpião.

Ainda assim, segundo os princípios universais de forças opostas e complementares que regem o jogo da vida, umas não poderiam existir sem as outras. Assim, concentrar-se e interessar-se por uma em detrimento das outras gera manifestamente um desequilíbrio coletivo — que chamaríamos hoje de ordem psi-



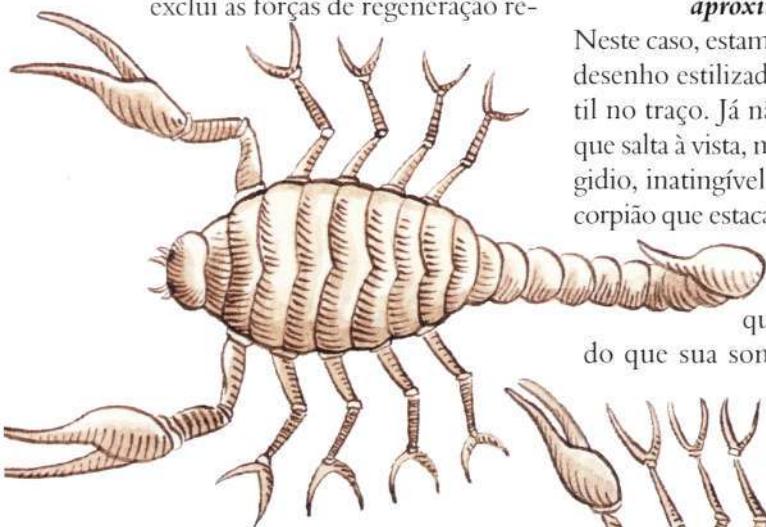
cológica, mas que já foi definido antigamente como doença espiritual — ao qual aquelas pessoas mais frágeis do que as outras são sensíveis. Isto pode ser a origem de certos movimentos inconscientes exacerbados, violentos, compensatórios. De fato, sabemos de sobra que cada vez que nos inclinamos demasiado em um sentido criamos uma desordem da qual, mais cedo ou mais tarde, sofreremos as conseqüências.

Assim, por exemplo, no que se refere ao eixo dos signos fixos de Touro e Escorpião, e sem querer tirar-lhe a importância, se nos concentrarmos precisamente em certas qualidades existenciais inerentes ao primeiro (posse, apego, conformismo, segurança), tentando eliminar, ignorar ou rejeitar as que se referem ao segundo (despojamento, desapego, anticonformismo, destruição), em lugar de viver estas últimas cons-

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



cientemente, sofremo-las. Esta é a verdadeira razão da má reputação que tem o signo de Escorpião: a maioria das vezes, principalmente no período em que vivemos atualmente, nós nos recusamos a ceder para sacrificar e semear para colher no futuro. Vinculamo-nos a uma interpretação muito conformista e segura da realidade que, quanto mais exclui as forças de regeneração re-



veladas pelo oitavo signo do Zodíaco, mais nos enfraquece.

ESCORPIÃO DO PRIMEIRO DECANATO

de 23 de outubro a 2 de novembro aproximadamente

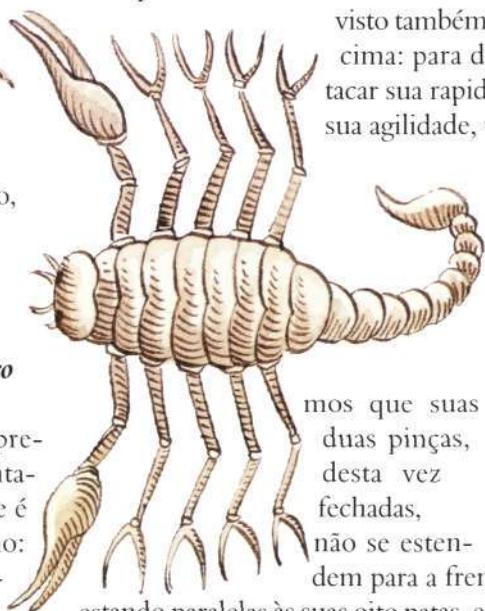
O primeiro dos três aracnídeos apresentados é perfeitamente representativo do regente deste decanato, que é ao mesmo tempo regente do signo: Marte! Trata-se de um escorpião, poderíamos dizer, observado por um pássaro. Seu corpo é muito alongado e possui oito patas. Quanto às pinças, estendem-se para a frente, ligeiramente por cima em relação ao corpo, em sinal de agressividade. Finalmente, sua cauda forma um semicírculo, o ferrão dirigindo-se para a frente, preparado para o ataque, preparado para picar. Nada indica, neste desenho, que o escorpião em questão esteja prestes a atacar, mas é mais prudente não nos aproximarmos dele. Estamos no universo de ímpetos e repulsas irreprimíveis, instintivos, essenciais, que a razão não consegue dominar, que implicam um certo caráter

primário animal que, freqüentemente, nos dá medo, que recusamos ou rejeitamos ao mesmo tempo que nos fascina e nos atrai, visto serem essas as grandes contradições apaixonadas.

ESCORPIÃO DO SEGUNDO DECANATO

de 3 a 11 de novembro aproximadamente

Neste caso, estamos em presença de um desenho estilizado, com algo de infantil no traço. Já não é a agressividade o que salta à vista, mas sim um aspecto fugidio, inatingível. Já não se trata do escorpião que estaca, preparado para o ataque, mas sim do animal indomável, que corre mais depressa do que sua sombra. Observemo-lo, visto também de cima: para destacar sua rapidez, sua agilidade, ve-



mos que suas duas pinças, desta vez fechadas, não se estendem para a frente, estando paralelas às suas oito patas, e do mesmo tamanho que elas, como se tivesse dez patas.

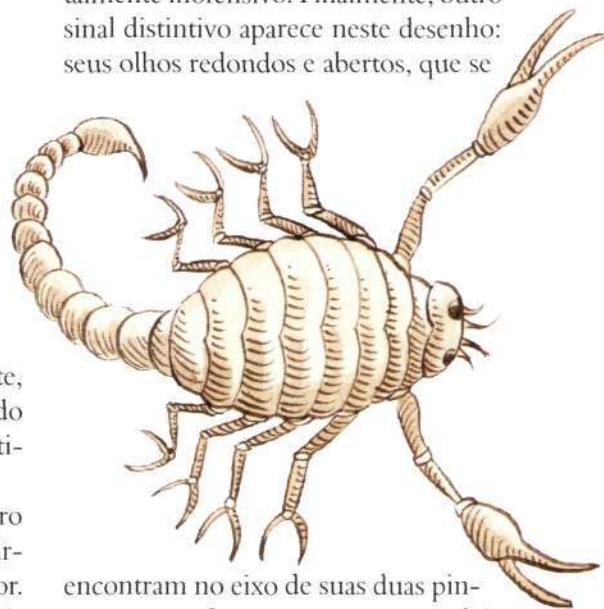
Por outro lado, seu corpo gasto é magro e leve, principalmente se o compararmos com o animal do decanato anterior. Finalmente, sua cauda é muito mais curta e seu ferrão não está elevado sobre sua carapaça, preparado para picar, mas sim dobrado para um lado, formando uma curva para a direita. Este escorpião simboliza o inconformismo, o espírito de rebelião provocador, desconcertante, alterado, dos nativos deste segundo decanato, que muitas vezes têm um caráter muito impulsivo e independente,

todas as qualidades que ressaltam de Urano, o planeta regente deste decanato.

ESCORPIÃO DO TERCEIRO DECANATO

de 12 a 21 de novembro aproximadamente

O símbolo do último decanato deste signo, fixo, e intenso, é a imagem de um escorpião nada agressivo mas que, por outros aspectos, nos faz lembrar o caranguejo do primeiro decanato de Câncer. O que nos salta à vista é antes de mais nada seu corpo ovóide, proeminente, e o fato de, contrariamente aos dois primeiros, estar orientado para a direita quando olhamos para ele. Entretanto, uma vez mais, apresenta-se como se estivessemos posicionados por cima dele. Suas patas, todas dobradas para trás, são pequenas, inclusive cada vez mais curtas ao longo de seu corpo. A cauda, dobrada para um lado, é longa e estreita. Quanto ao ferrão, parece totalmente inofensivo. Finalmente, outro sinal distintivo aparece neste desenho: seus olhos redondos e abertos, que se



encontram no eixo de suas duas pinças, que nos fazem pensar mais em dois braços abertos do que em instrumentos de guerra na defensiva ou preparados para a ofensiva. Este escorpião, que tudo nos indica está imóvel e receptivo, é totalmente representativo do nativo deste decanato, provido de uma intensa força psíquica, e cujo regente (Vênus) implica que confere um lugar importante a seus sentimentos e emoções.



Mitos e símbolos dos signos do Zodíaco

Os símbolos vivos de Sagitário

Sagitário, cujo nome significa “flecha”, é um ser mítico e fantástico em todo seu esplendor. Com ele pode-se dizer: diz-me para onde queres lançar tua flecha e te direi quem és.

O que é um centauro? O centauro é como o dragão, a Gárgula, a hidra de sete ou nove cabeças, o unicórnio ou mesmo o anjo. Todos são seres fantásticos saídos diretamente do universo dos mitos inventados pelos homens, saídos de sua imaginação, de sua psique ou, como se diria hoje, do seu inconsciente. Exercem sobre nós o mesmo fascínio que os dinossauros — esses animais de tamanho gigantesco vindos dos tempos remotos —, porque encarnam nossos instintos mais puros e porque, de certo modo — uma das teorias sobre sua extinção aponta para sua avidez —, inconscientemente nos identificamos com eles.

O CAVALO, O HOMEM, O ARCO E A FLECHA

Ao fim e ao cabo, quando observamos esta animal fantástico e irreal que simboliza o nono signo do nosso Zodíaco, que retém nossa atenção: o cavalo, o homem, o arco ou a flecha?

O centauro tem o corpo de um cavalo, mas em vez de uma cabeça de cavalo tem um busto de homem com cabeça e braços. É portanto um ser meio homem, meio animal. No entanto, se é a cabeça que rege este animal, então o homem domina sobre o animal. Mas, se é o corpo que exerce a supremacia, o cavalo predomina sobre o homem. Finalmente, o que marca a diferença é a flecha, já que em função da direção em que o centauro dirija seu arco — para a frente, para trás ou para cima — perceberemos qual parte de seu corpo privilegia.



Desta criatura mitológica, cujo corpo e cabeça têm grande importância, podemos tirar a seguinte conclusão: dependendo da nossa mente ou nossa atenção estar dirigida ou fixada sobre esta ou aquela preocupação, elevamo-la ou empobrecemo-la.

Quanto à sua representação, devemos procurá-la nos pictogramas que precederam a escrita. Seu princípio ba-

seava-se na representação pictórica do animal e do objeto que se pretendia nomear e em sua enumeração se se tratasse de vários ou se fossem diferentes.

Deste modo, reunindo os pictogramas homem/cavalo pretendeu-se designar o conceito cavaleiro, ou talvez homem nu cavalgando, fundindo-se com sua montaria, a ponto de se confundir com ela

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



e imaginando que forma um ser único e fantástico.

Mas, o que nos parece maravilhoso é que tais imagens nascidas da imaginação do homem tenham podido ter semelhantes ressonâncias psíquicas e que vindas do nosso passado longínquo, revelem pensamentos tão atuais.



SAGITÁRIO DO PRIMEIRO DECANATO

de 23 de novembro a 1 de dezembro
aproximadamente

O primeiro centauro de que vamos falar tem o corpo do cavalo dirigido para a esquerda, mas o busto do homem voltado para trás, à direita, com o arco esticado e a flecha dirigida também para trás, com a ponta no eixo preciso dos seus rins de animal e cauda em penacho. Encontra-se imóvel, disposto a disparar.

E se é certo que, no centauro, o cavalo e o homem se fundem formando um só ser, ao observar a imagem do primeiro decanato temos a sensação de que também se fundem com o arco, com a flecha, e mesmo com a alvorada, que não vemos, mas ele sim. Como a alvorada se encontra por trás dele, volta-se para seu passado. Mas, trata-se de um passado ambicioso, se assim podemos dizer, que mostra e atualiza simbolicamente, com a ponta da flecha.

Estamos no universo da sabedoria, que dá nome ao primeiro decanato de Sagitário, cujo regente é Mercúrio. Imerso no mundo de Júpiter e secundariamente de Netuno, que governam conjuntamente este signo, encontramos em um mundo de simplicidade e de inspiração que nos conduz até a sabedoria.

SAGITÁRIO DO SEGUNDO DECANATO

de 2 a 11 de dezembro
aproximadamente

Aqui nosso centauro vai para a frente. Galopa com o arco esticado e afastado do corpo. Imaginamos por isso que, a menos que tenha uma habilidade fora do comum, lhe custará atirar.

Porém, supomos que não atira nem uma só flecha pois leva a aljava às costas presa por



uma tira de couro que envolve seu corpo nu, cheia de pontas afiadas e emplumadas. O ardor, a foga e a energia emanam do movimento de seu corpo de cavalo, enquanto todos os músculos de seu tronco se retesam como seu arco. Se no decanato anterior nosso centauro se virava de forma decidida para o passado, este aqui é visto fixo no presente. Trata-se de um presente dinâmico, em movimento, em ação, nem por um instante estático nem fixo para sempre. Aqui o tempo não se detém. Corre para a frente. Não é o decanato da aventura mas sim das aventuras, simbolizado pelas várias flechas contidas na aljava do centauro e que lança aqui e ali, por onde quer que passe, ampliando assim seu campo de ação à medida que avança.

SAGITÁRIO DO TERCEIRO DECANATO

de 12 a 21 de dezembro
aproximadamente

À semelhança do centauro representado no primeiro decanato, este encontra-se imóvel. Seus cascos encontram-se solidamente assentados no chão. Suas patas firmes e centradas mostram-nos a fragilidade habitual nos cavalos. O busto do homem está ligeiramente inclinado para trás, o braço esquerdo esticado para o céu, os olhos fixos no eixo da flecha levantada para o céu. Se esta última simboliza o espírito, as idéias, as aspirações, o destino do homem, temos de acreditar que o espírito, as idéias, as aspirações e o destino do nosso centauro são ambiciosos e elevados, a ponto de se dizer do nativo deste decanato que está disposto a lançar a flecha mais longe do que ela pode alcançar. O que quer dizer que, no âmbito deste decanato, o alvo é um ideal.



De fato, estamos imersos no universo das convicções sólidas, representadas pelos cascos do corpo equino do nosso centauro que se confunde com a terra sobre a qual o nativo deste signo pode descansar para aprofundar seu conhecimento do mundo e da vida.

Assim dirigirá sua flecha para um objetivo idealista ou humanitário, uma causa nobre e generosa, ambas as causas fazendo avançar o Sagitário do terceiro decanato para o futuro.



Mitos e símbolos dos signos do Zodíaco

O símbolos vivos de Capricórnio

Dois cabras com cauda de peixe e uma cabra-montês que fecunda representam os três decanatos do signo de Capricórnio.

Enquanto Saturno é sem nenhuma dúvida o astro regente do signo de Capricórnio, não é exagerado dizer que, segundo a mitologia grega, foi Zeus-Júpiter quem pôs no céu a constelação deste animal maravilhoso e fantasmagórico, que tem uma cabeça e um corpo de cabra e uma cauda de peixe.

Literalmente, “capricórnio” significa “cabra ou bode com chifres”; ou melhor ainda, se remontarmos à origem grega deste nome, veremos que *aigokereus* significa o animal com “chifres de cabra”.

Para compreender o significado simbólico deste signo e do animal mítico que o representa, devemos, evidentemente, remeter-nos aos símbolos combinados da cabra e do peixe. Neste caso, é preciso dar um tom muito importante às interpretações que tiveram antigamente. Para os gregos, tratava-se de uma cabra mítica que amamenta, cujos chifres simbolizam a abundância, a fertilidade, a riqueza. Porém, na Europa, durante a Idade Média, a influência da Inquisição fez com que se comparasse os traços do bode endemoninhado, representando a lubricidade, o vício, a libertinagem e o mal.

Quanto ao peixe, pelo fato de nadar sob as águas profundas e primordiais do oceano, que cobrem a maior parte da Terra, está associado às forças vitais fecundadoras, à origem de toda a vida. Por isso, atualmente, em psicanálise, o peixe representa as camadas mais profundas e, muitas vezes, mais regeneradoras da personalidade.



Como vemos, os símbolos da cabra e do peixe esclarecem bastante este signo, que nem sempre é encarado com simpatia, mas sob um ângulo bem mais benéfico da fecundidade e da riqueza, como se encontrássemos as maiores riquezas que fecundam e regeneram nas camadas mais sombrias e austeras. Possivelmente, talvez seja esta a mensagem essencial e profunda que transmite o signo de Capricórnio: é no total despojamento que

se encontra a maior riqueza; é na noite que aparece o dia; é na escuridão que surge a luz.

O CAPRICÓRNIO DO PRIMEIRO DECANATO

*de 22 a 31 de dezembro
aproximadamente*

Nosso primeiro símbolo é representado por um animal fabuloso com cabeça e corpo de cabra e cauda de peixe. Mas,

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



neste caso, esta cabra possui uma certa graça, uma espécie de formosura. Deitada sobre as patas dobradas sob si mesma, a cabeça direcionada para a frente, angulosa, imóvel, mostrando uma certa força, orgulho, nobreza, parece fixar seu olhar em um ponto do horizonte. Quase se poderia desenhar um semicírculo perfeito por cima de seu corpo elegante, por trás de seu pes-



coço largo e forte, desde a ponta do focinho até o extremo de seus chifres lisos e ligeiramente curvados para baixo. Seu corpo parece cada vez mais delgado e estreito à medida que nosso olhar se dirige para a parte traseira que acaba em uma magnífica cauda de peixe. Esta descreve uma espécie de curva que passa por baixo de seu corpo deitado no chão, a barbatana da cauda está virada para o céu e forma uma espécie de flor, provida de três magníficas pétalas. Esta posição deitada, com as patas dianteiras sob o corpo — não há patas traseiras pois o corpo termina em uma cauda de peixe —, poderia ser considerado um sinal de humildade; mas também de espera paciente e expectativa. A imobilidade da cabeça deste animal fantástico e seus olhos fixos no horizonte representam a lucidez, a perspicácia do olhar penetrante, que não se fia nas aparências. Porém, sua cauda de peixe deixa supor que está ainda relacionado com o princípio fecundante, generoso e que, desta maneira, a presença de Júpiter, regente deste primeiro decanato, se faz notar ao lado do austero e lúcido Saturno, regente do signo.

O CAPRICÓRNIO DO SEGUNDO DECANATO

de 1 a 9 de janeiro aproximadamente

No universo de Marte, que rege este decanato, esperamos encontrar a imagem de um ser híbrido, metade cabra, metade peixe, muito mais primário. E sem dúvida é isto que acontece aqui. De fato, trata-se antes de mais nada de uma cabra selvagem, cujo corpo teria sido cortado ao meio e ao qual foi incorporada uma cauda de serpente ou de dragão dos mares. Desta vez, o animal mítico que figura no segundo decanato já não está ajoelhado, nem deitado, mas com as patas estendidas para a frente, a cabeça rígida, ligeiramente inclinada, a ponta dos chifres um pouco curvadas para cima, o pescoço coberto com pêlos eriçados, a longa cauda de peixe forma uma curva que passa por baixo de seu corpo e ondula para o céu como



uma serpente. Todas estas atitudes e características dão a impressão de uma força impulsiva e decidida, de potência ativa e concentrada, que são completamente representativas da presença da conjunção de Marte, regente deste decanato, com Saturno, regente deste signo.

O CAPRICÓRNIO DO TERCEIRO DECANATO

de 10 a 19 de fevereiro aproximadamente

A imagem que se conservou para representar o terceiro decanato do signo de Capricórnio é muito mais moderna. Trata-se simplesmente de uma cabra-montês, ou talvez de uma camurça, pelo menos no que se refere às suas pernas altas, delgadas e musculosas, que dei-

xam adivinhar sua flexibilidade, potência e habilidade e que podemos imaginar ainda melhor pelo fato deste animal se apresentar ereto sobre suas patas traseiras, não como se estivesse disposto a brincar, saltar, trepar ou ultrapassar um obstáculo, mas, mais exatamente, como se estivesse prestes a pôr-se de pé como um homem. De fato, o movimento de sua cabeça, ligeiramente inclinada para a frente e para um lado, sublinha o fato dos seus olhos, tão expressivos, terem algo de humano, de inteligente. Mas, a forma de seus chifres anelados não deixa qualquer dúvida: não se trata de uma cabra qualquer nem de uma cabra-montês, que vive nos maciços montanhosos e cuja agilidade para saltar de uma rocha para outra, no flanco de uma montanha, fez dela um animal lendário. Ora, se desde Heródoto o bode tem muito má reputação — o referido historiador grego fez alusão ao culto sexual que lhe era prestado no Egito, na cidade de Menfis, concretamente a um deus representado por este animal —, na Europa Central e na Ásia a cabra-montês é considerada um animal sagrado, a guardiã do mundo.

A cabra-montês tem o poder de fazer sortilégios e, ao viver no flanco das montanhas, em suas encostas, está muito perto do céu e das forças celestes, o universo de Uranos ou Urano, regente deste terceiro decanato, personificação do Céu enquanto elemento que fecunda, já que era o marido de Gea, a Terra, e a cobria como o bode cobre a cabra para fecundar.





Mitos e símbolos dos signos do Zodíaco

Os símbolos vivos de Aquário

Originalidade, inspirações, utopias são as três características mágicas dos três decanatos de Aquário, cujos símbolos vivos misturam o sonho com a ambigüidade, o realismo com a imaginação.

A palavra “aquário” provém do termo latino *acqua*, do qual derivam em português os vocábulos “água” e “aguadeiro”. Em nossa representação de Aquário vemos um aguadeiro a verter o líquido de seu recipiente. Na Grécia antiga, o que vertia a água tinha o nome de *hydrokos*, palavra que também significa “chuvoso”. Mas não é possível que a palavra grega aludisse ao período de dias que abarca o signo de Aquário, pois durante o mês de fevereiro, na Grécia, não são as chuvas que caem mas sim os ventos frios que sopram. Ainda mais quando, recordemos, o Zodíaco não nasceu no espírito dos Gregos, mas no dos Mesopotâmicos, que viviam em uma região de clima muito diferente, onde podemos imaginar que as chuvas eram escassas, mas, pelo mesmo fato, regeneradoras, fecundadoras.

Além disso, se nos regemos pela etimologia do verbo verter, que é o que o aguadeiro faz com sua carga, veremos que procede do latim *versare*; deste modo descobrimos que significava “girar” ou “fazer girar”, termo que, em sentido figurado, se utilizava para expressar que se perturbava o espírito de alguém para fazê-lo mudar de opinião ou agir sobre ele. Pode relacionar-se a ação de comover ou fazer girar com os movimentos do vento ou da água: as pás de um moinho são acionadas pela força do vento e sua roda com pás pela força das águas.

E se remontarmos à origem da palavra latina *versare*, descobrimos uma raiz indo-européia na palavra *werte*, que,



tanto em sânscrito como em alemão, significava “virar-se”, “orientar-se”, e até “mudar”.

Vemos a riqueza de interpretações contidas no nome do décimo primeiro signo do Zodíaco que mistura a Água e o Ar, dois elementos primordiais que não se podem separar. Esta riqueza e esta mistura, que geram algo singular e que apelam a considerações totalmente originais e não convencionais, estão oni-

presentes nos símbolos vivos dos três decanatos deste signo.

O AQUÁRIO DO PRIMEIRO DECANATO

de 20 a 30 de janeiro aproximadamente

Este decanato tem por nome Originalidade. Seu regente é Vênus. Não nos surpreendamos que quem “verte água” e figura no lugar dos 10 primeiros

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



graus deste signo seja um personagem provido de uma certa graça. Trata-se de um jovem que tem algo de feminino, tanto em sua atitude como em seu físico e em sua pose. Poderíamos inclusive achar que é um ser andrógino ou dotado de um caráter angelical.

No entanto, trata-se concretamente de um jovem. Está de pé, com a perna direita para a frente e o pé direito apoiado no chão; o joelho direito está ligeiramente dobrado, enquanto sua perna esquerda está mais para trás, com a ponta do pé esquerdo apoiado no chão e com o calcanhar levantado; o joelho esquerdo encontra-se visivelmente dobrado. Está vestido como um pajem da Idade Média, e tem uma capa nas costas, que vai até a metade do corpo esvoaçando ao vento por trás dele. Sua cabeça está um pouco inclinada para a frente. Sua mão esquerda segura um cântaro pela asa, a cabeça baixa, vertendo o conteúdo em uma tigela que já está cheia de água. Como podemos constatar, o vento e a água estão presentes nesta imagem, o primeiro sugerido pelo movimento de sua capa e de sua cabeleira despenteada, a segunda, obviamente, pelo líquido que se derrama do cântaro. Coloca sua mão direita no fundo do cântaro, sobre o qual seu olhar parece concentrado, indiferente a tudo que possa acontecer à sua volta. De fato, não esqueçamos que o regente indubitável do signo de Aquário é Saturno. Neste caso, portanto, o poder de concentração e a capacidade de fixar sua atenção tem muita importância. Mas, por que verter água de um cântaro para uma tigela que já está cheia e colocada sobre terra firme? Porque, simbolicamente, são seus pensamentos originais e seus sentimentos singulares que verte, se movimenta, sem intenção de dis-

persá-los. Assim, na tigela, a água de seus pensamentos, idéias e sentimentos fica contida e preservada, e evita-se a sua perda. Deste modo, o nativo deste primeiro decanato distingue-se muitas vezes por seu pragmatismo.

O AQUÁRIO DO SEGUNDO DECANATO

de 31 de janeiro a 8 de fevereiro

aproximadamente

Neste caso estamos em um universo menos ambíguo do que no primeiro decanato, mas igualmente intenso e mais primitivo.

O personagem apresentado no decanato central do signo de Aquário também está de pé, mas aparece completamente nu como um homem pré-histórico. Efetivamente, embora seu corpo nos faça pensar em uma criança que cresceu demasiado depressa ou, inclusive, no de um adulto um pouco disforme, que guardou as curvas e as atitudes de um corpo de criança, está coberto de densos pêlos nas axilas, no tronco e sobre o ventre e coxas. Faz-nos pensar também em um ser de instintos ainda muito vivos, no qual aflora sempre o animal. A cabeleira, é igualmente ondulada. Flutua no ar. Em sua mão direita, à altura do rosto, segura um recipiente invertido, do qual cai água, que nos faz lembrar a de um rio de formas sinuosas, em sua passagem por um vale. Na realidade,

adivinhamos que esta água derramada é agitada pelo vento e que aí reside a explicação de suas ondulações. O aspecto primitivo do personagem que figura aqui, do qual se desprende uma mistura de brutalidade e doçura, é típico da Lua Negra, que rege este decanato. Quanto à água ondulante sob o efeito do vento, faz alusão às qualidades de inspiração, aspiração e adivinhação que se atribui a este decanato.

O AQUÁRIO DO TERCEIRO DECANATO

de 9 a 18 de fevereiro

aproximadamente

Nossa última figura é a que habitualmente prevalece quando aludimos ao signo de Aquário. De fato, trata-se de um personagem que segura e cerca com seus braços potentes uma pesada e imponente ânfora que repousa sobre seu ombro esquerdo. Dela sai um enorme jorro de água, que dá a impressão de não acabar nunca; de forma que a ânfora em questão parece não ter fundo.

Pensamos evidentemente na cornucópia, nos recursos infinitos da imaginação e do psiquismo, pois é o que se trata neste decanato regido por Netuno, que salienta uma grande riqueza emocional potencial, com grandes reservas de inspiração, aqui também, uma abundância de sonhos e de utopias, de onde os homens se alimentam para esperar, mas também acreditar e evoluir. De fato, a fé e a utopia reúnem-se neste decanato.





Mitos e símbolos dos signos do Zodíaco

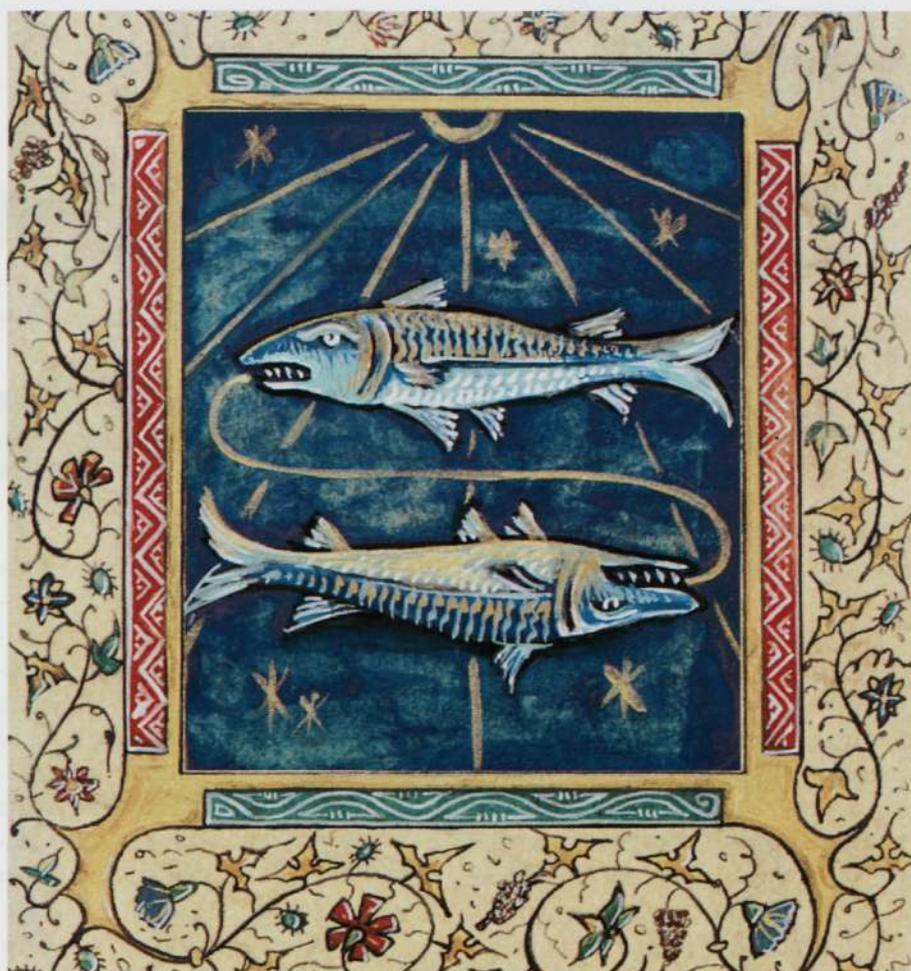
Os símbolos vivos de Peixes

Os três decanatos do último signo do Zodíaco são representados por três pares de peixes. Cada um deles simboliza à sua maneira, e segundo seu estilo, a ambivalência própria deste signo sutil.

Lado a lado com o signo de Escorpião, Peixes é vítima de uma má reputação ante a maioria das pessoas. Sem dúvida que não são mais do que tópicos e esquemas negativos que também acontecem em tantas outras áreas; a astrologia não tem a exclusividade em relação a este assunto. Mas é inevitável: o mal está feito.

Tentemos compreender por que razão e como este signo acabou por herdar uma tal negatividade, *a priori*, entre a maioria de quem não conhece bem a astrologia exceto algumas das características próprias de cada um dos doze signos do Zodíaco, lidas em revistas que publicam monografias feitas mais para agradar e aumentar as vendas do que com uma preocupação de autenticidade. Estas publicações, cultivando o melhor que podem as idéias que se tem dos nativos de Peixes, apresentam estes como seres fracos, sensíveis, imaginativos, idealistas, místicos, poetas, todas as qualidades que não se pode dizer que favoreçam a integração social e o realismo. Ponhamos, porém, este signo em seu lugar no Zodíaco e vejamos que não se trata do último — pois, na realidade, exceto do ponto de vista cronológico estabelecido simbolicamente pelos nossos antepassados, não há primeiro nem último —, mas do que coincide com o final de um ciclo da natureza e anuncia um novo.

Ora, pode estar aqui o seu papel mais importante. Da mesma forma que, seguindo o percurso do Louco à volta da roda da vida que formam os 21 arca-



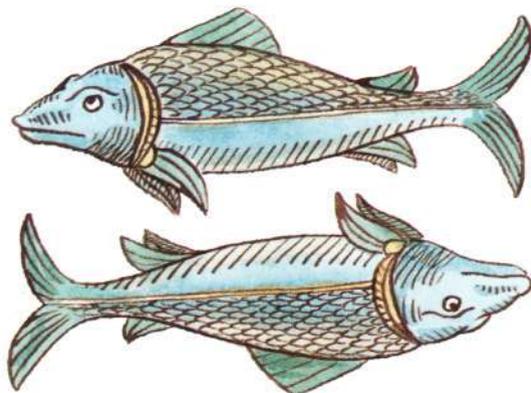
nos maiores, franqueiam-se simbolicamente 21 portas — que são as mesmas etapas no caminho de sua realização pessoal —, evoluindo nesta mesma roda do Zodíaco, descobrimos também o itinerário recomendado, inclusive obrigatório, que leva o homem ou a mulher pelo caminho desta mesma realização pessoal que, no final de tudo, é o objetivo de todos. Pois bem, seguindo este caminho, passamos a porta de Capri-

córnio que, tradicionalmente, foi batizado como o iniciador do mundo. Depois, nos encontramos no universo de Aquário, chamado o libertador do mundo. Por último, entramos no signo de Peixes, considerado por nossos antepassados como o salvador do mundo. Em outras palavras, poderíamos dizer que, na etapa de Capricórnio, o homem se transforma em conhecimento e saber; que, no período de Aquário, se liberta

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



de todas as suas dependências físicas, morais, afetivas e sociais e que, finalmente, ao chegar a Peixes, salva-se, o que significa que ao mesmo tempo que escapa, evade-se, sai do campo do



eterno recomeçar do ciclo dos renascimentos e das estações, que marcam a vida sobre a Terra.

De um ponto de vista figurativo, os nossos três pares de peixes se juntam em um só bloco. Diferem quase sempre apenas na direção em que nadam e em suas posições.

O PEIXES DO PRIMEIRO DECANATO

de 19 a 29 de fevereiro aproximadamente

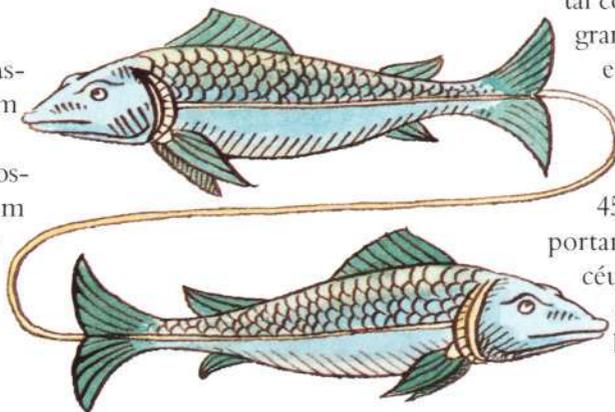
O primeiro par é constituído por dois peixes semelhantes em tudo. Mas veremos que é sempre assim nas três figuras que simbolizam os três decanatos deste signo. No entanto, o que distingue os dois peixes deste decanato dos outros dois pares é, antes de mais nada, as posições que adotam um em relação ao outro. O primeiro está completamente na posição horizontal, com a cabeça virada para a esquerda; o segundo está debaixo dele, com a cabeça e o corpo ao contrário, como se estivessem com os pés contra a cabeça, ou como se estivesse cada um nadando por mares e águas que se encontram nas duas extremidades do mundo. De fato, como já dissemos, enquanto estes peixes são semelhantes em tudo, não há nenhum laço aparente entre eles. Mas nada nos impede de imaginar que o de cima tanto poderia ser o de baixo e vice-versa. Es-

tamos, neste caso, no universo da Clarividência, que é o nome do trigésimo quarto decanato do Zodíaco? Sim, pois o nativo em questão é lúcido e clarividente, ou então está angustiado e desesperado. Vai de um extremo ao outro, sem passos intermediários, às vezes da noite para o dia, ou de um momento para o outro...

O PEIXES DO SEGUNDO DECANATO

de 1 a 9 de março aproximadamente

É, esteticamente, o mais belo, o mais harmonioso dos três pares de peixes que figuram no último signo do Zodíaco.



De fato, trata-se de dois peixes belos e longos, possuidores de magníficas escamas, uma cabeça fina, duas barbatanas no ventre e no dorso e uma barbatana caudal bem desenvolvidas, mas bem proporcionais em relação ao seu corpo. Deles emana uma certa tranquilidade e segurança, mas também finura e força ao mesmo tempo, tudo elementos que tanto fazem alusão à beleza física como à interior. Certamente, estes dois peixes estão um sobre o outro. O que está acima dirige-se para a esquerda, seu corpo bem posicionado. Um cordão ata a barbatana caudal ao seu congênere ou irmão gêmeo, que vai na direção oposta. De modo que cada um parece ter escolhido um caminho, enquanto um laço os junta e os une. Mas este laço, evidentemente, simboliza os elementos sutis que ligam as tendências aparentemente contraditórias, embora na realidade complementares, no seio do nativo deste decanato.

Neste caso, o corpo e a alma estão, se não em sintonia, pelo menos em relação constante um com o outro.

O PEIXES DO TERCEIRO DECANATO

de 10 a 20 de março aproximadamente

Os dois peixes escolhidos para representar este último decanato do Zodíaco estão em movimento e em tensão. Seus corpos possuem também escamas, evidentemente, mas desta vez são maiores, mais aparentes. Suas barbatanas do dorso, do ventre e da cauda parecem estar esmagadas pelas correntes. Em todo caso, está claro que as utilizam e, tal como se apresentam, movem-se a grande velocidade. O de cima já não está em posição horizontal, como os dos dois decanatos precedentes. Dirigido para a direita, seu corpo forma um ângulo de 45° acima do horizonte. Supõe-se, portanto, que a cabeça, virada para o céu, emerge das correntes enquanto seu semelhante tem a cabeça para baixo e, quanto ao corpo, forma



igualmente um ângulo de 45° abaixo do horizonte. Este segundo peixe está prestes a mergulhar nas profundezas. Um emerge, o outro submerge, mas ambos estão ligados por um cordão, cuja extremidade seguram com a boca. É assim que se representa a ambivalência que caracteriza quase sempre o nativo deste decanato. De fato, este último tanto aspira a sair da sombra para expressar e mostrar o que pressente ou percebe, como tenta retirar-se do mundo, mergulhar em si mesmo e nadar nas últimas profundezas da alma e da consciência.



Merlin, o Mago

Merlin está presente nas lendas celtas há muitos séculos. Durante os séculos XII e XIII, era representado com os mesmos traços que hoje o identificam.

A transformação do personagem de Merlin, profeta bretão que aparecia tradicionalmente nas lendas celtas, devemos a Geoffroy de Monmouth, sábio e bispo gaulês, autor de uma *Vie de Merlin* de 1148, e a Robert de Boron, poeta anglo-normando, autor de *Merlin* nos finais do século XII. Ambos fizeram dele o filho de um demônio e uma virgem, outorgaram-lhe poderes sobrenaturais e o integraram na lenda do rei Artur, fundador da Távola Redonda no século VI. Segundo estes autores, Merlin foi o iniciador do rei Artur.

A nascimento de Merlin se situa nas Ilhas Britânicas, no País de Gales, por volta de 470, algum tempo antes do nascimento do rei Artur. Acredita-se que seu pai era um magistrado romano e sua mãe uma vestal (sacerdotisa virgem consagrada a Vesta, a deusa romana do fogo do lar) que renegou seus votos. Nos tempos passados do Império Romano, uma conduta deste tipo era condenada com a pena de morte. Para salvar sua vida, a mãe de Merlin expôs ante os juizes que sua concepção tinha sido sobrenatural, afirmando que o filho que levava no ventre era o eleito dos deuses. Além disso, ao nascer o menino, chamou-o Ambrósio, que significa "imortal" (a ambrosia era o néctar dos deuses mitológicos). Mais tarde, Ambrósio passará a ser Merlin, bardo ou poeta, músico e cantor, mas ao mesmo tempo druida adivinho, mago e conselheiro de Ambrósio Aurélio, o príncipe libertador da ilha de Bretanha que se oporá ao rei e perseguirá os saxões, aliados deste último, por volta dos finais do século V.

A lenda conta que um dia os adivinhos e os magos do país anunciaram ao rei da Bretanha que seu trono estava em perigo.

Segundo estes, o responsável era uma divindade má que se opunha a seus desígnios, tratava-se de um menino nascido sem pai. Os soldados do monarca começaram a procurar este menino e, tendo este sido encontrado, levaram-no ante ele. Era efetivamente, Ambrósio, futuro Merlin, que realizou então sua primeira profecia. Ante os adivinhos e magos, e diante do rei, revelou a presença de uma grande camada de água sob o castelo, onde se encontrava um grande búzio; em seu interior, duas serpentes: uma vermelha e outra branca. Para comprovar seu presságio, quebraram o búzio e dele saíram duas serpentes; a branca agrediu violentamente à vermelha, que pareceu sucumbir ao terceiro ataque. No entanto, a vermelha acabou por dominar a branca e transformou-a em sua presa. Ambrósio explicou então que a serpente branca representava o estandarte do rei apoiado pelos saxões, e a serpente vermelha o do povo da Bretanha. Previu também que depois de haver sucumbido três vezes sob o julgo do rei traidor, o povo bretão se rebelaria para expulsar o tirano e os bárbaros. Efetivamente, isso foi o que aconteceu.



MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



Este é, portanto, segundo a lenda bretã, o primeiro prodígio de Ambrósio, sua primeira profecia cumprida. É neste momento que o bardo bretão passa a ser o mago Merlin. Na religião dos celtas, o druida não é apenas um sacerdote que venera as árvores, as fontes de água, as pedras, os animais míticos da floresta, os espíritos do fogo, do ar, da terra e da água, mas que é também médico, curandeiro, filósofo, astrólogo, mago, adivinho, poeta, músico, pedagogo e exerce uma influência política importante. Por sua grande capacidade para tudo isso, Merlin é considerado um druida fora do comum, uma grande figura do druidismo. Depois disso, a transbordante imaginação dos homens e sua necessidade de sonhar fizeram o resto.



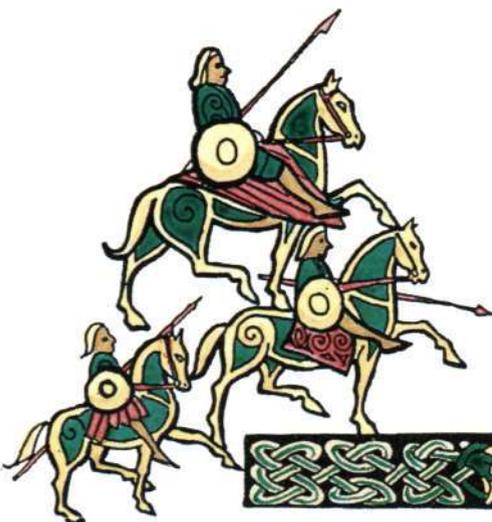
Quando Ambrósio Aurélio, príncipe libertador da ilha da Bretanha, morreu, Merlin se transformou no bardo de seu sucessor, o rei Artur, e exerceu estas mesmas funções de adivinho, astrólogo, mago e conselheiro político. Ajudou-o durante a heróica guerra de resistência no século VI que dividiu a ilha e durante a qual os bretões, refugiados no País de Gales e Cornualles, obrigaram os saxões, jutos e anglos — as hordas de bárbaros vindas do norte para invadir sua ilha — a retroceder. Os êxitos dos bretões foram tão extraordinários que chamaram a atenção de seus contemporâneos, que atribuíram estas vitórias a forças sobrenaturais ao serviço do rei Artur.



No final de sua vida, por volta do ano 560, Merlin é testemunha, desta vez com impotência, de uma guerra fratricida contra os bretões do País de Gales e da Escócia. Este último episódio da história terá efeitos desastrosos sobre sua saúde mental e sua fé nos homens. Voltará novamente à vida selvagem e morrerá solitário, algum tempo mais tarde, nas florestas de Cornualles, entre os espíritos da natureza.



Merlin o druida, profeta e mago, entra a partir de então na lenda por haver pressagiado, entre outras coisas, o nascimento do rei Artur, a resistência dos bretões e a derrota dos invasores bárbaros. Esta lenda atravessa rapidamente as fronteiras da ilha da Bretanha para estender-se por toda a cristandade. De fato, pouco depois da morte de Artur e de Merlin, o papa Gregório, chamado o Grande, delega aos monges beneditinos a evangelização dos bretões. E será ao longo do século seguinte, quando à lenda de Artur e Merlin é acrescentada a busca do Graal, que se converte no fim último e supremo dos cavaleiros da Távola Redonda. Deste modo, os cristãos mesclaram as façanhas legendárias dos heróis bretões com os relatos bíblicos e encontraram nela matéria para propagar as palavras de Cristo.





O Unicórnio e o Dragão

Estes dois animais mitológicos e fabulosos são os protagonistas de muitas lendas, contos e histórias maravilhosas. Quando na imaginação dos homens os símbolos se transformam em seres vivos, o unicórnio e o dragão tomam corpo, forma e substância.

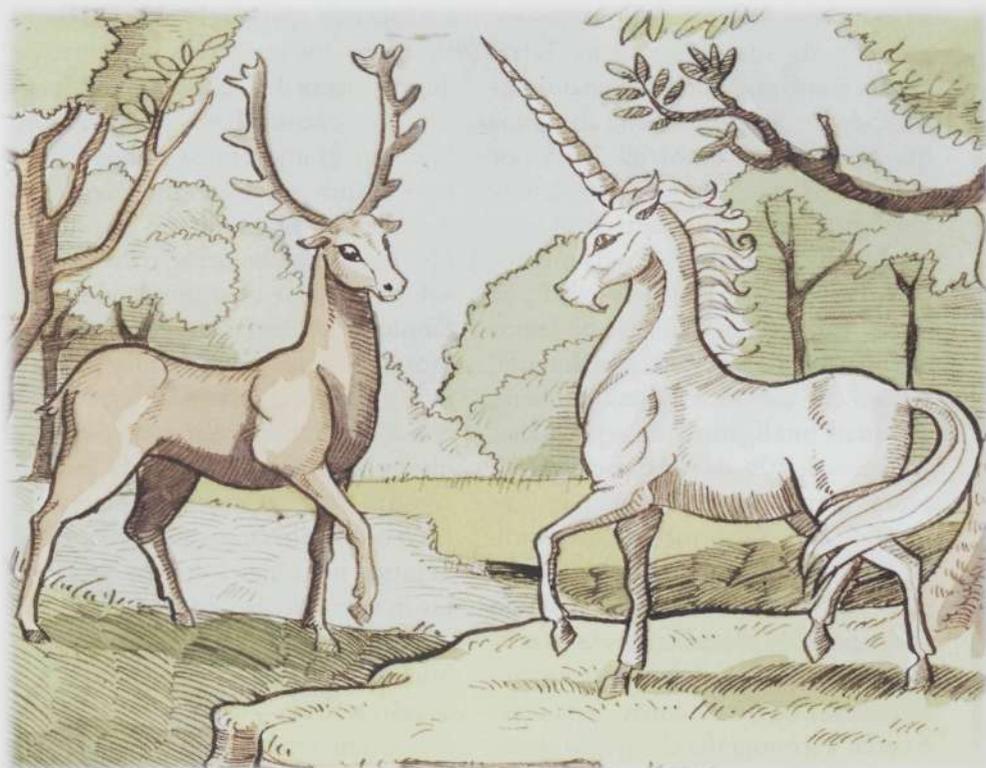
O UNICÓRNIO

Em geral, a atual representação deste animal fabuloso, o unicórnio, se parece muito com a da tapeçaria de seis peças do final do século XV, *A Dama e o unicórnio*, do museu de Cluny, em Paris. O unicórnio aparece inicialmente com o aspecto de um animal fantástico e irreal, com o corpo de um cavalo, casco dividido e uma cabeça de cabra, cuja testa possui um longo chifre.

Dai provém o seu nome do latim, *unicornus*, em português, *unicórnio*.

O mito do unicórnio é citado pela primeira vez pelo historiador grego Ctesias, médico de Ciro, o jovem (423-401 a.C.), e, posteriormente, por Artajerjes II Mnemón (404-358 a.C.), ambos — Ciro e Artajerjes —, reis e irmãos inimigos foram os responsáveis por levar o Império Persa ao caos. É por isso que sempre se atribui a origem do mito do unicórnio aos persas.

Na sua história, Ctesias, que seguiu Artajerjes pelo Egito e pela Índia, menciona as virtudes medicinais atribuídas ao chifre deste animal mítico que, na verdade, não passava do rinoceronte-branco-da-índia. Em qualquer caso, assim como o unicórnio das lendas, o rinoceronte-branco é um animal solitário, muito temido, absolutamente herbívoro, que possui um ou dois chifres no focinho e que vive em zonas pantanosas. Devido ao seu olfato muito aguçado, é quase impossível se aproximar desse animal. Por outro lado, são atribuídos poderes afrodisíacos ao pó do chifre de rinoceronte. Além disso, o unicórnio, apesar da sua elegância e fragilidade aparentes e do seu caráter feminino muitas vezes associado, é um símbolo do princípio masculino fálico.



Segundo os alquimistas da Idade Média, e contra qualquer evidência, o unicórnio, princípio masculino, e a corça, princípio feminino, formavam um casal perfeito.

Independente da origem histórica, o unicórnio se transformou em um animal mítico muito prezado durante a Idade Média. Símbolo de pureza e castidade, era uma representação da Virgem Maria. No entanto, o seu caráter selvagem, indomável e a lenda de que apenas uma virgem era capaz de se aproximar dele e domesticá-lo, também o converteram em uma figura do Menino Jesus. Outra lenda, que surgiu no século XI, dizia que beber em um chifre de unicórnio protegia de todos os males. Posteriormente, os alquimistas o associaram à corça, formando um casal perfeito. Na sua mentalidade, ocorreu uma curiosa inversão — fiel à lenda mítica do unicórnio —

que nos faz lembrar que, para os homens da Antiguidade, principalmente no Egito, o céu era feminino e representado pela deusa Nuti e a Terra era um princípio masculino representado pelo deus Geb.

Para os alquimistas, o unicórnio representava o espírito, o enxofre, princípio masculino, e a corça simbolizava a alma, o mercúrio, princípio feminino. Dessa forma, da união de ambos poderia nascer o ser divino.

O DRAGÃO

Sem querer fazer nenhuma associação e sem querer encontrar a todo custo coincidências e laços entre algumas crenças do passado e as que atormen-



tam a imaginação dos homens contemporâneos, não podemos deixar de constatar que existem muitos pontos em comum entre o mito do dragão, animal lendário, e o dinossauro que, apesar de sabermos que realmente existiu, também nos parece fantástico. De certa forma, o dinossauro parece mais irreal que o dragão, pelo fato de mais de cem milhões de anos nos separarem da sua presença na Terra. Então, como podemos imaginar o significado de cem milhões de anos, nós que somente vivemos na Terra por volta de 70 anos? Ou então, seria possível que o ser humano tivesse conservado na sua mais profunda memória marcas inconscientes da existência desse réptil gigantesco? Não podemos afirmar nada a respeito. Atualmente, tudo o que sabemos é que o homem, por mais inteligente que seja, apenas usa cerca de 10% da sua capacidade cerebral e que, normalmente, não vive mais de cem anos, mesmo dispondo de uma quantidade de neurônios suficiente para durar mil anos. Em todo caso, apesar de não sabermos se os nossos antepassados já tinham encontrado esqueletos de dinossauros, uma coisa é certa: a iconografia do dragão quase sempre representa um animal fabuloso

com características de um grande réptil dotado de asas ou aletas, um longo pescoço, patas longas com dedos (tanto na forma de garras quanto palmípedes) e que cospe fogo. Pelo menos, é dessa forma que ele é representado na cultura ocidental.

Por outro lado, na China, o dragão, animal mítico, símbolo do Yang, da fertilidade e da ação, é representado como uma serpente enroscada no centro da Terra, origem da criação do mundo. O céu e as constelações quase sempre também eram representados como uma grande serpente que envolvia a Terra, tanto no Ocidente quanto no Oriente. Simbolicamente, o dragão tem sido associado e identificado com esse fabuloso potencial de energias primordiais — ao mesmo tempo destrutivas e criadoras, celestes e terrenas — que o homem carrega dentro de si e que também encontram-se na Terra. É como se uma força incrível, superando tudo o que possamos imaginar, fosse mantida prisioneira dentro da Terra, assim como dentro do ser humano. É por isso que, para o homem, vencer o dragão se transforma em uma busca para se

encontrar com essas forças primordiais, primitivas, que o encadeiam no ciclo infernal e interminável do nascimento e da morte, seguido de um novo nascimento e de uma nova morte. Mais uma vez, os mitos e os símbolos do dragão se integraram na simbologia alquimista. Assim como a corça, o grande princípio feminino e mercurial, o dragão devia ser sacrificado para que o enxofre, o grande princípio masculino, pudesse ser extraído dele.

O unicórnio e o dragão são monstros?

Devemos falar de monstros quando nos referimos ao unicórnio e ao dragão? Acreditamos que não. Na mentalidade dos nossos antepassados, esses dois animais fabulosos não eram monstros da natureza, apesar de serem vistos como tais. Não podemos esquecer que, tanto na Antiguidade quanto na Idade Média, os monstros tinham um caráter divino, justamente por serem extraordinários e excepcionais. As suas particularidades os tornavam mensageiros dos deuses na Terra. Deviam ser venerados ou pelo menos escutados quando se manifestavam e atendidos quando apareciam. Dessa forma, a caça ao unicórnio e ao dragão se transformou em uma busca mística. Na realidade, não se estava caçando um sonho, uma lenda ou um mito; pois, alcançando um ou outro, os homens alcançavam a si mesmos para encontrar a luz, a verdade e o amor. Não é exatamente isso que todos nós ainda buscamos?

O dragão, animal fabuloso, é uma imagem simbólica das forças primordiais que o homem leva dentro de si.





O Paraíso, Adão e Eva, o pecado original

Os mitos do Paraíso, do andrógino primogênito do primeiro homem e da primeira mulher, são universais. Mas o mito do pecado original é único no seu gênero.

Tentaremos aqui compreender o significado de certos mitos da Bíblia, fora de todo o sentimento ou crença religiosa. Não se trata de saber se devemos ou não acreditar neste ou naquele mito bíblico, mas de contribuir com um ponto de vista diferente a partir das descobertas científicas dos arqueólogos e historiadores contemporâneos. Teremos em conta também os relatos ou lendas relacionados com este mito que, tratando-se da Bíblia, são informações complexas reveladas graças ao código secreto da cabala, e que são o resultado tanto da matemática como da lógica, da inspiração e da especulação. No entanto, o que deve reter nossa imaginação é que os grandes mitos bíblicos são constituídos muitas vezes

de vários símbolos, que, juntos, formam uma mensagem. Esta mensagem, sem dúvida, é muito rica em ensinamentos, já que chegou até nós através de homens e mulheres que viveram experiências tão essenciais para eles que sentiram a necessidade de os transmitir. Com efeito, os relatos destes mitos foram escritos em um tempo em que a prática da escrita, ainda em seus primórdios, não estava ao alcance de todos.

Assim, em sua maioria, estes relatos são anônimos, pois o tempo nos fez perder a pista de seus autores e, também, devido ao caráter sagrado e tabu da escrita.

Quase sempre, se os tomarmos ao pé da letra, muitos destes relatos bíbli-

cos parecem sem sentido e cheios de inverosimilhanças. Em contrapartida, se os tomarmos sob um ângulo poético, mítico ou religioso, segundo nossas convicções ou crenças, adquirem um sentido muito importante.

Em relação ao mito de Adão e Eva, vamos nos contentar em mostrar apenas alguns dos símbolos recorrentes e universais que aparecem: o Paraíso, o primeiro homem, a primeira mulher e o pecado.

O PARAÍSO

Para os homens da Antigüidade, o Paraíso era a mais bela representação do Além, cuja figura simbólica habitual é um jardim maravilhoso. Este jardim, situado no centro do cosmo, era

No jardim do Éden, Adão e Eva não tinham vergonha de sua nudez.



Depois do pecado original, a sexualidade transforma-se em um objeto de vergonha.





o fim último do homem. Mas nos relatos da Bíblia aparece no princípio dos tempos. Relacionamos, portanto, este mito com o de uma Idade de Ouro original que a humanidade conheceu, da qual saiu e à qual um dia voltará.

Este jardim das delícias, o Éden, este paraíso perdido, cuja porta devemos encontrar, pode ser comparado com os símbolos do labirinto e da Mandala tibetana. Mas com respeito a como foi relatado pelos primeiros redatores da Bíblia, devemos assinalar que se inspira em um texto anterior, escrito pelos Sumérios e depois retomado pelos semitas da Babilônia, onde se faz alusão ao “país dos vivos”, situado a sudoeste da Pérsia, e regado pelos quatro rios.

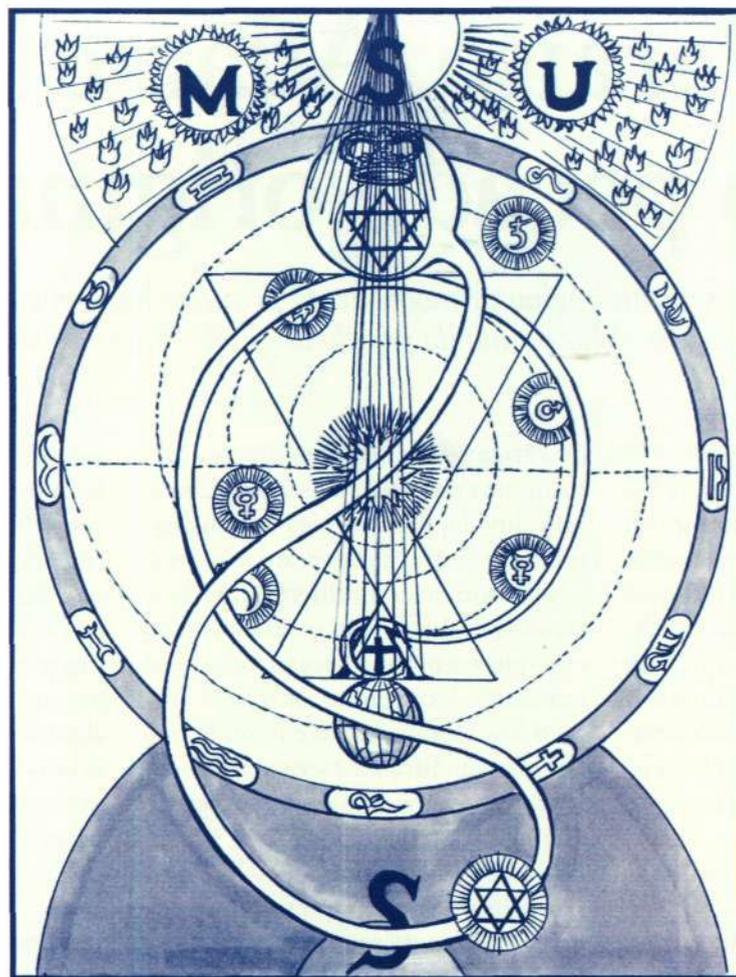
O Gênesis II, 10-14 diz: “Saía do Éden um rio que regava o jardim e dali partia-se em quatro braços. O primeira chamava-se Pisão

[...]. O segundo chamava-se Guijão [...]. O terceiro chamava-se Tigre [...]; o quarto era o Eufrates”. Vemos, portanto, que o Éden se situa em um lugar geográfico muito concreto.

Assinalemos finalmente que, para os cabalistas, o *Gân-Áeden* do relato da Criação é o lugar por onde Adão deve sair com o risco de não evoluir nunca mais. Segundo estes, é como um refúgio demasiado confortável, no qual o homem leva uma vida muito preguiçosa, em condições psicológicas e fisiológicas inertes e imutáveis, nas quais não pode manifestar sua vontade, nem seu livre arbítrio, nem sua consciência individual.

ADÃO E EVA

Formam o casal primogênito, que nos parecem indissociável. Devemos saber que, historicamente, sua união, en-



Este símbolo, conhecido na Índia com o nome de shriyantra, simboliza o ser andrógino original.

tendida como uma infração sexual, apareceu pela primeira vez nos textos do teólogo hebreu Filão de Alexandria, no começo de nossa era. De qualquer forma, devido aos numerosos textos da Bíblia, escritos em diferentes épocas e não de uma só vez, dispomos de duas versões do mito de Adão e Eva. O primeiro é o chamado yahvista, porque nele o Deus é Yahvé; o segundo, posterior, chama-se eloísta, pois Deus aparece com o nome de Elói ou Elohim. Nesta segunda versão adotada pelos cabalistas, que chamam ao primeiro homem *Adâm*, que vem de *adamah*, a terra de Adão, homem e mulher ao mesmo tempo. Voltamos a encontrar aqui o mito do Paraíso perdido, no sentido de que, sempre segundo os cabalistas, este homem original é também o homem no qual nos devemos transformar.

O PECADO

Embora não tirassem as conclusões científicas que existem atualmente, os médicos da Mesopotâmia sabiam que certas doenças podiam ser transmitidas simplesmente pelo contato. Pródigoavam curas, preparavam remédios e praticavam normalmente os exorcismos. Consideravam que o portador de uma doença, além de ser contagioso, sofria de um mal, do qual era de certa forma responsável. Tinha de ter cometido um delito, uma transgressão das regras e leis em vigor nessa civilização, do qual era culpado. Tratava-se portanto, não só de curá-lo, mas também de libertá-lo desta falta, ainda mais quando podia tê-la cometido sem o saber ou contra sua vontade.

Foi nesse contexto que foram escritos os pri-

meiros relatos da Bíblia. De qualquer forma, na mitologia hebraica do Antigo Testamento, esta noção de transgressão, segundo a qual o culpado nem sempre está consciente de sê-lo, transforma-se totalmente. O mal é considerado inevitável. Quem não transgrida não conhecerá o mal, a doença ou o sofrimento. Infelizmente não é tão simples, visto que homens e mulheres de coração e intenções puras sofriam sem razão nem causas aparentes. Para poder explicar os tormentos e grandes sofrimentos das vítimas inocentes tinha que haver, portanto, uma causa primeira, um pecado original: o que Eva cometeu segundo o relato yahvista; ou o cometido por *Adâm* andrógino, segundo o referido relato eloísta e os cabalistas que o seguem. Foi deste modo que nasceu o mito do pecado original.



A fada e a bruxa

As fadas, da mesma forma que os anjos, eram gênios bons e espíritos da natureza. Como chegaram a se transformar em bruxas?

Atualmente, estamos todos convencidos de que as fadas e as bruxas são só personagens de contos, e qualquer pessoa adulta, razoável e sensata, sabe que não tem nenhuma base real.

Se possuímos apenas uma vaga informação histórica sobre a perseguição às bruxas durante a Idade Média, podemos achar que se tratava mais de um fantasma maléfico ou de uma forma de puerilidade na mentalidade dos nossos antepassados que de uma espécie de caça organizada ao demônio, pois todos sabemos que o demônio não existe. Mas podemos ter tanta certeza disso?

AS BRUXAS E A INQUISIÇÃO

Certamente, se quisermos dar ao demônio ou ao que entendemos como tal — isto é, o Diabo, as forças do mal, as potências das trevas, etc. — uma ou duas figuras reais, devemos procurar em nosso passado e referir-nos às imagens da Europa do século XV e XVI, que foram os tempos da caça às bruxas e aos demônios.

Impelidos por um fanatismo religioso, que inspira, talvez sem eles saberem, os sectários de todas as crenças ou religiões, os grandes ou pequenos inquisidores torturaram, queimaram e massacraram quem não tinha fama de santidade e não se conformava com as regras, as leis e as normas da religião, as quais eram totalmente arbitrárias e tirânicas.

Tais horrores foram cometidos em nome do amor e da fé em toda a Europa — especialmente na Alemanha e na Espanha —, durante este obscuro período, que deixaram um rastro persistente em nossa imaginação e em nossa memória.

Assim, quando falamos de bruxas ou as representamos, as vemos sempre



Os maravilhosos contos de nossa infância nos ofereceram uma imagem da fada que vivia em plena natureza e que trazia paz e serenidade com um toque de sua varinha mágica.

como foram descritas, ou seja, mulheres sob tortura, denunciadas, perseguidas, condenadas mesmo antes de serem julgadas.

Foi assim durante a segunda metade do século XV, no final da Guerra dos Cem Anos. Mulheres nuas ou vestidas de preto, montadas em uma bengala, em uma vassoura ou em um animal monstruoso, anunciando malefícios, lançando feitiços e firmando um pacto com o Diabo, do qual tinham marcas no corpo.

DA FADA À BRUXA

No entanto, a história e o nascimento das fadas são muito anteriores a este período negro e cruel da Inquisição, pois é evidente que, a partir do século XIV, houve um ataque direto às crenças, conhecimentos, mitos e símbolos dos nossos antepassados, dos quais sentimos nostalgia. Sem eles, faltam-nos pontos de referência e já não sabemos de onde vimos, quem somos e para onde vamos. Seria possível as fadas nos ajudarem a encontrá-los novamente?

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



Sem dúvida. Até podem estar na causa do atual interesse existente por tudo que nos faz sonhar, pelo que nos afasta do mundo fácil do material, cada vez mais desencantado.

De fato, no início, as fadas tinham os mesmos atributos, poderes e, poderíamos dizer, os mesmos deveres e responsabilidades que atualmente atribuímos aos anjos da guarda. Eram associados aos bons espíritos dos lugares, montes, bosques, vales, colinas, montanhas, cumes, fontes, rios, escarpas, grutas. Quando os romanos invadiram a Gália e a Europa dos Celtas, deram a estas divindades, a maioria representada com traços de mulheres e às quais os druidas se dirigiam, o nome de *fati* ou *fata*, a “deusa do destino”, que derivou do latim *fatum*, “destino”, de onde provém o nome de “fada”.

Da fiandeira do destino, que era a fada que tecia as redes do destino do bebê no ventre da mãe, à feiticeira, que era a bruxa, era só um passo que as mentes

Representação do suplício de uma bruxa na fogueira.



Representação de duas bruxas sobrevoando a paisagem.

malévolas, ávidas de poder e riqueza franquearam para justificar os piores horrores que cometiam, principalmente porque a mulher fada tinha a fama de ser capaz de metamorfosear-se, de tomar o aspecto de uma raposa, doninha, gazela ou unicórnio e eram-lhe atribuídos poderes sobrenaturais, como proporcionar sorte e amor, curar milagrosamente as doenças e as feridas, seduzir os homens e unir-se a eles para ter filhos magos ou dar-lhes força, coragem, heroísmo e vitória nos combates de guerra, tudo isto virtudes sob suspeita. Em um conto de Perrault, cita-se uma espécie de ninfa das águas, que está por trás da mudança e renovação do ar ou que, pelos menos, percorre as terras germânicas durante os dias compreendidos entre o Natal e os Reis. Quando neva na terra dos homens, é porque ela agita seu leito de plumas. As mulheres que vão ao seu encontro recebem dela saúde e fecundidade.

Os recém-nascidos provêm de seu reservatório. Castiga as fiandeiras preguiçosas, suja suas rocas, embaralha seus fios ou queima seu linho.

Por outro lado, envia fusos às jovens que fiam com paixão e durante a noite adianta-lhe o trabalho e termina-o. Atrai facilmente as crianças para seu tanque, confere felicidade aos que são bons e trabalhadores e torna miseráveis os que são maus ou preguiçosos.

Foi assim que os espíritos femininos da fauna e da flora da Europa celta, as divindades boas daqueles povos, as que adoravam principalmente as mulheres, se perpetuaram oralmente, de geração em geração. Os ritos, costumes e conhecimentos adquiridos desde há séculos — especialmente no campo da medicina empírica a partir de amostras (o que hoje em dia chamamos fitoterapia ou tratamento através das plantas) — foram associados desde o século XII aos espíritos malignos, devido à implantação do processo inquisitorial proclamado na bula *Vergentis in senium* do papa Inocêncio III. Mas foi sobretudo a partir do século XV que estes seres maravilhosos foram considerados uma verdadeira praga na Europa. As fadas converteram-se assim em bruxas.

As fadas Morgana e Esterel

Entre as fadas mais conhecidas, encontra-se a fada Morgana, irmã do rei Artur, aluna de Merlin, que lhe ensinou sua magia. Outra também muito importante é Esterel, fada que deu seu nome ao maciço e bosque com o mesmo nome (na Provença) onde habitava. Foi célebre durante a Idade Média. Criava beberagens mágicas que davam fertilidade às mulheres.



Quem é o Diabo?

Crentes ou não, a figura do Diabo nos inquieta, nos perturba e nos causa angústia. Todavia, sabemos a razão disso?

O Diabo, tal como o entendemos normalmente, não é o que pensamos. Mais uma vez, as raízes etimológicas nos informam sobre o sentido exato do termo e nos revelam que a interpretação que lhes damos e as representações que dele fazemos são falsas.

AS ORIGENS DO DIABO

O termo grego *diabolos*, de onde vem o nosso diabo, significa literalmente “o que tira de um lado e de outro, que desune, separa, semeia a discórdia”.

É a palavra que os tradutores gregos da Bíblia empregaram para traduzir do hebraico o termo *satân*, o acusador e que ainda hoje se utiliza como satã ou satanás.

De fato, um dos papéis do Mal, na tradição judaica, é o de acusar os justos diante do Tribunal de Deus. Para os gregos, um *diabolos* era um acusador, um caluniador, resumindo, um personagem não muito bem visto.

No século X, o latim tardio *diabolus* já tinha derivado em “diabo” no idioma castelhano com o sentido de demônio. No século XIII já estava enraizada uma “ciência” de caráter diabólico para a pre-

paração de poções, beberagens mágicas e remédios. Era um dos muitos ramos da magia. A partir daqui, podemos dizer que passamos da noção antiga de acusador público — função exercida hoje em dia por um fiscal em um tribunal de justiça — à noção medieval, mais moderna, de demônio. Mas foi a idéia de demônio que ficou gravada na memória e à qual nos referimos hoje em dia, sem saber muito bem o que quer dizer “demônio”, exceto que, para nós, é uma representação ou encarnação do Mal.

O DEMÔNIO

Mas o demônio em si mesmo nada tem de mal, negativo ou maléfico, pelo menos se consideramos seu sentido original. De fato, até os princípios do século XIV, o

Diversas representações do Diabo no imaginário medieval.



MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



daemon ou demônio não tinha sido identificado com esse espírito infernal, de anjo mau, anjo caído ou diabo. Antes disso, o *daimôn* grego era um poder divino e benéfico, que distribuía e repartia. Reencontramos aqui o sentido de “tirar de um e de outro” evocado anteriormente. O *daimôn* era a divindade ou o espírito protetor ligado a cada homem ou a cada elemento da natureza. Dito de outra maneira, tinha os mesmos atributos e funções que os famosos espíritos da natureza, nos quais Dionísio ou Areopagita se inspirou para criar a hierarquia celeste dos anjos.

Assim, o fato de repartir e tirar de um lado e de outro refere-se a um princípio essencial revelado pelo *daimôn*: o destino, mas ao mesmo tempo o espírito protetor, o espírito bom, o anjo bom, o que chamamos hoje a boa consciência. Aquele que seguia o seu *daimôn*, compreendia e seguia a voz de sua consciência. Tratava-se de um homem justo e bom. As intuições, as inspirações vinham dele, bem como o talento e os dons inatos. Como pode ser que este elemento tão benéfico para o ser humano tenha podido tomar uma acepção tão negativa, sinistra, maléfica, convertendo-se na única acepção do diabo? Paradoxalmente, a explicação encontra-se no termo grego de origem indo-européia, *daiesthai*, que significa partilhar, dividir. Daí deriva o termo grego *demos*, o povo ou a população. Também encontramos esta raiz em “demagogia” e “democracia”, bem como em “epidemia” e “demiurgo”. Epidemia, em grego, significa tanto a integração de uma pessoa no povo como uma doença que contagia o povo. Mas, principalmente, vemos aí um paralelismo entre o demagogo e o demiurgo, ou seja, o que adula o povo com suas palavras e o que faz passar por criador univer-



Satã, ou Satanás, encarnação do Mal, é freqüentemente descrito como um ser sinistro com chifres na testa e pés de cabra.

sal. A história nos ensinou que aqueles que tinham sido destinados a dirigir o povo (que é a primeira acepção de demagogo) não agiram sempre a favor deste. A partir daí, era lógico deduzir que o *daimôn* que dirigia o destino da humanidade, e que supostamente devia ter um papel protetor ou benéfico, podia trair sua própria natureza original e exercer algumas vezes uma influência maléfica. É assim que, pouco a pouco, o demônio foi tomando a aparência das forças essencialmente maléficas e destrutivas, pois os dramas, perseguições, guerras e violência gerados por seres de forte personalidade, com uma excessiva sede de poder e ânsia de divisão (para reinar a seu gosto) e com ambição desmedida, estão gravados na memória coletiva.

E atualmente não acontece ainda o mesmo? Sim, mas estamos longe do imaginário medieval dos conciliábulo de bruxas ou missas negras, durante as quais se prestava culto ao Diabo, encarnação do espí-

rito do Mal, por oposição a Deus, espírito do Bem. Devemos saber que a idéia que temos destas práticas está totalmente sobrevalorizada: a maioria eram ritos pagãos baseados em crenças anteriores ao cristianismo e grande parte deles se baseava nos poderes que se atribuíam aos deuses, às divindades, aos espíritos protetores presentes na natureza.

Assim, mais uma vez, o caráter diabólico, no sentido pejorativo do termo, que se dava a estas crenças, cultos e ritos, desviou estas práticas do seu significado original e profundo. Em si mesmas não tinham nada de maléficas, mas por sua própria vontade pagã e popular perturbavam a ordem estabelecida daquelas épocas de desconcerto. Foi assim que os demagogos, “os que dirigem o povo”, no sentido etimológico e literal do termo, inventaram o Diabo e os demônios. Houve um tempo em que tudo que era susceptível de perturbar a ordem estabelecida era atribuída sistematicamente ao Mal, aos demônios, ao Diabo. Desde essa época, Diabo e demônio têm muito má reputação e são representados com imagens que nada têm a ver com o que foram.

Assim, mais uma vez, o caráter diabólico, no sentido pejorativo do termo, que se dava a estas crenças, cultos e ritos, desviou estas práticas do seu significado original e profundo. Em si mesmas não tinham nada de maléficas, mas por sua própria vontade pagã e popular perturbavam a ordem estabelecida daquelas épocas de desconcerto. Foi assim que os demagogos, “os que dirigem o povo”, no sentido etimológico e literal do termo, inventaram o Diabo e os demônios. Houve um tempo em que tudo que era susceptível de perturbar a ordem estabelecida era atribuída sistematicamente ao Mal, aos demônios, ao Diabo. Desde essa época, Diabo e demônio têm muito má reputação e são representados com imagens que nada têm a ver com o que foram.



Representação de Satanás segundo um desenho de 1616.



A arca de Noé

*Ao reunir todos os animais em sua arca para salvá-los do dilúvio,
Noé perpetuou a vida sobre a Terra.
Mas simbolicamente... o que significa esta mítica lenda?*

Noé nos é mostrado sempre como um herói lendário e mítico, bem visto graças à sua arca e ao simpático papel que teve ao construí-la sozinho,

diante da indiferença geral, para salvar a humanidade do desastre, bem com a vida animal e vegetal. Bem, enquanto a maravilhosa história de Noé, o salvador

do mundo, permanece gravada em nossa memória e desperta a imaginação do homem contemporâneo, conhecemos menos desse Noé que, como Moisés, foi escolhido por Deus entre todos os homens e “salvo das águas” graças à intervenção de Elohim, que do outro Noé, que foi o herói de um relato de grande porte simbólico e psicológico. Noé é um herói moderno. Todos nós podemos encontrar pontos de reflexão nesta fabulosa aventura da arca de Noé.

O CÓDIGO SECRETO DA BÍBLIA

Como preâmbulo à interpretação do mito ou dos símbolos contidos nesta lenda bíblica da arca de Noé, é importante sublinhar que muito antes de Sigmund Freud, no século XIX, dar origem à corrente psicanalítica e às investigações psicológicas posteriores (as quais penetraram em diferentes graus em nossos costumes atuais), os primeiros redatores da Bíblia e os cabalistas viam já dois níveis de leitura e interpretação nos relatos bíblicos: por um lado, uma leitura profana, clara e simples, de contos, lendas, aventuras ou fatos históricos relacionados com personagens ou heróis, cujos atos foram notáveis e exemplares e aos quais se dava um caráter religioso; e, por outro lado, uma leitura esotérica que, no começo, se transmitia unicamente pela tradição oral e se dirigia só aos iniciados nestes mistérios.

Esta leitura da Bíblia, realizada graças ao código das letras-números do alfabeto hebraico, dava a quem dominasse a linguagem secreta um meio útil de des-

A arca de Noé. Ilustração de um manuscrito do século X, procedente da biblioteca da Catedral de Gerona.

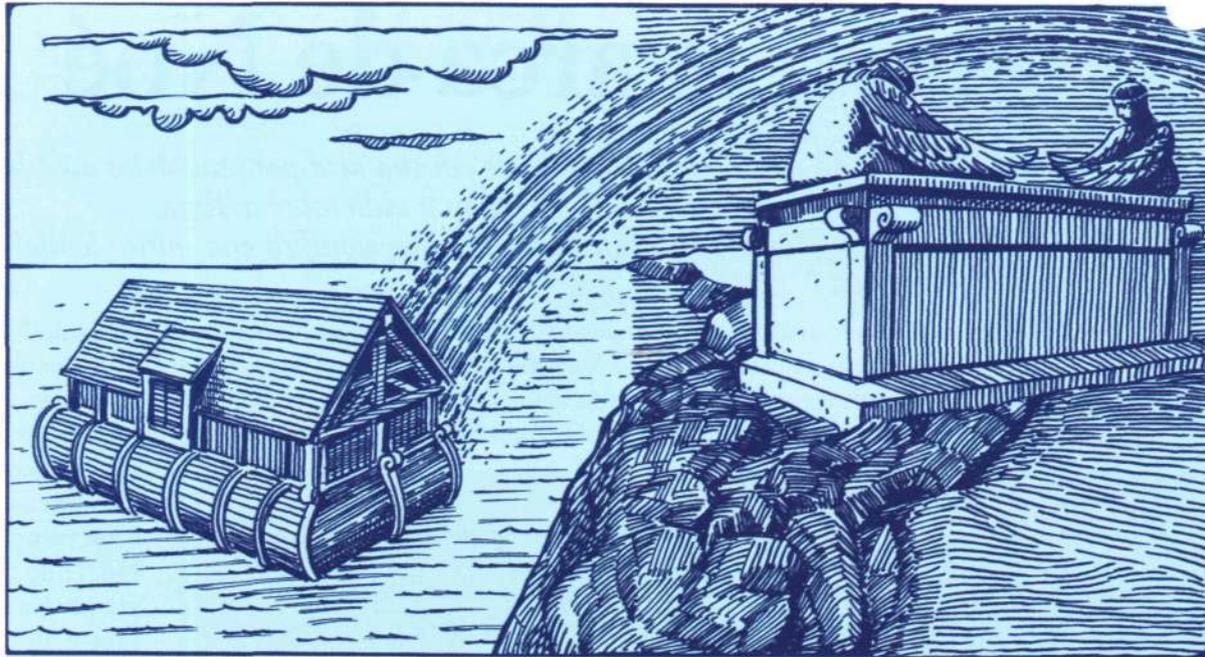




cobrir e retirar destes relatos informações relativas aos fatores afetivos, elementos emocionais, grande sagacidade e imaginação, uma psicologia profunda, e um comportamento moral, com as qualidades e defeitos eternos do ser humano. Contrariamente ao que ainda nos querem fazer crer, não se trata de transmitir, graças ao código secreto, fatos ou acontecimentos futuros inevitáveis e catastróficos, mas sim de nos indicar as origens do homem, sua realização, seu futuro e sua evolução. Daí que os grandes relatos da Bíblia tenham freqüentemente um caráter histórico, claro está, romanceado com fortes conotações religiosas, unindo assim os homens de uma mesma comunidade por suas crenças. Ao mesmo tempo, têm um caráter mais misterioso, esotérico e místico, religioso também, mas neste caso com o objetivo de aliar o homem consigo mesmo. Em outras palavras, esta leitura mais sutil dos relatos da Bíblia, nos permitem obter indicações úteis para o conhecimento de nós mesmos.

A ARCA DE NOÉ

O que é uma arca? Em hebraico existem duas palavras muito diferentes — com significados distintos, evidentemente — para designar arca. A primeira, *ahrôn* ou *aaron*, que foi traduzida por arca, designa a arca da Aliança, que continha as Tábuas da Lei (os famosos Dez Mandamentos ditados por Deus a Moisés para seu povo) guardadas no coração do templo que Salomão mandou construir e que desapareceu com a destruição de Jerusalém pelos exércitos babilônicos de Nabucodonosor no ano de 587 a. C. Em latim, o termo arca designava um cofre, berço ou sarcófago. Também provém daí arcaz ou arcano (que significa



A arca de Noé, o arco-íris e a arca da Aliança.

mistério, segredo, escondido). Este é o mesmo nome que se utilizou para traduzir *tebah*, nome que designa a arca de Noé. Os tradutores da Bíblia imaginaram também uma sutil relação entre a arca da Aliança, a arca de Noé e o arco-íris que simboliza a Nova Aliança entre Deus, Noé e sua descendência.

Etimológica e simbolicamente, esta relação não é de toda falsa. Mas não devolve exatamente o sentido do termo hebraico *tebah*, cujo nome simbólico é “todas as energias criadas da vida”. Assim, segundo a leitura e interpretação que podemos fazer deste relato com a ajuda do código secreto da cabala, quando Elohim avisa a Noé sobre o dilúvio iminente e lhe pede que construa uma *tebah*, leva-o a juntar em si mesmo todas suas energias, a tomar consciência de que é o mesmo receptáculo de todas as forças energéticas e cósmicas da vida na Terra. Em outras palavras, aconselha-o a reunir todas as forças e energias do mundo para salvá-lo da destruição e da morte.

Aqui, os animais da arca representam essas energias primordiais e instintivas, as quais podemos encontrar em nós e as quais devemos conservar e sal-

var das forças destruidoras que nos rodeiam.

A criação e o nascimento são muitas vezes resultado do caos. Toda circunstância nova que implica apagar e escrever de novo, que afastamos do nosso passado para nos proteger ou para entrar no futuro, gera normalmente angústia. Mergulhamos então na corrente de nossas emoções, as quais nem sempre conseguimos dominar. Mas a mudança é um dos grandes princípios da vida, que se transforma e regenera sem cessar. Devemos pois adaptar-nos a ela. E para conseguir adaptar-nos à mudança e superá-la, devemos nos proteger das influências que nos empurram para trás ou para o nosso passado, para nossas próprias agitações emocionais, com o risco de mergulharmos ou nos afogarmos nelas.

É assim que podemos interpretar a mítica lenda da arca de Noé que, como vimos, não é apenas um relato histórico ou um conto religioso, mas também a descrição de uma experiência vivida por homens da Antigüidade, que não é alheia a nossas preocupações atuais e que pode ser rica em ensinamentos para nossa vida moderna.



O dilúvio

*Em todo o mundo, e em diferentes versões, aparece o mito do dilúvio.
Mas seu significado simbólico é sempre o mesmo.*

A Bíblia é o mais antigo livro conhecido de recompilação de textos. De fato, os relatos que a compõem não foram escritos por um único autor nem, com certeza, foram redatados na ordem cronológica em que podemos lê-los hoje. Além disso, os temas de alguns destes relatos foram tirados de lendas míticas ou inspirados nelas, provavelmente já existentes antes dos primeiros autores começarem a redação dos primeiros textos bíblicos por volta do século IX a. C. Cerca de 150 anos atrás, iniciaram-se escavações arqueológicas no Iraque e desde então foram encontradas milhares de tabuinhas de cerâmica. Nelas figuram relatos históricos, religiosos, míticos, poéticos e literários, em escritura cuneiforme, gravadas com cálamo (haste ou burlil que os sumérios, babilônios e assírios utilizavam para escrever). As mais an-

*“[...] pois vou lançar sobre a Terra um dilúvio de águas que exterminará tudo que sob o céu tiver alento de vida.”
(Gênes. VI, 17).*

tigas datam de cerca de três mil anos antes de nossa era, isto é, foram gravadas em barro há cerca de cinco mil anos! Uma delas, cuja marca se remonta a 1700 a. C., é o mais antigo relato do dilúvio.

O RELATO MAIS ANTIGO DO DILÚVIO

Esta mítica lenda começa em uma época em que só os deuses viviam na Terra. Reinavam os Anunnaki e a eles prestavam serviços uma classe de deuses inferiores, os Igigi, que se ocupavam do trabalho do campo e de sua manutenção. No entanto, os Igigi se rebelaram e ameaçaram destruir a Enlil, deus supremo dos Anunnaki. Sem saber o que fazer, Enlil consultou a Ea, sua conselheira, que propôs substituir os Igigi por uma nova raça inferior que se ocuparia das tarefas que estes não queriam assumir. Assim nasceu a raça humana. O homem foi criado a partir do barro, tão abundante no país, e, para que se parecesse com os Igigi aos quais iam substituir, foi umedecido com o sangue de um deles, o qual teve que ser sacrificado

para esta circunstância. Desta forma, o homem foi criado para ser escravo dos deuses.

Os escravos cumpriram tão bem sua tarefa que prosperaram e proliferaram, e armaram uma confusão tão grande que acabaram quebrando a tranquilidade dos Anunnaki. Furioso, Enlil decidiu eliminar a raça de seres inferiores e revoltosos provocando uma epidemia. Mas Ea, que se sentia demasiado implicada na criação do homem, avisou a um deles, Atra-hasis, para que pudesse salvar os homens deste perigo. E o conseguiu. Porém, mais uma vez, tudo tomou seu curso habitual, isto é, os alvoroços continuaram. Enlil, mais furioso ainda, utilizou desta vez a seca para que os homens passassem fome e morressem. Uma nova intervenção de Ea através de Atra-hasis conseguiu mais uma vez salvar a humanidade deste novo desastre. A vida dos homens continuou, mas sua rebeldia aumentou e, desta vez, Enlil, já perto de um ataque de nervos, tomou uma solução radical: provocou o dilúvio. Mas Ea, sempre atenta, preveniu Atra-hasis a tempo com estas palavras: “você pre-



MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



Para os maias, o dilúvio sai do cântaro que a deusa Ixchel verte sobre o mundo.

cisa construir um barco de dois conveses, solidamente aparelhado, devidamente calafetado e sólido”, no qual “precisará embarcar reservas, móveis, riquezas, esposa, parentes e conhecidos, capacetes, assim como animais domésticos e selvagens”. Depois disto, você só precisará “entrar no barco e fechar a escotilha”.

É este, mais ou menos, o relato tradicional do dilúvio (*veja o quadro*).

O DILÚVIO SIMBÓLICO

Quer os escritores da Bíblia tenham se inspirado em um relato mais antigo, que interpretaram e transportaram à sua maneira, quer se trate de Ea ou Yahvé, Atrahasis ou Noé (*Noah* em hebraico está relacionado com os verbos “conduzir”, “consolar” e “arrepender-se”), não muda nada quanto ao conteúdo simbólico da lenda do dilúvio.

Este anuncia e revela uma regeneração necessária, uma renovação que só pode surgir com o caos. Na Terra, o caos será produzido em forma de desastre natural — inundação, tempestades, maremoto —, mas também tem lugar em cada um de nós quando somos vítima de uma doença ou quando nossos de-

sejos, emoções e paixões nos derrubam. Os povos da Mesopotâmia e os hebreus não foram os únicos em compor sua versão do dilúvio, pois encontram-se relatos parecidos também em outras civilizações.

Na mitologia da Índia, Vishnu, o deus solar supremo do hinduísmo, transformou-se em peixe e salvou do dilúvio a Manu, pai da humanidade, e o levou às montanhas do Himalaia, para que estivesse a salvo das inundações.

Na mitologia grega, Zeus, quando acreditou que os homens da Idade de Bronze eram uma raça a caminho da perdição, decidiu dizimar esta raça provocando um dilúvio. O deus olímpico considerou que devia salvar somente a Deucalião, filho de Prometeu, e sua esposa Pirra, filha de Pandora — primeira de todas as mulheres —. Ordenou a estes que fabricassem uma barca ou arca. O dilúvio teve início e Deucalião e Pirra se salvaram. Quando tudo acabou, Zeus lhes pediu que formulassem um desejo. Deucalião pediu a presença de outros seres humanos. Zeus ordenou que atirasse pedras sobre seus ombros e destas pedras nasceram os homens.

Seja qual for sua versão, o dilúvio sempre é portador de esperança, renovação e renascimento. Evidentemente trata-se de uma catástrofe, um cataclismo, mas não do fim do mundo nem dos tempos. Significa um desbordamento, como seu sentido etimológico nos indica, mas também nos sugere “diluir”, isto é, “dissolver, dissipar, aclarar, lavar”.

O relato do dilúvio como foi escrito há mais de 3.700 anos

“Seis dias e sete noites: a tempestade assolou tudo.

Anzu (um gigantesco jovem divino) rasgava os céus com suas garras: era, definitivamente, o dilúvio

Cuja brutalidade caía sobre a população como nas guerras!

Não se podia ver nada de nada

E já não se podia identificar mais nada nesta carnificina!

O dilúvio mugia como um boi:

O vento soprava, como uma águia guinchando!

As trevas eram impenetráveis: não havia mais Sol!”

(Segundo adaptação de Jean Bottéro, 1992)



Vishnu arrasta o barco de Manu até os cumes do Himalaia para salvá-lo do dilúvio.



A simbologia dos números

01

O 1 reúne e unifica. Forma um todo. Aqui não o entendemos tanto como o primeiro número, mas sim como o símbolo unificador dos elementos da vida.

Para algumas pessoas, o universo é o reverso do 1; para outras, é tudo que se orienta, se dirige, gira ou volta para o 1. Se nos apegarmos às raízes etimológicas da palavra, o latim *universus* significava “voltado (virado, *versus*) de maneira a formar um (*uni*) conjunto”. Em outras palavras, parece que sempre se concebeu o 1 como um todo, um princípio absoluto, um desenlace, um final em si. Esta noção do todo contido no 1 e, reciprocamente, encontramos-lo na expressão “tudo é um”, significa: é o mesmo, é como.

O PONTO DE LUZ

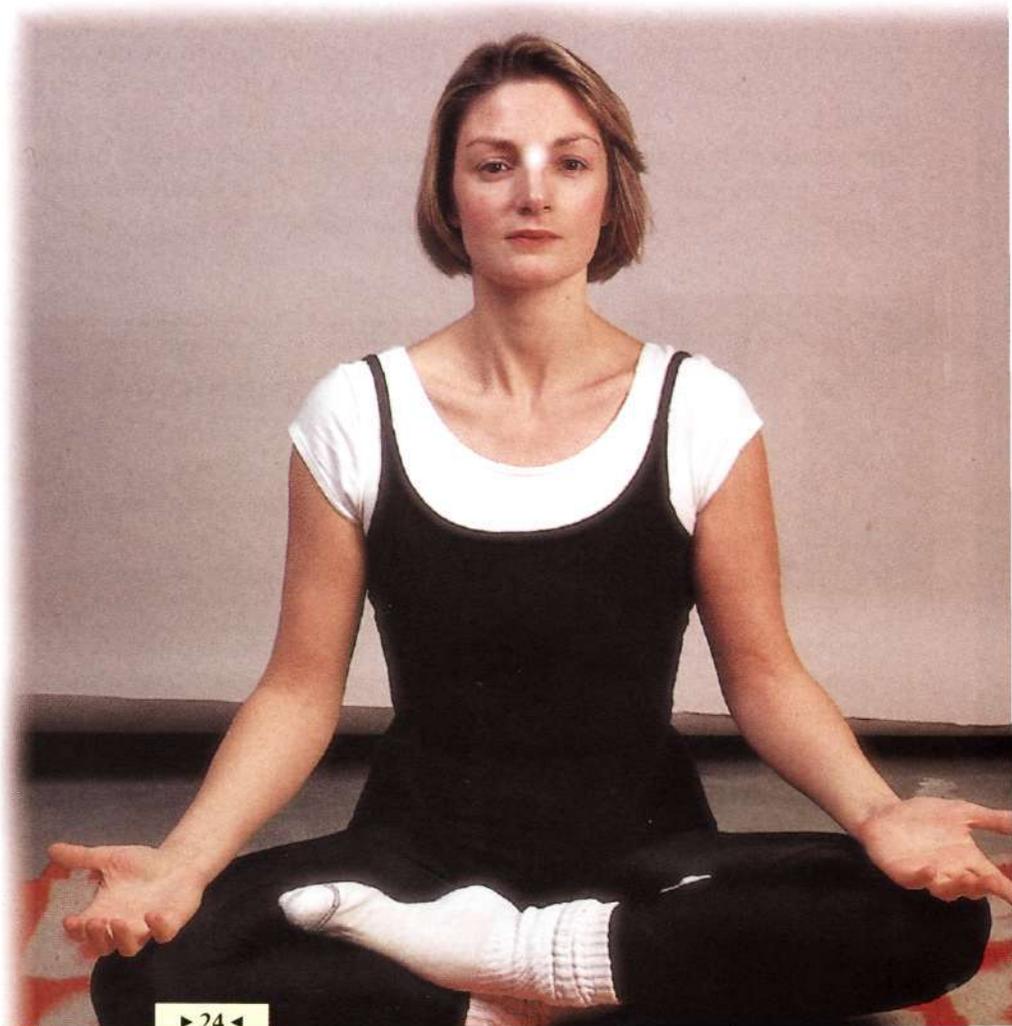
Tudo acontece como se o 1 fosse o princípio e o fim, como se o princípio e o fim formassem uma e a mesma coisa. Este princípio revela-se na figura ancestral do ponto situado no exato centro do círculo. “Quando o Desconhecido dos Desconhecidos quis manifestar-se”, diz o *Zohar*, “começou por criar-se um ponto.” De fato, se imaginarmos um mundo imaterial e vazio onde nada é aparente, onde nada existe, no qual surgiria do desconhecido um simples ponto, nos depararíamos de repente com o mundo do visível. Por outro lado, este ponto visível no qual podemos fixar nossa atenção, mas também concentrar nossa mente, aguça e desperta nossa consciência.

É assim que certos exercícios de ioga nos conduzem, depois de alguns movimentos de relaxação e de respiração a criar o vazio em nós, tranquilizando, acalmando ou amansando a atividade

natural da mente, a qual podemos considerar como um jovem animal feroso. Após tê-lo conseguido, tenta-se visualizar um ponto luminoso. Além de ser um fantástico e simples exercício de concentração, esta prática estimula as faculdades de discernimento, de escolha lúcida e objetiva e, paradoxalmente, da acuidade visual.

Efetivamente, aquele que se entrega a este exercício de forma constante e rigorosa vê ampliar-se seu campo visual ao longo do tempo pois o ponto luminoso no qual fixa sua atenção com os

olhos fechados tem tendência a aumentar, a envolvê-lo e às vezes até a absorvê-lo. Este fenômeno foi descrito também por pessoas que estiveram mergulhadas em um coma profundo, isto é, um estado absoluto de inconsciência, do qual saíram milagrosamente. Os testemunhos cruzam-se entre seres que, não tendo relação alguma entre si, confirmam que viram surgir um ponto luminoso cada vez maior que, pouco a pouco, os ia envolvendo em uma luz benévola e generosa, viva e dificilmente descritível.



Visualizar o ponto de luz, o princípio do 1, do começo e do fim, do Todo.

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



OS SÍMBOLOS UNIFICADORES

Embora nos encontremos em um universo de uma visão interior, não podemos evitar ligar o ponto no interior do círculo que, como o 1, está no Todo e a íris no centro do olho.

Este ponto no centro do olho representa também o símbolo do Sol em astrologia, que parece um ponto ardente unido ao céu.

Foi desta forma que os antigos egípcios conceberam Rá, o deus Sol, que representavam geralmente por uma magnífica cobra erguida sobre a cauda e com um único olho que lhe tomava toda a cabeça.

Tratava-se de Uraeus, freqüentemente representado na parte frontal da coroa dos faraós e que simbolizava o calor vivificante e o sopro da vida.

Assim, o ponto, o centro, o olho, o Sol, o coração, o sopro, são símbolos unificadores.

Temos também de aludir a *sri-yantra*, que significa literalmente “instrumento do sublime”.

É um diagrama utilizado no tantrismo hindu — doutrina religiosa procedente do hinduísmo, orientada para o despertar e o domínio das energias primitivas e a fusão dos opostos, onde se praticam exercícios de kundalini-yoga — com o objetivo de fixar a atenção e o espírito do monge em um ponto central que se encontra no coração do Todo e desperta a força que restitui a vida e regressa ao Uno. Este esquema é uma mandala, que exerce um poder mágico e unificador sobre quem o usa.

O trabalho não estaria completo se não fizéssemos referência à mônada, considerada como o maior princípio unificador e a alma do mundo pelos alquimistas, filósofos e praticantes do esoterismo e da cabala cristã do Renascimento.

Foi representada pelo astrólogo inglês John Dee, segundo um esquema que se inspira ao mesmo tempo na árvore de Sefirot da cabala e no símbolo do astro Mercúrio acima do qual se encontra o símbolo do Sol.

Para concluir, lembremos que a palavra Sol divide uma etimologia comum com “solidão” e “solitário”. Daqui podemos deduzir que, se o 1 é igual e único, Sol é igual a só. *Unus solus*, em latim, significa “um só”.



Representação estilizada da mônada.

Algumas figuras e símbolos do 1

O vocábulo grego *oínos* é o ás do jogo de dados. É também a raiz indo-européia do latim *unus*, que significa “um, um só, uno, único”, de onde derivam: unido, uniforme, único, unidade, união, nulo, o verbo anular e também o vocábulo não. O hidrogênio é o elemento atômico número 1 da tabela de Mendeliev, que deve seu nome ao químico russo que foi o autor da classificação dos elementos químicos. É considerado o elemento mais abundante do universo, pois foi a partir dele que se formaram as estrelas. O núcleo do átomo de hidrogênio é constituído por um único próton à volta do qual gravita apenas um elétron.

Citamos o hidrogênio mais pela estrutura de seu núcleo formado por um só próton e um só elétron do que por sua presença à frente dos elementos atômicos.

De fato, não se deve confundir o 1 da unidade e do todo com o primeiro algarismo que encabeça uma enumeração. Ser o primeiro ou estar na origem não significa obrigatoriamente ser um ou estar unificado.



FICHA DE IDENTIDADE DO 1

Nomes: a unidade, a mônada, o todo.

Correspondências aritmomânticas com as letras do alfabeto: A, J e S.

Correspondências com as letras-número do código da cabala: Alef.

Cores: o branco, que simboliza a unidade espectral, e o vermelho, que figura o sopro vital.

Símbolos geométricos: um ponto fixo no centro de um círculo.

Correspondência astrológica: Netuno ou Urano





A simbologia dos números

O 2

O Tã Ghi Tu ou símbolo do Yin e do Yang, o Zodíaco e o ritmo binário são representações simbólicas da função unificadora do 2.

Se normalmente o 2 representa uma pequena quantidade ou um número pequeno, não é assim que aqui o entendemos ou encaramos. De fato, não vamos tratar nesta abordagem das qualidades quantitativas dos números, que são certamente muito úteis para contar, classificar, organizar, repartir, agrupar, mas sim do seu alcance simbólico. Cada “número”, ou seja, cada um destes símbolos, forma um todo individual, uma unidade inteira, cujo princípio originário e inicial se encontra no 1 ou volta para ele de alguma maneira.

O TÃ GHI TU

Um dos mais belos símbolos que representa o conjunto perfeito formado pelo 2, sem dúvida alguma, é o do Yin e do Yang, tal como está representado no Tao chinês.

O princípio do taoísmo, filosofia e doutrina religiosa cuja regra fundamental se baseia na “não permanência” das coisas e na transformação constante, é representado pelo Tã Ghi Tu. Mais conhecido pelo nome de “símbolo do Yin e do Yang”, este sinal significa literalmente “a imagem do absoluto”, ou concretamente “a imagem da transformação suprema”.

Este princípio apresenta analogias com o da *prima materia* dos alquimistas, pois se trata também de uma imagem da energia universal que preside toda a vida.



O Tã Ghi Tu ou símbolo do Yin e do Yang (acima) pode ser comparado ao ovo filosófico (abaixo) que representa a prima materia dos alquimistas



O Tã Ghi Tu é um círculo perfeito. Está dividido em duas partes iguais por uma espécie de S central e vertical que, simbolicamente, representa a serpente ou o dragão na China.

Na parte esquerda e branca atribuída ao princípio do Yang ou grande princípio masculino, aparece um ponto Yin negro. E na parte direita e negra atribuída ao princípio Yin ou grande princípio feminino, encontra-se um ponto Yang branco.

O dragão que aparece no centro, ao mesmo tempo que separa o Yang do Yin, gera um movimento constante entre estes dois princípios fundamentais e sua interpretação contínua, representada por um ponto Yin na parte Yang e por um ponto Yang no interior

da parte Yin. É assim que os chineses imaginam a mutação permanente dos dois grandes princípios de toda a vida, formando no fundo uma só coisa.

Sendo dois, podem gerar-se um ao outro sem cessar e ser a origem das múltiplas formas de vida na Terra e no Universo.

Ressaltemos que este símbolo do Yin e do Yang se encontra nos signos zodiacais de Câncer e Peixes e nos informa que ambos os signos têm ao mesmo tempo partes femininas e masculinas. Os signos masculinos são Câncer, Gêmeos, Leão, Libra Sagitário e Aquário; os signos femini-

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



nos são Touro, Câncer, Escorpião, Capricórnio e Peixes. Em outras palavras, todos os signos de Fogo e Ar do Zodíaco são masculinos enquanto os signos de Terra e Água são femininos.

Porém, reunidos no Zodíaco, formam um conjunto coerente. Cada um deles tem suas qualidades e suas propriedades, nas quais parecem estar imersos e das quais os astros se impregnam quando as cruzam. Também eles têm um princípio Yin e Yang em função da natureza de cada um. Não é absurdo dizer que o Zodíaco é o Tai Ghi Tu do Ocidente.

O RITMO

É fácil imaginar como o homem tomou consciência do ritmo e como sentiu nele o canto mágico e sagrado da litania de seu sistema binário, inspirado sem qualquer margem de dúvida no seu ritmo cardíaco ou na cadência de seu passo, tanto quando caminhava como quando corria.

Poderíamos julgar — embora seja pura especulação de nossa parte, pois não temos nenhuma prova tangível que nos dê razão — que, andando e ouvindo o movimento constante da diástole e da sístole de seu coração, o

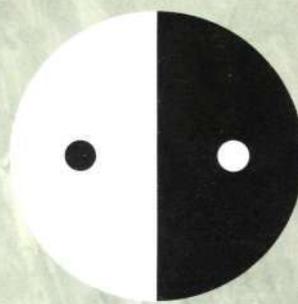
homem concebeu o ritmo e conferiu-lhe um caráter mágico, pois o ritmo que nele ouvia parecia corresponder perfeitamente a certos ruídos e cantos da natureza, como o das folhas, o de certos pássaros, o do vento nas árvores, o da chuva batendo no chão, etc. Se continuarmos a especular para ilustrar melhor o símbolo 2, tal como foi percebido e concebido pelos nossos antepassados, talvez ao tomar consciência do ritmo binário sobre o qual se baseia a grande sinfonia da natureza e que sentia dentro de si, o homem entendeu que tudo era duplo: o homem e a mulher, o Céu e a Terra, em cima e em baixo, o dia e a noite, o calor e o frio, o Sol e a Lua, o interior e o exterior, a vida e a morte, a alma e o corpo, e, muito mais tarde, o puro e o impuro, o bem e o mal.

Dizemos “muito mais tarde” pois, *a priori*, o que antes era duplo não implicava obrigatoriamente a noção ou o conceito de dualidade e de oposição, no sentido que hoje em dia lhe damos.

Efetivamente, em princípio, o 2 faz referência ao duo, ao par, à união, ao duplo que é o outro eu. A dualidade caracteriza o que é duplo, mas não o que é oposto.

Sobre o que é dual — que sem razão aparente assimilamos à dualidade entendida como oposição, rivalidade, confronto, luta entre duas pessoas ou duas coisas —, sua origem etimológica nos ensina que a raiz provém do latim *dualis*, que significa “binário”, e daí provém o termo “dualismo”, contrariamente ao “duo” e cujo significado era “dois”.

Algumas figuras e símbolos do 2



O maior paradoxo do 2 é que representa o visível e o invisível, um ao lado do outro e unidos. De fato, se o 1 é representado por um ponto no centro de um círculo, quer dizer, um ponto visível no centro que invoca o invisível, o 2 nos mostra um círculo dividido em duas partes iguais, com a parte esquerda branca e a parte direita negra. Como no Tai Ghi Tu, um ponto negro situado na parte esquerda branca indica o aparecimento do visível no invisível, enquanto o ponto branco na parte direita negra representa a porta do invisível no visível. O hélio é o elemento atômico número 2 da tabela de Mendeliev. Seu átomo é composto de dois núcleos, com dois prótons e dois elétrons cada um. Curiosamente, a partir da raiz etimológica grega *helios* (que significa Sol), o astrofísico Norman Lockyer deu o nome ao segundo elemento atômico em 1868. Dizemos curiosamente, pois o astro que foi analiticamente vinculado ao 2 foi o Saturno, e às vezes a Lua como um grande princípio feminino, mas não o Sol.



FICHA DE IDENTIDADE DO 2

Nomes: o duo, o duplo, a dualidade, o binário.

Correspondências aritmomânticas com as letras do alfabeto: B, K e T.

Correspondência com as letras-números do código da cabala: Beith.

Correspondência astrológica:
Saturno.



Cores: o negro ou o pardo, que simboliza a matéria visível.



Símbolo geométrico:
2 pontos, 2 linhas,
1 ângulo.





A simbologia dos números

O 3

Tanto em seu aspecto geométrico como triângulo, como no mítico e místico de uma Trindade, o 3 é um vínculo e um princípio criador.

Quando fazemos alusão ao Número 3, as três grandes etapas da vida que nos vêm à cabeça são o nascimento, a vida e a morte, sabendo que estas etapas formam um todo na existência de um ser.

No entanto, na maioria dos casos, temos tendência para opor a vida à morte; a primeira se caracteriza pela presença e a segunda pela ausência da pessoa física. O que quer dizer que, na noção de vida-morte, estamos no universo da dualidade, do ritmo binário que tem algo de fatal, pungente e imutável, frágil também, onde os elementos opostos e complementares, evidentemente, estão um em frente ao outro sem nunca se encontrarem; é como se todo o equilíbrio do mundo se baseasse justamente em sua oposição.

No entanto, a manifestação ou a existência desta polaridade não será consequência do papel criador que joga um terceiro elemento ou fator? Este pode ser o grande princípio do 3 que, ao ser revelado por 2, ou por dois 1 que se opõem e no entanto se atraem, é um elemento suplementar, desconhecido, mas que não podia deixar de nascer, aparecer, existir a partir da realidade.

Se abordarmos o 1 e o 2 sob um ponto de vista simbólico o mais despojado e simples possível, podemos dizer que o 1 é o Céu, enquanto o 2 é a Terra. Ou então, se preferir, que o 1 é o pai do criador e o 2 a mãe criadora. Do encontro entre ambos, que foram sem dúvida se-



“No Pai está a eternidade, no Filho a identidade e no Espírito Santo a integração da eternidade e da identidade.”
Aurora consurgens, século XV.

parados no princípio dos tempos, momento em que formavam um só ser em sua origem, nasceu o 3, o fruto. O fruto é a vida, é o homem, entendido aqui como a espécie humana.

Tanto é assim que nesta enumeração das três grandes etapas da existência, a vida se situa justamente no meio, sendo o nascimento e a morte as duas portas pelas quais se entra e se sai.

O meio é também um fator bastante revelador do número 3. Por exemplo, desenhemos um ponto ou uma linha no horizonte que separa o céu da terra, o céu do mar, aí está o universo do 3, que junta e separa simultaneamente os diversos elementos. No universo do 2, passaríamos

de um estado para o outro sem fazer a diferença. Estávamos no mundo da polaridade dos contrários onde nasce a chispa.

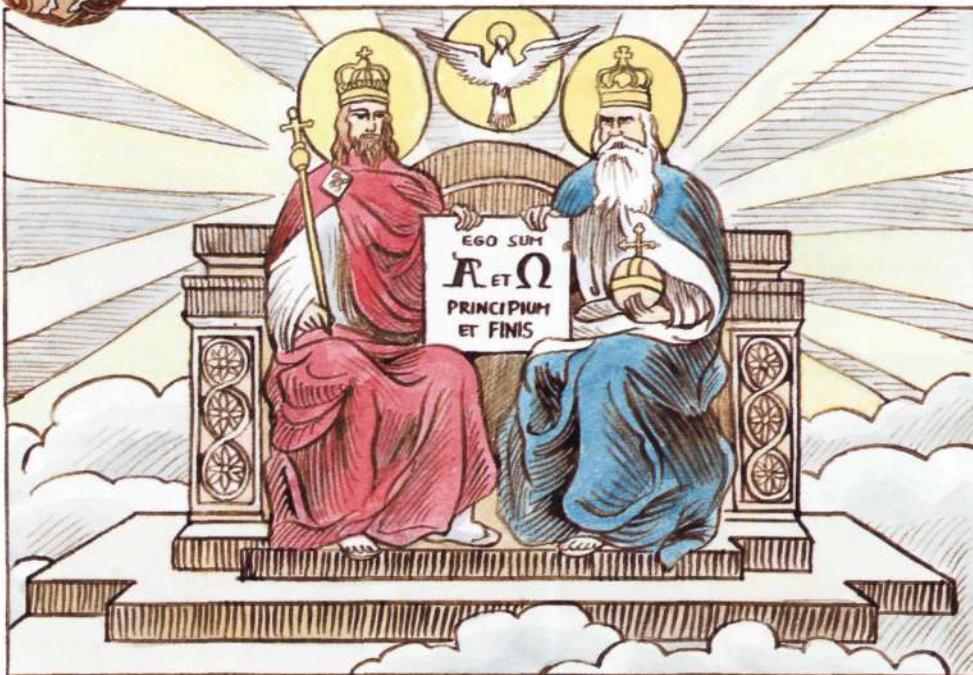
O 3 é justamente a faísca, a energia interior, a chama que brota, aquece, dá luz, ilumina, perfeita imagem simbólica da expressão do espírito e da inteligência.

A TRINDADE

Em várias religiões as divindades são três, embora formem uma só. Vejamos, como exemplo, a trindade das divindades hindus ou *Trimûrti*, que significa “que tem três formas”: Brama, a criação; Vishnu, a conserva-

ção, e Shiva a destruição. De fato, segundo as crenças hindus, o Espírito Supremo extrai Brama do seu lado direito para criar o mundo; Vishnu do seu lado esquerdo para conservá-lo; e, Shiva, do meio de seu corpo para destruí-lo.

Quanto à Santíssima Trindade católica, representação de um Deus único em três pessoas, também não é tão obscura. Agrupa o Pai, o Filho e o Espírito Santo. No entanto, devemos sublinhar que não há nenhum vestígio desta doutrina ou crença no Antigo ou no Novo Testamento, e que parece ter surgido somente no século IV d. C., o que faz supor que seja consequência de crenças e culturas antigas, vindas do cruzamento de civilizações mesopotâmicas, egípcias, gregas e celtas, já que por todo o mundo encontramos esta visão de trindade divinizada, a qual podemos resumir como a representação do cosmos ou do uni-



A Santíssima Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo representado pela pomba.

verso em primeiro lugar; em segundo, do homem, e em terceiro lugar, da psique ou da consciência, ou seja, o Céu, a Terra e o Homem.

O TERNÁRIO

O homem é, ele próprio, três em um. É ternário. Possui uma alma, um corpo e um espírito, e também uma cabeça,

um tronco e membros; e, segundo crenças ancestrais e na opinião dos médicos da Antigüidade, um corpo triplo composto de corpo físico, corpo etéreo, chamado também corpo vital, e o corpo emocional, que se chama também corpo astral. O corpo etéreo está por sua vez dividido em três partes diferentes que formam um todo: o éter vital — que corresponde à secularidade, à vitalidade, aos órgãos regeneradores —, o éter luz — que rege os cinco sentidos e a circulação, o ritmo cardíaco e a tempera-

tura do corpo — e, por último, o éter refletor — que comanda as funções da inteligência, dos pensamentos, dos reflexos, a vontade e os atos.

Mas não daríamos uma explicação completa se não aludíssemos ao princípio intelectual e filosófico da tese, da antítese e da síntese, já que neste caso a primeira é considerada a vida, no sentido primitivo e original, a segunda é entendida como a morte, sempre no sentido primitivo e original e, finalmente, a terceira como um princípio de eternidade, pela mesma razão que a vida e a morte não podem ser opostas, sendo os dois pólos visíveis e invisíveis de uma mesma realidade desde a hora em que as reunimos e as vemos como um todo. Segundo este processo intelectual, o 3 — que é o primeiro número ímpar, assim como o 2 é o primeiro número par, enquanto o 1 é hermafrodita — tem um papel criador. De fato, une dois elementos opostos, que podem estar condenados à destruição um pelo outro, para gerar algo novo.

Algumas figuras e símbolos do 3

Assim como o 3 pode desempenhar um papel dinamizador e criador, também é sem dúvida alguma um laço. Por exemplo, a linha que une dois pontos é o terceiro elemento sem o qual eles nunca poderiam estar relacionados entre si nem poderiam se combinar. Assim, unindo três vezes três pontos de dois em dois, obtemos o triângulo. Esta figura geométrica é de grande valor simbólico, pois é usada desde a mais alta Antigüidade para representar os quatro elementos primordiais: o triângulo em pé, com a ponta para cima, representa o Fogo, o pólo masculino; o triângulo invertido com a ponta para baixo representa a Água, o pólo feminino; o triângulo de pé, atravessado ao meio por uma linha horizontal, representa o Ar, o espírito; o triângulo invertido, atravessado também por um traço horizontal ao meio, representa a Terra, a matéria.

FICHA DE IDENTIDADE DO 3

Nomes: ternário, tríade, trindade, trio, triplo, trivium.
Correspondências aritmomânticas com as letras do alfabeto: C, L e U.
Correspondência com as letras-números do código da cabala: Ghimel.

Correspondência astrológica: Júpiter.



Cor: o amarelo.



Símbolo geométrico: o triângulo.





A simbologia dos números

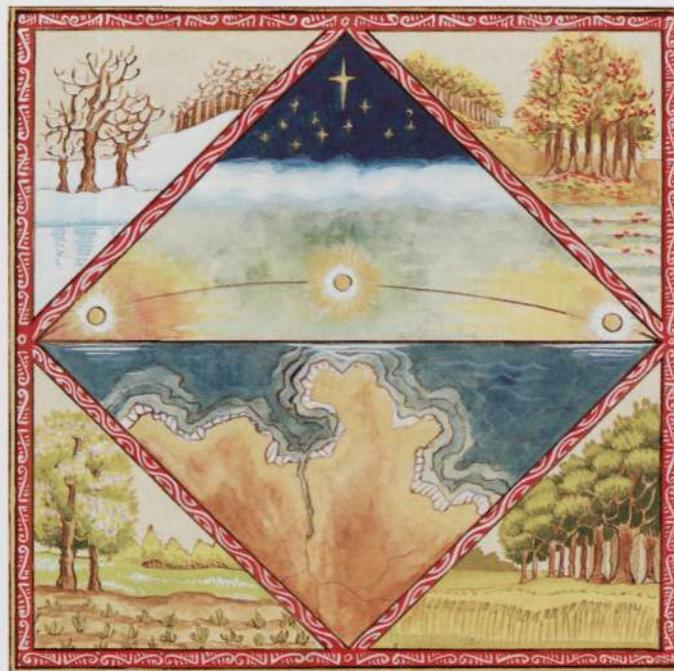
O 4

As figuras do quadrado e da cruz são as duas melhores e fiéis representações do número 4. Mas este é também um símbolo do destino e do livre arbítrio.

Neste contexto, não tentaremos contar até 4, até mesmo considerando que contar tem dois sentidos: contar de enumerar e contar histórias. Nem um nem outro sentido tem importância neste caso. De fato, a ciência, seja qual for o ponto de vista em que se aborde, tem tantos atrativos que não deixamos de nos maravilhar com o objeto que nos faz compreender e conhecer: a Natureza. Não vista como uma mecânica implacável, que não saberíamos dominar e utilizar todas as suas engrenagens e mecanismos em nosso proveito, mas como um livro fabuloso do qual nunca terminaríamos de virar as páginas, descobrindo assim, até o fim dos tempos, mais e novas formas de vida, novos horizontes, novos espaços sob o nosso olhar maravilhado.

UM MUNDO PERFEITO

Não fizemos este preâmbulo por acaso, pois acabamos de resumir todas as armadilhas lançadas ou que representa o 4, e todas as aberturas, todas as possibilidades que nos oferece. O 4, por tudo que representa simbolicamente para nós, nos permite dispor de uma força e de um poder potenciais sobre a matéria constituída pelos quatro elementos principais; mas, com isso, encerra-nos em uma realidade concreta imutável, pelo mesmo fato que alberga um universo fechado, perfeito, a estrutura do cosmos tal como era percebida por Pitágoras de Samos, no século VI antes da nossa era.



Uma vez delimitado o mundo visível e invisível, o homem pôde observar o nascer e o pôr do Sol e da Lua e identificou os quatro pontos cardeais, depois as quatro estações e finalmente os quatro elementos.

De modo que o mundo se apoiaria sobre quatro pilares, quatro colunas, quatro árvores sagradas, que suportavam o templo do universo manifestado. Evidentemente, os quatro pés do mundo, para dizer de alguma maneira, estão em relação com os quatro pontos cardeais.

ENCRUZILHADA E TERRITÓRIO

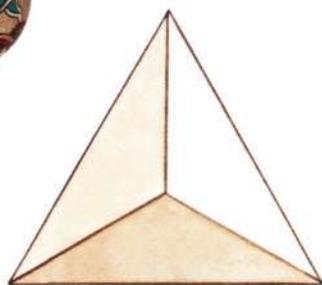
Mas voltemos atrás no tempo e à visão que nossos antepassados longínquos puderam ter tido do seu mundo (que é o nosso), do qual, então, começavam a ter consciência e cujos princípios, estrutura e ordem quiseram compreender e conhecer.

Em um ponto do horizonte, viam o nascer do Sol; este percorria um certo trajeto no céu, e desaparecia em seguida no outro lado horizonte. Como já tínhamos visto, isto permitiu ao homem simbolizar o grande princípio da dualidade: o dia e a noite, a vida e a morte, o mundo visível e o mundo invisível, o de cima e o de baixo. Entretanto, se o nascer do Sol ou o despontar da alvorada podia ser observado, revelado ou antecipado, isto é, era previsível — já que todos os anos durante o mesmo período se produzia sempre no mesmo lugar —, e se se podia fazer o mesmo com o pôr do Sol ou o que chamaríamos o cair da noite, puderam igualmente registrar um fenômeno semelhante produzido desta vez pelo nascer e pôr da Lua. O homem pôde dispor assim de quatro di-

O número como unidade

A divisão e a multiplicação não nos interessam. Sem dúvida alguma que são duas ferramentas necessárias para nossos cálculos mercantis. Mas não é assim que nós vemos os números. Não os abordamos de um ponto de vista matemático ou contábil, mas como representação simbólica, arcaica enquanto arquétipos, cada um deles formando uma unidade indissociável, uma força, uma energia, revelando vibrações específicas. Assim, do nosso ponto de vista, o Número não se soma nem se subtrai. Não podemos acrescentar-lhe nada nem retirar-lhe nada. É uma unidade indissociável.

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



O tetraedro regular, figura geométrica formada por quatro triângulos equiláteros.

reções, que são os quatro pontos revelados pelo nascer e pôr do Sol e da Lua em dias e em um lugar concreto. Por outro lado, o homem pode avançar ou recuar, dirigir-se para a direita ou para a esquerda, ou seja, caminhar em quatro direções. No entanto, só pode dar um passo ao mesmo tempo, evidentemente. Neste caso nos encontramos no universo simbólico da encruzilhada. Em resumo, o número 4 revela dois princípios fundamentais do despertar da consciência e da inteligência do homem: a noção de território ou, se se preferir, da propriedade, e da escolha, ou seja, da vontade própria ou do livre arbítrio.

QUADRADO E DESTINO

De fato, situando os quatro pontos do mundo, do seu mundo, definidos pelo nascer e pôr do Sol e da Lua, o homem estabeleceu um universo fechado que só a ele pertencia, embora este estivesse,

segundo ele, determinado ou regido pelos deuses. Unindo estes quatro pontos um por um, criou a grande figura geométrica do 4: o quadrado.

Lembremos que, na mente dos nossos antepassados, a Terra era quadrada e o Céu circular. Por outro lado, devemos destacar que a partir de quatro pontos se formou o primeiro volume, o tetraedro regular, em que os quatro pontos sobre os quais assentava não se encontram no mesmo plano e cujas faces eram quatro triângulos equiláteros. Ora, quem diz volume, diz realidade física, manifestação no mundo concreto, forma.

No universo do 4, que produz o quadrado, ou seja, quatro linhas que são como os limites do mundo, do seu mundo, o homem existe. Vemos que o 4 favorece a tomada de consciência de nossas riquezas e nos dá segurança, mas que, pela mesma razão, limita e encerra. Ao unir estes quatro pontos do horizonte dois a dois, não no exterior mas no interior, cria-se um ponto suplementar, que se encontra na interseção destas duas linhas que acabamos de formar. Mas antes de chegar aqui — porque aqui já estaríamos no número 5 —, o homem pode ser este centro capaz de se mover para um destes quatro pontos, encontrando-se portanto, em uma

encruzilhada, podendo escolher a direção, o caminho a tomar. É assim que o número 4, símbolo evidente do quadrado e da encruzilhada é, por analogia, o do destino imposto ao homem para que possa expressar seu livre arbítrio.

Algumas figuras e símbolos do 4

Em primeiro lugar, trata-se dos pontos cardeais: o Leste ou Oriente, chamado também Levante, o ponto do horizonte onde nasce o Sol; o Oeste ou Ocidente, chamado também Poente, o ponto do horizonte onde o Sol se põe; o Norte, que se identifica facilmente no céu graças à estrela Polar, situada na constelação da Ursa Menor, a menos de 1 grau do pólo celeste boreal; o Sul, exatamente no ponto oposto da estrela Polar. Estes quatro pontos cardeais estão relacionados com os quatro pontos do equinócio e do solstício e, por isso, com as quatro estações e os quatro elementos que, lembremos, formam juntos a própria estrutura do Zodíaco.

No Antigo Testamento, o nome de Yahvé, ou Jeová, é escrito com as quatro letras maiúsculas YHWH, ou seja, Yod-He-Waw-Hheith ou 10-5-6-8.

Não devemos nos surpreender que os autores da Bíblia tenham encontrado quatro grandes profetas: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel e que, depois, no Novo Testamento, figurem quatro evangelistas: Marcos, representado por um leão; Lucas, simbolizado por um touro; João, que aparecia como uma águia; e Mateus, que encarnava o homem ou o anjo. Não devemos nos surpreender tampouco que, mais tarde, a Igreja contasse com quatro doutores: Santo Agostinho, Santo Ambrósio, São Jerônimo e São Gregório Magno. Evidentemente, as quatro letras-números que constituem o nome mítico e sagrado de Yahvé estão relacionadas com o símbolos da cruz de Cristo. Para sermos mais completos no que se refere à Bíblia, devemos fazer alusão aos quatro rios do Paraíso e aos quatro cavaleiros do Apocalipse. Como vemos, o número 4 está onipresente no Livro dos Livros.



FICHA DE IDENTIDADE DO 4

Nomes: *quaternário, quartilho, quarteto, quádruplo.*

Correspondências aritmomânticas com as letras do alfabeto: *D, M e V.*

Correspondência com as letras-números do código da cabala: *Daleth.*

Correspondência astrológica: *Marte.*



Cor: *verde.*



Símbolo geométrico: *o quadrado, a cruz e o tetraedro regular.*





A simbologia dos números

O 5

O homem tem cinco dedos em cada mão, cinco dedos em cada pé e cinco sentidos para perceber o mundo. O 5 é considerado o número do homem.

Sim, o quinto elemento existe. Não é um princípio imaginado por um argumentista ou um cineasta. Foi definido por Plutarco no século I da nossa era nos seguintes termos: “Supondo que o mundo em que vivemos fosse único, e assim é como crê Aristóteles, é composto também, de alguma forma, por cinco mundos que formam a Harmonia: um é a Terra, o outro a Água, o terceiro o Fogo, o quarto o Ar e o quinto o Céu. Este último, segundo alguns, chama-se Luz, segundo outros Éter e finalmente segundo uns terceiros Quinta-Essência”. (Plutarco, *Vidas Paralelas*).

OS CINCO SENTIDOS E A QUINTA-ESSÊNCIA

Segundo a filosofia grega, a Harmonia do Mundo era constituída de cinco elementos. Os hindus distinguiram no homem, o microcosmos, cinco princípios constitutivos da personalidade, em analogia com os grandes princípios que compõem e formam o mundo, o universo criado e manifestado, o macrocosmo. Estes cinco elementos têm o nome de Skandha, que significa literalmente grupos ou conglomerados. Apresentam-se da seguinte forma:

Skandha Rûpa

Conjunto da matéria ou grupo da corporeidade, é formado pelos quatro elementos, ou seja, o sólido (a Terra), o líquido (a Água), o calor (o Fogo) e o movimento (o Ar). Cada um destes elementos primordiais está em relação com um órgão dos sentidos e seu objeto: o nariz e o olfato para a Terra, o sabor e o paladar para a Água, o olho e a visão



O pentafólio encontra-se nos vitrais de muitas igrejas de inspiração românica e gótica.

para o Fogo, a pele e o tato para o Ar. Acrescenta-se, claro, a orelha e o ouvido para o Éter, o quinto elemento.

Skandha Vedanâ

Conjunto de sensações ou grupo da percepção, composto de todas as formas, sensações, agradáveis, dolorosas ou neutras, que são como tantas portas abertas para o mundo exterior.

Skandha Smajná

Conjunto da consciência ou grupo de impressões, as quais se distribuem em seis faculdades sensoriais diferentes: a forma, o som, o cheiro, o gosto, as sensações físicas e as percepções mentais.

Skandha Samskâra

Conjunto de concepções e grupo de ações que reúne todos os níveis da ati-

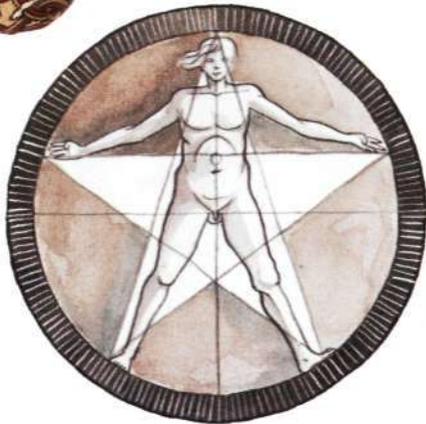
vidade física e instintiva e que se traduz nos desejos, sentimentos, emoções e atos: a atenção, a concentração, o raciocínio, o critério, a vontade, o espírito de iniciativa, a capacidade de ação, a alegria, etc.

Skandha Vijnâna

Conjunto da consciência ou grupo do conhecimento, reúne seis campos da atividade da consciência ou da mente que favorecem o conhecimento. Cada uma das faculdades sensoriais e físicas é empregada como ferramenta ou instrumento de identificação e conhecimento. Dispomos, portanto, da consciência olfativa (a Terra), gustativa (a Água), visual (o Fogo), tátil (o Ar), auditiva (o Éter ou quinto elemento) e mental. Daqui nos atreveríamos a deduzir que, segundo a doutrina hindu, a consciência mental que favorece o conhecimento de si mesmo é o que no Ocidente se chama geralmente o sexto sentido, que reúne todas as faculdades, dons, princípios e qualidades dos cinco sentidos juntos, constituindo assim a quinta-essência.

De fato, esta consciência equivale a uma espécie de capacidade de percepção extrasensorial, graças à qual cada um de nós estaria em condições de tomar consciência de que os Skandha ou conjuntos, tal como os descrevemos, não são mais do que puras ilusões.

Em palavras de Bhikku Nyânatiloka: “Tomados separadamente ou todos juntos, nunca estes cinco conjuntos da existência constituem uma personalidade, uma unidade individual e autônoma real; fora deles, não existe também nada que se possa designar como



O pentagrama corresponde à letra He, representada pelo hieróglifo ao lado.

um "eu" independente: a crença em uma entidade pessoal real, em um "eu" no sentido supremo do termo, é pura ilusão."

O PENTAFÓLIO E O PENTAGRAMA

As igrejas e catedrais da Idade Média, de inspiração românica ou gótica, foram quase sempre decoradas ou ornamentadas com vitrais e esculturas em forma de pentafólio. Representava-se através de uma figura geométrica constituída por um círculo, no interior do qual aloja uma estrela de cinco pontas e, em seu exterior, está cercado de cinco círcu-

los, cujo centro coincide com cada uma das pontas da estrela.

Ora, o pentafólio era uma representação simbólica do pentagrama, cujo princípio foi estabelecido por Pitágoras. "Segundo a doutrina pitagórica, 10 é o número perfeito; representa a unidade e em toda a tradição é o número da divindade. O homem tem sua imagem em suas mãos e pés (efetivamente, temos cinco dedos em cada pé, ou seja, dez dedos no total,



e cinco dedos em cada mão, isto é, dez dedos no total; a observação é nossa). Se aceitarmos o cinco como o número do homem, o pentagrama se transforma em elemento do microcosmos. Desta forma, o microcosmos e o macrocosmo formam a imagem do número perfeito ($5 + 5 = 10$) de Deus."

Esta soma, da qual resultaria o Número Perfeito, é mais concretamente uma fusão do número 5 consigo mesmo. Deste modo, nosso pentafólio, figura simbólica do pentagrama, representa o homem, o microcosmos, sob o aspecto de uma estrela de cinco pontas que, certamente, simboliza o homem de pé,

com os braços e as pernas estendidas, ou o universo, o macrocosmo, sob o aspecto dos cinco lóbulos que correspondem aos cinco elementos que regem o mundo.

Finalmente, assinalemos que o pentagrama, como seu nome indica, é a quinta letra, isto é, a letra He do alfabeto das letras-números da cabala. Esta simboliza a respiração, ou seja, a essência da vida, sede e veículo da alma e do espírito. Por isso, o hieróglifo egípcio que corresponderia a esta letra representava um homem de pé, com as pernas abertas e levantando os braços para o céu.

Algumas figuras e símbolos do 5

Como vimos, devido ao fato do homem ter cinco sentidos (audição, olfato, paladar, visão e tato), cinco dedos — o polegar (associado a Vênus), o indicador (associado a Júpiter, o médio (associado a Saturno), o anelar (associado ao Sol) e o mínimo (associado a Mercúrio) —, o cinco foi considerado pelos homens da Antigüidade como o número do homem. De maneira que as vértebras que formam a coluna vertebral foram divididas em cinco grupos:

- 1) as sete vértebras cervicais, sobre as quais assenta o crânio. Cada uma está em relação com os sete astros deuses que regem o Zodíaco;
- 2) as doze vértebras torácicas ou dorsais, às quais se unem os doze pares de costelas, cada uma delas relacionadas com um signo do Zodíaco;
- 3) as cinco vértebras lombares, as quatro primeiras relacionadas com os quatro elementos e a quinta com o quinto elemento: o Éter;
- 4) as cinco vértebras chamadas sacras, porque se situam ao nível do osso sacro, com o qual se articulam os ossos ilíacos para formar a pélvis, no centro da qual se encontra o Mûlâdhâra-Chakra, receptáculo da Kundalinî;
- 5) as quatro vértebras que se estão à altura do cóccix e que parecem formar um único osso, vestígio de um osso caudal.



FICHA DE IDENTIDADE DO 5

Nomes: *quinqüenal, quinta, quinteto, quíntuplo e todos os nomes precedidos pelo prefixo 'pent', do grego pente, que significa 'cinco': pentágono, pentagrama, pentateuco, pentecostes, etc.*
Correspondências aritmomânticas com as letras do alfabeto: *E, N e W.*

Correspondência com as letras-números da cabala: *He.*

Correspondência astrológica: *Áries.*



Cor: *azul.*



Símbolos geométricos: *o pentagrama, ou estrela de 5 pontas, e a pirâmide.*





A simbologia dos números

O 6

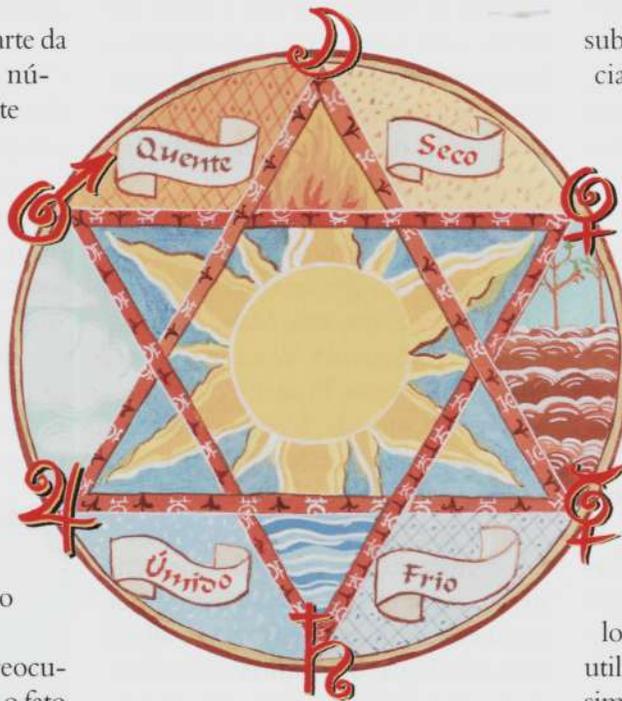
O 6 é o número da gênese. Seus dois símbolos, o hexagrama e o selo de Salomão, parecem-se com os elementos e os astros que regem o Zodíaco.

Historicamente, parece que a arte da adivinhação e a ciência dos números apareceram simultaneamente em Sumer, na Mesopotâmia, por volta do ano 2900 antes de nossa era, ou seja, há quase 5000 anos. Evidentemente, surge assim o problema de averiguar se o homem começou a calcular antes de começar a escrever, a contar números antes de contar histórias, ou ao contrário. Mais uma vez, arqueólogos e historiadores coincidem em dizer que a ciência dos números nasceu da escrita; porém, o princípio do cálculo é anterior ao da escrita.

Devemos observar que é uma preocupação tipicamente contemporânea o fato de abordar a história dos homens e do despertar da inteligência seguindo uma ordem cronológica. Ora, se precisamente os vestígios históricos, as descobertas, as preocupações e as sociedades dos homens apresentam uma certa cronologia, nada nos diz que os elementos com os quais nos deparamos aparecem nessa ordem. Por isso, pensamos que, tal como a memória genética, nossa história está inscrita em nós, fazendo parte do caminho que trilhamos, e nos serve para assinalar as etapas que transpusemos, os graus de abertura da consciência que gravamos um por um para ter esta visão do mundo tão particular que é nossa e que faz com que a realidade seja tal como é para nós.

A GÊNESE E O 6

Este caminho e esta gênese estão contidos na história simbólica do 6. Porém, antes de ilustrar esta história, devemos



Acima, em torno do hexagrama mágico, símbolo do número 6, estão organizados os elementos e os astros.

Abaixo, em seu sexto mês, o feto tem todas as suas funções vitais. Por isso, o 6 é o número da formação do homem.



sublinhar um ponto essencial da ciência e da simbologia, tal como foram concebidas por nossos antepassados.

Ao apresentar aqui brevemente os números, uns seguidos dos outros, não estamos apenas contando, como já deixamos claro, embora estejamos cedendo à ordem cronológica que empregamos habitualmente e que é crescente, claro. No entanto, tal como nos indicam os símbolos do 6 comparados com os do 5, devemos focalizar os números na ordem inversa: decrescente e regressiva. Embora nos custe imaginá-los, condicionados pela maneira como utilizamos os números na vida corrente, simbolicamente e segundo a ciência dos nossos antepassados, 5 é maior que 6. Esta inversão cronológica ilustra o regresso que o homem tem de realizar a si mesmo para encontrar sua essência original e abrir as asas de sua consciência encontrada, também sem nenhum limite nem divisão. Estamos diante do mito do Paraíso perdido, presente em todas as cosmogonias míticas.

Desta forma, queremos entender como, simbolicamente, o 5 é maior que o 6, ao passo que matemática e cronologicamente é exatamente o contrário. Basta saber que 6 é o número da formação do homem no ventre da mãe. Biologicamente, no sexto mês da vida fetal, o bebê já está formado. Os três meses que lhe faltam viver dentro do útero correspondem à preparação para sua vida exterior, física, humana. Parece que é durante estes três meses que se situa sua memória reflexa autônoma. Esta permite-lhe ter suas próprias reações in-

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS

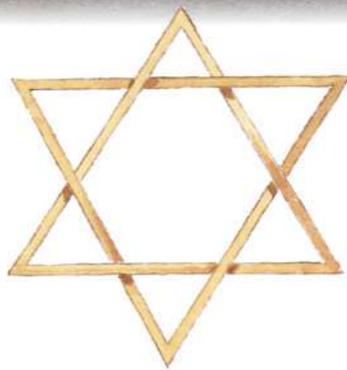


dependentes das da mãe, e a estrutura de sua personalidade, da qual podemos ler uma representação esquemática e simbólica no Zodíaco de seu mapa astral, fica estabelecida no próprio momento de seu nascimento.

Observamos, portanto, que o 6 é o número do homem em sua primeira etapa de formação, enquanto o 5, como já vimos, é o número do homem já formado e constituído, em pé, simbolizado pela estrela de cinco pontas. Assim, compreendemos melhor por que razão o 6 precede o 5 no percurso simbólico dos números.

O HEXAGRAMA E O SELO DE SALOMÃO

Ao dividir um círculo em seis ângulos iguais obtemos um hexágono. Ao juntar estes seis ângulos verticais e diagonais obtém-se uma estrela de seis pontas. Mas ao desenhar dois triângulos no interior do círculo e do hexágono, um com o vértice para cima e ou outro ao contrário, com a ponta para baixo, formamos uma estrela. Esta estrela é um hexagrama mágico composto por quatro elementos: Fogo, Água, Ar e Terra, como já vimos em referência ao número 3. Em consequência, todos os elementos, assim como suas qualidades, se distribuem à volta do hexagrama estrelado.



O Fogo se situa em cima, a Água em baixo, o Ar à esquerda, voltado para o hexagrama, e a Terra à direita; o Quente, em cima à esquerda; o Úmido, em baixo à esquerda; o Seco, em cima à direita; o Frio, em baixo à direita.

Os sete astros regentes do Zodíaco também têm seu lugar no hexagrama, assim como os metais que lhe correspondem: a Lua e a prata, em cima; Marte e o ferro, em cima, à esquerda; Vênus e o cobre, em cima à direita; Júpiter e o estanho, em baixo à esquerda; Mercúrio e o mercúrio, em baixo à direita; Saturno e o chumbo, em baixo; o Sol e ouro, no centro.

A estrutura do hexagrama dos elementos e dos astros faz-nos também supor que a ciência dos números não é alheia à da astrologia, que ambas se confundem e que sua criação foi, sem dúvida, simultânea.

Quanto ao selo de Salomão ou também chamada estrela de David, distingue-

O selo de Salomão

se do hexagrama pelos dois triângulos ao inverso que constituem esta figura geométrica estrelada estarem acoplados. Neste caso, observamos que além de se associar com os elementos e os astros, estes dois triângulos representam o homem e a mulher, a energia feminina e a energia masculina estreitamente unidas.

Ora, assim como Salomão tinha mandado construir seu templo segundo os seis graus inscritos em seu famoso selo, aparece uma correspondência evidente e surpreendente entre seu símbolo, unindo macho e fêmea, ou mundo masculino e feminino, e o T'ai-Ghi-Tu, símbolo do Yin e do Yang, imagem do absoluto segundo os chineses e cujo princípio já destacamos nesta série dos números, que era a origem da Criação. Como vemos, o 6 remete-se para o 2.

Algumas figuras e símbolos do 6

Sendo o 6 o número da primeira formação do homem, podemos compreender melhor o sentido dos famosos seis dias de que Deus precisou para criar o mundo, segundo o Gênese. Segundo o Avesta, livro sagrado do mazdeísmo, tradição religiosa iraniana cujos primeiros escritos são contemporâneos dos primeiros escritos da Bíblia (redigidos pelos hebreus por volta de 1400-1200 a. C.), o mundo não foi criado em seis dias, mas em seis períodos:

- No primeiro período, foi criado o Céu, durante 45 dias.
 - Durante o segundo período, foi criada a Água, em 60 dias.
 - Ao longo do terceiro período, a Terra foi criada em 75 dias.
 - O quarto período corresponde à criação do reino vegetal, em 30 dias.
 - No quinto período, foram criados os animais, em 80 dias.
 - Por último, o sexto período viu a criação do homem, em 75 dias, como a Terra.
- Se somarmos estes dias, no total foram necessários 365 dias para criar o mundo.



FICHA DE IDENTIDADE DO 6

Nomes: *sexteto, sêxtuplo, sextil.*

Correspondências aritmomânticas com as letras do alfabeto: *F, O e X.*

Correspondência com as letras-números do código da cabala: *Waw.*

Correspondência astrológica: *Touro.*



Cor: *azul-indigo.*



Símbolos geométricos: *o hexágono e o hexagrama ou estrela de 6 pontas.*





A simbologia dos números

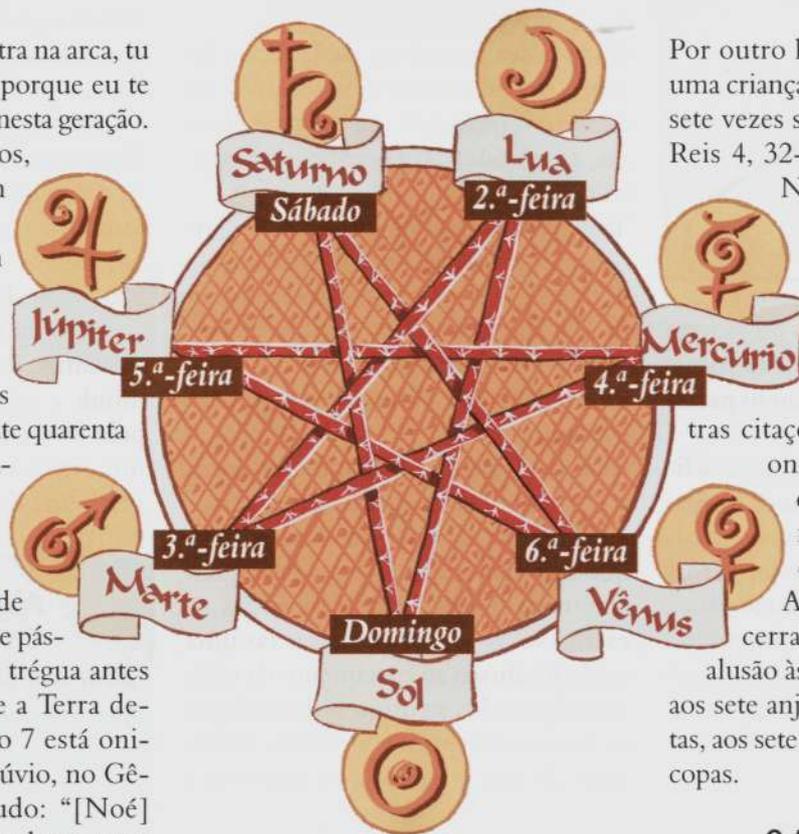
07

Há sete dias da semana, sete astros que regem o Zodíaco, sete notas musicais, sete cores no arco-íris, sete sistemas cristalinos, etc. Simbolicamente, o 7 é o número da perfeição.

Deus disse a Noé: “Entra na arca, tu e toda a tua família, porque eu te vi mesmo diante de mim, nesta geração. De todos os animais puros, escolherás sete pares, um macho e sua fêmea, dos pássaros do céu também sete pares, macho e fêmea, para conservar em vida a raça sobre a face da Terra, visto que daqui a sete dias farei com que chova durante quarenta dias e quarenta noites e eliminarei todos os seres que ficarem na superfície do solo”. (Gênesis 7, 1-4).

Deste modo, sete pares de animais puros, sete pares de pássaros do céu, sete dias de trégua antes que o Dilúvio caia sobre a Terra demonstram que o número 7 está onipresente no relato do Dilúvio, no Gênesis. Mas isso não é tudo: “[Noé] esperou ainda sete dias e soltou novamente a pomba para fora da arca. A pomba regressou ao entardecer e trazia no bico um ramo de oliveira. Noé supôs que as águas tinham baixado na Terra. Esperou ainda durante sete dias e soltou a pomba mas ela já não voltou para ele.” (Gênesis 7, 10-12).

Tal como o 7 tem um papel tão importante no relato de Noé, não é a única alusão a este número que, para os hebreus e os primeiros redatores da Bíblia, simbolizava uma perfeição, uma plenitude, presente no Livro dos Livros. Deste modo, Salomão construiu a “casa de Deus” em sete anos (1 Reis 6, 38).



Acima, a estrela de sete pontas foi formada a partir dos sete dias da semana, que estão em correspondência com os sete astros. Abaixo, cada cor do arco-íris corresponde a uma nota musical.



Por outro lado, Eliseu deita-se sobre uma criança morta, antes desta espirrar sete vezes seguidas e abrir os olhos (2 Reis 4, 32-35). De novo Eliseu leva

Namán, chefe do exército do rei da Síria, que está leproso, a banhar-se sete vezes nas águas do rio Jordão para se curar (2 Reis 5, 1-14). Poderíamos continuar assim com outras citações de capítulos da Bíblia onde aparece o número 7, já

que está presente 77 vezes no Antigo Testamento e constitui a pedra angular do Apocalipse de João, que encerra o Novo Testamento e faz alusão às sete Igrejas, aos sete selos, aos sete anjos segurando sete trombetas, aos sete sinais, às sete pragas, às sete copas.

O ARCO E A FLECHA

No entanto, regressando à lenda mítica de Noé, da qual conhecemos a origem, mais antiga que o Gênesis, é que podemos ver a potência simbólica do número 7.

Com efeito, o Dilúvio concluiu por um pacto de aliança entre Deus e Noé, representado por um arco-íris, constituído por sete cores, acerca das quais lhe revelamos de passagem que cada uma delas está em relação com uma nota da escala musical: por ordem ascendente, o vermelho para o dó, o roxo para o ré, o anil para o mi, o azul para o fá, o verde para o sol, o amarelo para o lá e o laranja para o si; e descendo



a escala, o vermelho para o dó, o roxo para o si, o anil para o lá, o azul para o sol, o verde para o fá, o amarelo para o mi e o laranja para o ré.

Ora, não podemos evitar comparar a figura do arco-íris — que parece formar uma espécie de ponte luminosa e multicolorida unindo o Céu e a Terra, mas também parece um arco esticado para o céu — com a sétima letra-número do alfabeto hebraico, a qual constitui a cabala, *Zaïn* ou *Zeïn*, que significa “arma” e era representada simbolicamente por uma flecha.

O arco e a flecha são as melhores representações simbólicas do número 7. A flecha posta no arco ilustra, de alguma maneira, as sete etapas, os sete passos e os sete céus que o homem tem de escalar para ter acesso à porta dos deuses que leva à imortalidade.

O 7, SINAL DOS DEUSES E NÚMERO UNIVERSAL

Os grandes princípios da Criação, do Universo e do Homem baseiam-se no número 7, quaisquer que sejam as crenças, as religiões ou as civilizações consultadas.

Tanto para os egípcios como para os hindus e, mais tarde, para os budistas, o homem é constituído por sete grandes princípios primordiais, que são idênticos aos sete grandes elementos iniciais sobre os quais assenta o universo criado e manifesto.

Mas, principalmente, fixaremos nossa atenção no Poema da Criação da astrologia mesopotâmica e babilônica — de que destacamos que foi a origem de um autêntico culto religioso, na época — escrito sobre sete tábuas e que faz uma explícita alusão ao nascimento da mais bela figura da estrutura universal que os nossos antepassados viram, muito antes de nós, e segundo os quais era a

réplica perfeita e exata da Terra, ou seja, do Zodíaco e dos sete astros-deuses, estrela e deus que compartilhavam o mesmo nome na antiga língua da Suméria.

Assim, *Nanna* ou *Sin*, a Lua; *Shamash*, o Sol; *Marduk* ou *Dapinu*, o forte, deus da Babilônia, que não é outro senão Júpiter; *Ishtar* ou *Dilbat*, a branca, isto é Vênus, a grande deusa de Nínive; *Nobu* ou *Shihtu*, o que se levanta, Mercúrio; *Ninurta* ou *Kayamânu*, o lento, Saturno; e finalmente, *Nergal*, a aceso, isto é, Marte, constituem juntos a estrutura do Zodíaco sobre a qual se ordenam o mundo e a religião do destino segundo os Caldeus.

São os sete deuses encarregados de fazer girar o mundo, de determinar o destino das almas, de representar juntos a plenitude e a perfeição do mundo criado pelo homem, mas também a via para um oitavo céu, ao qual se tem acesso pela porta dos deuses.

Algumas figuras e símbolos do 7

Além do 7 estar muito presente na Bíblia, como vimos, também é encontrado nos contos de fadas, que estão quase sempre carregados de símbolos. De maneira que, no conto do Pequeno Polegar, este tem sete irmãos e o gigante tem umas botas que lhe permitem dar passos de sete léguas. Também Branca de Neve se refugia em casa dos sete anões, na qual ela vai pôr ordem. Ora, quer se trate dos sete irmãos do Pequeno Polegar ou dos sete anões de Branca de Neve, estamos perante representações dos sete estados da consciência, dos sete componentes da personalidade, dos sete grandes princípios a que já fizemos alusão e que compõem o homem. Em outras palavras, os sete irmãos do Pequeno Polegar são os mesmos componentes de si mesmo, e o mesmo acontece com os sete anões da Branca de Neve. São o instinto, a emoção, a inteligência, a intuição, a razão, a vontade, a consciência.



FICHA DE IDENTIDADE DO 7

Nomes: *septenário, septeto, setentrião, do latim setentriões, que significa os sete bois de arar, nome que os romanos atribuíram às constelações da Ursa Maior e Menor.*

Correspondências aritmomânticas com as letras do alfabeto: G, P e Y.

Correspondências com as letras-números da cabala: *Zeïn* ou *Zaïn*.

Correspondência astrológica: *Gêmeos.*



Cor: *o violeta.*



Símbolos geométricos: *a estrela de 7 pontas, constituída pelos astros e pelos dias da semana.*





A simbologia dos números

O 8

Símbolo do infinito e da eternidade, o 8 é também uma representação das energias terrestres e celestes que circulam sem cessar de cima para baixo e de baixo para cima, regenerando-se.

Para penetrar de cheio no universo deste número mágico e misterioso, e, ao mesmo tempo, inquietante, voltamos ao oitavo arcano maior do Tarô adivinhatório, a Justiça, do qual, por outro lado, já conhecemos seus significados simbólicos.

Destacamos deste arcano seu caráter primitivo, primário e primordial, baseando esta teoria em dois exemplos bem mais simples: um encena a sobrevivência de um animal e outro a de um homem. Assim, ficou demonstrado que, quando a necessidade faz a lei e é preciso salvar-se seja como for ou pensar na sobrevivência da espécie, tanto o homem como o animal vão ao essencial sem se preocuparem com considerações morais ou de qualquer outro tipo.

Do mesmo modo, isto é o que mostra e revela o número 8: uma força de vida e uma força de morte quase simultâneas, que nada pode contê-las ou pará-las. Assim, não é de estranhar que a Justiça esteja melhor relacionada com o signo de Câncer, como por outro lado o está a figura simbólica da chave que designa este número (veja página seguinte).

Porém, os próprios fundamentos de sua expressão e as informações que nos dá correspondem também ao oitavo signo do Zodíaco, Escorpião, já que este anuncia uma mutação.

PARA ALÉM DA BARREIRA DO TEMPO

Para poder compreender melhor como nossos antepassados, durante séculos e até mesmo milênios, além dos tormentos da história souberam preservar e transmitir sua interpretação original do

mundo e da vida, convidamos a que conheça, ou seja, a ler com atenção as linhas seguintes.

Muitas vezes insistimos no sistema de analogia, isto é, o processo mental que está no princípio da criação da estrutura do Zodíaco, tal como foi estabelecido por nossos antepassados com a finalidade de organizar sua elaborada ciência dos presságios, ao mesmo tempo que sua visão do mundo.

Ao seguir este processo analógico, partimos de um fenômeno da natureza, por exemplo, e racionalizamos, de maneira que vamos estabelecer todos as semelhanças, todos os laços, relações e correspondências, diretas ou indiretas, que nele existem. No entanto, às vezes encontramos ou também imaginamos e inventamos, associações que têm sempre uma explicação não tanto lógica como significativa.

Digamos de passagem que este mesmo princípio é o que utilizam os psicanalistas com seus pacientes, baseando-se na associação de idéias.

Esclarecido isto, tentaremos encontrar e compreender os laços que existem entre o 8 e a Justiça (oitavo arcano maior do Tarô adivinhatório), a letra maiúscula H e o símbolo matemático do infinito.

Ora, uma vez demonstrado que todas as figuras representam o mesmo, teremos provavelmente uma vaga idéia da maneira como, talvez um dia, poderemos atravessar a barreira do tempo. Não para alterá-lo, como alguns autores de

Esta sucessão de desenhos revela como, partindo de um símbolo (a barreira), chega-se ao número 8 e à letra H.



MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



ficção científica gostam de nos fazer crer — mergulhando-nos em um mundo totalmente absurdo — mas para nos libertarmos dele e, ao fazê-lo, libertar-nos da morte.

DO INFINITO À ETERNIDADE

De um baralho de Tarô, separe a Justiça, o arcano VIII. Coloque-o próximo a você e leia com atenção o que se segue. Deve observar a caixa vertical que aparece na página anterior e compreenderá como passamos de uma simples barreira ou cercado, o que Heith significa em hebraico — que designa também o H, a oitava letra do alfabeto hebraico e permaneceu como a oitava letra do nosso alfabeto —, para uma cruz dupla, e

desta para uma figura octogonal, isto é, de oito lados, retida por sua vez dentro de um quadrado, para se transformar finalmente em um círculo no interior também de um quadrado. Esta última figura acabará por ser desdobrada, desaparecerão os quadrados e aí está o nosso 8.

Por último, pode ver como este desenho que fazia referência a uma barreira transformou-se no símbolo da letra H, maiúscula claro, já que a mesma letra em minúscula, não tem nenhuma carga simbólica.

Ora, observando a Justiça, o arcano que retirou do seu baralho de Tarô, você não tem a sensação de que a cadeira onde está sentada esta mulher, que tem uma espada em sua mão direita e uma balança na esquerda, parece-se um pouco com o aspecto de um H? Pois não é apenas uma sensação, você acertou em cheio. Também não nos surpreenderá que o H esteja em analogia com os pulmões, pois a forma deste órgão nos lembra esta letra. Deste modo, o número 8 é o símbolo da respiração completa, a inspiração e a expiração que nos podem fazer passar da vida para a morte a qualquer momento, sem sequer notarmos.

Este movimento constante, este ritmo respiratório, lembra-nos o movimento

e o ritmo do próprio tempo. Quem, senão o homem, inventou a medida do tempo em segundos que se sucedem a um ritmo regular e repetitivo? E em que base se alicerçou ou foi fundamentado este sistema? Referindo-se às batidas do coração ou aos movimentos de sua respiração? Ao inspirar o homem absorve a vida e suas idéias. Não dizemos procurar a “inspiração”? Ao expirar, devolve a alma, o espírito, a vida e a morte.

Por isso, o homem em pé, representado pelo número 8, é uma figura da eternidade, tal como o 8 horizontal é uma representação do infinito. Em posição horizontal, simboliza que o homem respira o ar e o espírito da Terra, é unicamente matéria.

Nasce, morre e renasce até o infinito prisioneiro de uma força de vida e de morte à qual fizemos alusão. Mas quando se ergue, então são o ar e o espírito do Céu os elementos respirados. Deste modo, ele próprio se transforma em espírito, em imortal, em eterno. No entanto, isso implica um desenraizamento, um desaparego, uma mudança de comportamento e uma atitude radical, uma autêntica mutação. Esta é a razão pela qual o número 8 é o símbolo mais belo do homem em pé, do homem espiritual, do homem espírito, do homem livre!



FICHA DE IDENTIDADE DO 8

Nomes: *oito, oitavo, oitava, oitavado.*

Correspondências aritmomânticas com as letras do alfabeto: *H, Q e Z.*

Correspondência com as letras da cabala: *Heith.*

Correspondências astrológicas: *Câncer, cujo símbolo está em analogia com o 8 vertical e separado, mas também com Escorpião, que é o oitavo signo do Zodíaco e cuja dialética corresponde à simbologia do número 8.*



Cor: *o vermelho.*



Símbolo geométrico: *o octógono.*



Algumas figuras e símbolos do 8

A propósito deste número, devemos fazer alusão aos oito trigramas essenciais do *I Ching*. Estas oito figuras, cada uma delas composta por três traços contínuos e/ou interrompidos, reúnem-se em um octógono, no centro do qual encontra-se o Taichi, símbolo chinês do Yin e do Yang, energias primordiais feminina e masculina que nos lembram a força da vida e a força da morte, às quais fizemos alusão em relação ao número 8. Os oito trigramas encontram-se relacionados com as oito direções do equivalente à nossa rosa-dos-ventos. Na China, o lótus das oito pétalas simboliza os oito caminhos a seguir para encontrar a Via segundo Buda.



A simbologia dos números

09

O 9 lhe ajudará a compreender como o círculo dos números se fecha, anunciando assim algo novo que ocorrerá com o 10.

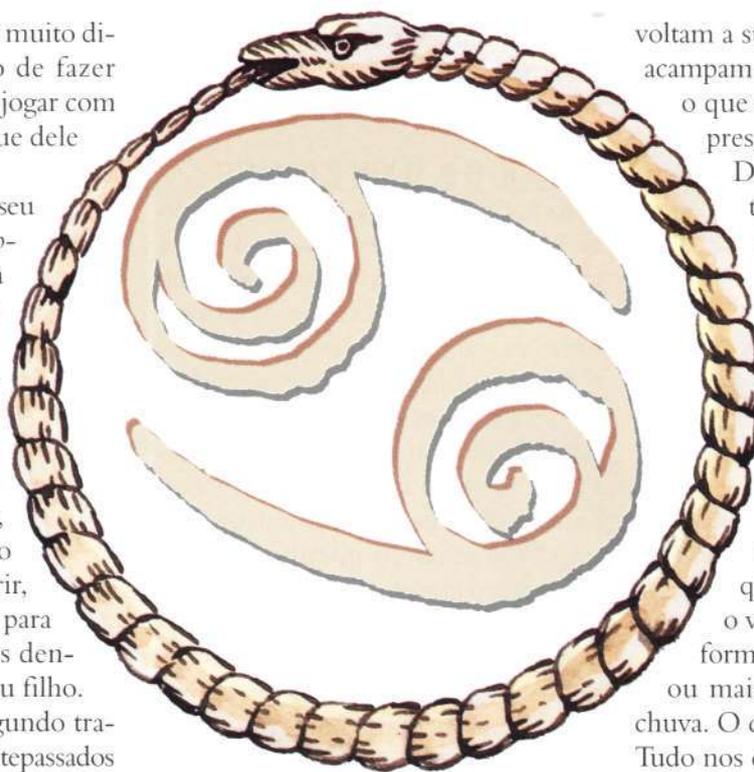
Ao abordar o número 9, é muito difícil resistir à tentação de fazer jogos de palavras, sobretudo jogar com seu nome e as associações que dele emanam.

Pensamos evidentemente em seu parecido “novo”, do latim *novus*, do grego *neo*, do hitita *newas*, do sânscrito *nava*, ou seja, “novo”.

Ora, sabemos que a concepção da criança no corpo materno, isto é, sua vida intra-uterina, dura nove meses. Sendo mais diretos, podemos deduzir que o novo resulta do nove ou, se preferir, que são precisos nove meses para gerar algo novo, nove meses dentro da mãe para que nasça seu filho. Porém, assinalemos que, segundo tradições milenares, os nossos antepassados contam em função dos meses lunares, não em meses do nosso calendário atual. Por isso, os freqüentes erros de cálculo dos ginecólogos modernos devem-se raramente a um mau diagnóstico ou uma falsa previsão de sua parte mas a um mal-entendido relacionado com o fato de que, contanto 9 vezes 28, se obtém um número evidentemente inferior a se se levar em consideração nove meses de 30 em 31 dias cada um. A diferença entre ambos chega quase ao número de um mês lunar dos nossos antepassados.

O 9, O SIGNO DE CÂNCER E A SERPENTE

Mas não é a única analogia que nos propõe este número. Por exemplo, se o deitarmos e o desdobrarmos e colocarmos seu duplo sobre ele, estaremos



A serpente e o signo de Câncer são as duas representações simbolizadas pelo número 9: o Caos original e a Criação.

na presença do símbolo do signo de Câncer.

Já ouvimos, em relação ao número 8, que ao olhá-lo horizontalmente, compreendemos o sentido deste símbolo astrológico constituído por dois anéis semelhantes e invertidos, um por cima do outro, o primeiro dando a impressão de estar mergulhado na água, o segundo, de flutuar na superfície.

Ora, recordemos que o signo de Câncer deve seu símbolo ao fato de, no período do ano que cobre, o princípio do Verão, as águas da terra estarem quentes. Os crustáceos e os peixes pequenos

voltam a subir à superfície e os insetos acampam na superfície da água. Isto é o que os dois anéis invertidos representam.

De alguma maneira, trata-se também, evidentemente, do calor da água e do vapor que dela emana.

Se aproximamos estes dois círculos e os colarmos um ao outro, obtemos o número 8 em posição horizontal que, como sabemos, é o símbolo do infinito.

Este movimento infinito é exatamente o que se produz quando, sob o efeito do calor, o vapor se condensa e se transforma em nuvens que, mais cedo ou mais tarde, se converterão em chuva. O círculo fecha-se.

Tudo nos dá a entender, portanto, que o símbolo do signo de Câncer não se compõe de dois 9 fixados um sobre o outro, mas de um seis para baixo e de um 9 para cima. Recordemos que, em relação ao 6, já tínhamos destacado as analogias que este número tem com a origem e o nascimento, precisando que no sexto mês de vida fetal a criança já está formada.

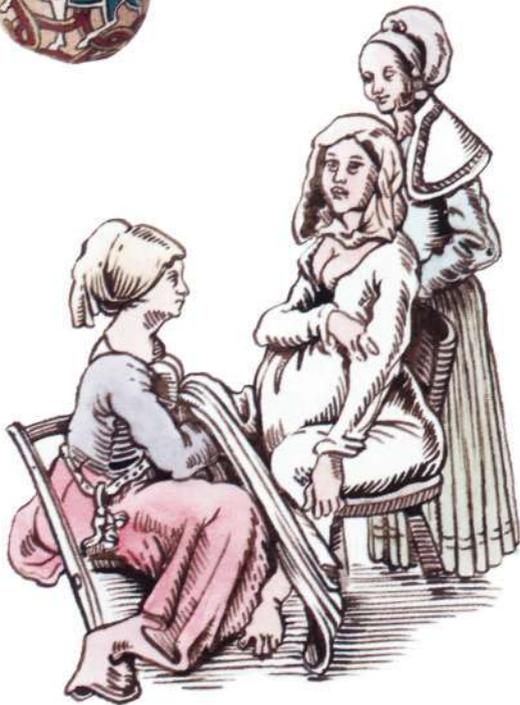
Só lhe restam três meses de crescimento para sair do ventre materno, para ser a criança que nascerá no final do nono mês.

Assim, vemos como o 6 e o 9 se reúnem para representar duas etapas essenciais na formação do ser.

No entanto, entre elas, outras duas fases simbolizadas pelos números 7 e 8 se apresentam.

Remetendo-se para as páginas dedicadas a estes números, você compreen-

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



São precisos nove meses de concepção para que uma criança venha ao mundo, para que nasça um novo ser.

derá como no número 7 chega-se a uma certa perfeição, enquanto no número 8 as energias de cima e de baixo se reúnem, e circulam para se regenerarem sem cessar.

Mais uma vez, o círculo está fechado. Mas resta uma etapa fundamental a ultrapassar. A do número 9 que, eviden-

temente no âmbito simbólico, representava em primeiro lugar uma serpente mordendo a própria cauda, antes de ser representada por uma serpente enroscada. Ora, a serpente é um símbolo do caos original, mas também das energias primordiais, que podem libertar a alma e o espírito do domínio do corpo, da carne e da matéria.

A serpente é a iniciadora, a reveladora, a que faz sair a Criação do Caos e, talvez, mais simplesmente, a criança do ventre da mãe.

O 6, O 9, O YIN E O YANG

Não podemos deixar de fazer alusão ao 9 sem assinalarmos que se remete também para o traço mutável do Yang dos hexagramas do *I Ching*. Mas, mais uma vez, sua relação com o número 6 é testemunhada, sempre segundo a cultura chinesa do *I Ching*, no Yin, simbolizado por um traço interrompido e também mutável, que corresponde ao número 6. Os outros dois traços são mutáveis intermediários, o 7, um traço inteiro, e o 8, um traço interrompido.

Tornamos a encontrar exatamente a mesma simbologia, o mesmo progresso, o mesmo esquema que os revelados no parágrafo precedente.

O círculo fecha-se. Por último, acrescentamos que, se estivemos jogando com a expressão “o círculo fecha-se”, foi para ilustrar que a letra *Teith* do alfabeto hebraico, que corresponde ao número 9, era representada na Antigüidade, especialmente no Egito, por um símbolo parecido com um escudo.

Certamente que a forma do escudo dos soldados egípcios nos lembra uma serpente mordendo a cauda. Como conclusão, diremos que com o 6 a serpente tem a cabeça para baixo, está ainda em processo de formação. Enquanto com o 9 tem a cabeça para cima e está prestes a nascer.

Claro que em relação à vida intra-uterina devemos inverter esta visão exterior, pois, quando uma criança nasce, geralmente é de cabeça. E, no entanto, está na posição do 9. Quiseram os nossos antepassados que entendêssemos que, neste mundo vemos tudo ao contrário?

Algumas figuras e símbolos do 9

Segundo a hierarquia estabelecida por Dionísio, o Areopagita, no século VI da nossa era, existem nove coros compostos por oito anjos, ou seja, 72 anjos no total. Cada um se relacionava com um setor do Zodíaco e com uma combinação de astros que revelava nele características específicas. Estes nove coros são os serafins, os querubins, os tronos, as dominações, as virtudes, as potestades, os principados, os arcanjos e os próprios anjos.

Destaquemos que neste caso somando os algarismos 7 e 2 do número 72, obtemos o 9. A propósito disso, assinalamos também a soma de todos os números de 1 a 9, que reduzida, também dá 9, isto é: $1+2+3+4+5+6+7+8+9 = 45$. $4+5 = 9$.

Por último, o próprio princípio da aritmomancia ou a arte de adivinhar por meio de números baseia-se nas vibrações dos nove primeiros números.



FICHA DE IDENTIDADE DO 9

Nomes: *nono, eneágono, eneassílabo. Na Grécia antiga, celebrava-se de nove em nove anos a festa “enéada”.*

Correspondências aritmomânticas com as letras do alfabeto: *I e R.*

Correspondência com as letras-números da cabala: *Teith.*

Correspondências astrológicas: *Leão mas, como vimos, também Câncer.*

Cor: *o vermelho.*



que são nove. Esta figura também pode ser representada através de um cubo, com um ponto em seu centro. Uma figura eneagonal, isto é, que apresenta nove lados iguais, ou uma estrela de nove pontas, das quais quatro se dirigem para baixo e cinco para cima.

Símbolo geométrico: *um quadrado constituído por outros quatro quadrados, nos quais aparecem todos os pontos de interseção,*





A simbologia dos números

O 10

O 10 é um fim em si mesmo, um regresso ao centro, à unidade, um novo ponto de partida no caminho da vida e da realização pessoal.

Assim como o 1 revela a origem, o começo, uma inicialização, como diríamos atualmente, o 10 indica um fim. Com a chegada do 10, o que foi semeado ou concebido pelo 1 pode ser colhido ou pode nascer.

Assim, este número engloba, reúne, contém todos os que o precedem e, de certa forma, pelo menos simbolicamente, demonstra que o cumprimento coincide com o fim de um ciclo, o qual, por sua vez, é simultâneo ao princípio de um novo ciclo.

Posto que devemos compreender que na mente dos nossos antepassados, que os nomearam antes de os desenharem na areia ou de os gravarem na pedra, os dez números estavam intimamente unidos uns aos outros, formando uma cadeia idêntica à da vida, a que constitui os ciclos da vida. E isto desde tempos imemoriais. Não devemos esque-

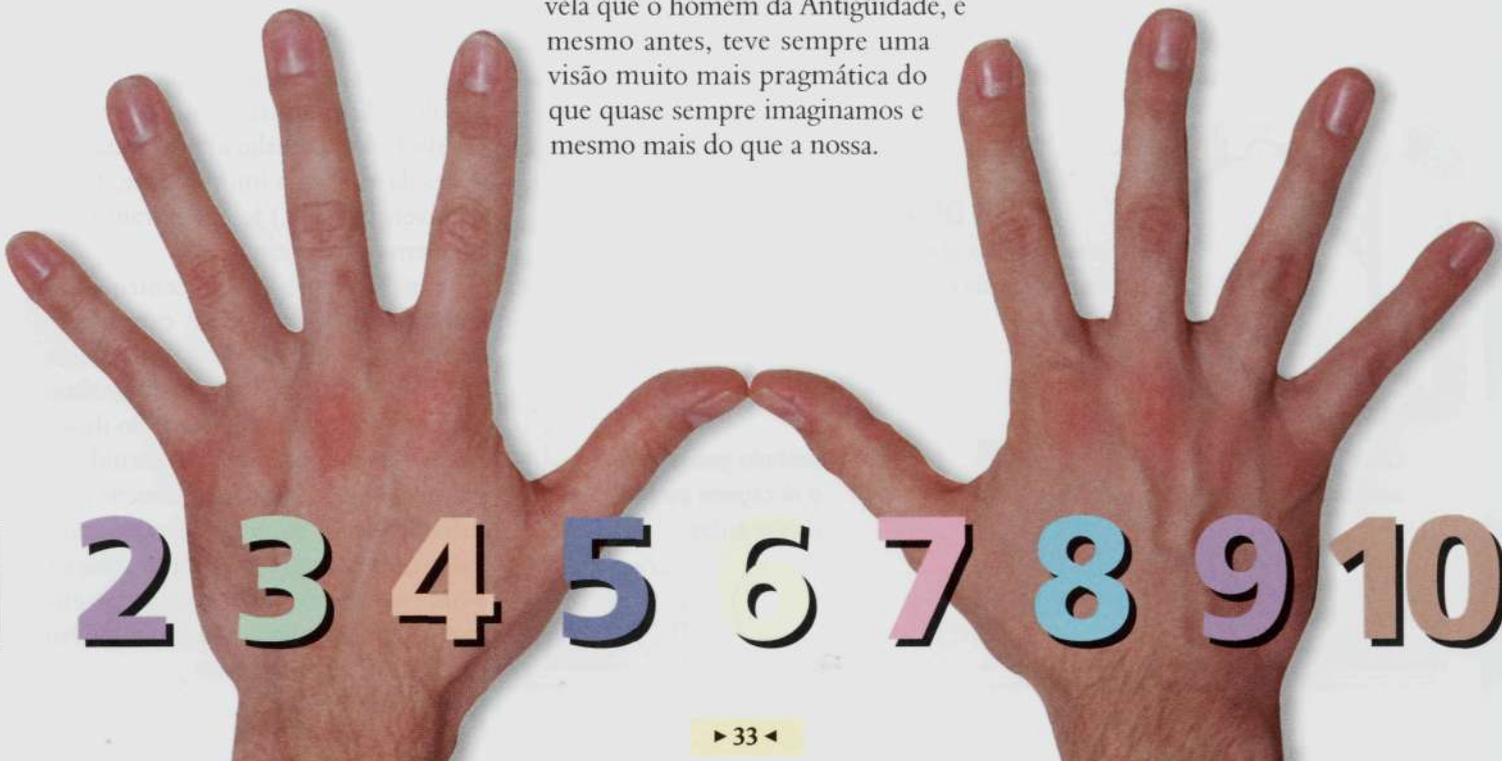
cer que, efetivamente, a cultura transmitida pela escrita não tem mais de 3000 anos aproximadamente, ao passo que alguns grupos de humanos que já dominavam o fogo — e quem sabe que outros elementos e talvez outros conhecimentos, saberes e práticas já esquecidas, desde que chove sobre a Terra — se formaram há mais de 500 mil anos.

O 10, O TEMPO, O CICLO DO ETERNO RETORNO...

O grande princípio inerente a todos os ciclos da natureza, começando evidentemente pelos das estações — quatro para nós, mas que, por exemplo no Egito eram três —, é que estes anunciam e realizam, paradoxalmente, uma mudança, uma transformação, às vezes até mesmo uma metamorfose mediante uma repetição de um fenômeno sempre idêntico.

Esta noção é muito importante, pois revela que o homem da Antigüidade, e mesmo antes, teve sempre uma visão muito mais pragmática do que quase sempre imaginamos e mesmo mais do que a nossa.

O que fazemos hoje em dia? Medimos, avaliamos, estimamos, calculamos, compramos, codificamos, classificamos tudo que se destaca no mundo físico, com o fim de adquirir um certo domínio sobre ele e aproveitá-lo quase sempre com fins mercantis ou com o intuito de exercer um poder, uma influência em um campo concreto. Para fazer isto, expandimos até mesmo as fronteiras para lá do mundo visível, pois somos capazes de ver o que não vemos a olho nu: as células, por exemplo. Porém, em vez de nos abirmos ao mundo, à vida, aos outros, temos o sentimento de que quanto mais ricos, numerosos e variados são nossos conhecimentos, mais avançam nosso saber e as aplicações que tiramos dele e mais nos afastamos da realidade simples e verdadeira da vida, isto é, mais nos isolamos uns dos outros.



MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



Quanto aos nossos antepassados, eles mediam o mundo para compreender melhor seus limites, considerando que o universo e eles tinham sido concebidos segundo o mesmo princípio, sobre o mesmo modelo. Ora, que melhor forma de vencer o tempo, de viver fora ou para além dele, do que ser, senão



No cume do monte Sinai foram precisamente dez os mandamentos que Moisés recebeu de Yahvé.

seu dono, pelo menos seu igual? Quem é igual ao tempo vai cruzar com o ritmo da natureza e com o ritmo dos ciclos da vida. Ao fazê-lo, é livre. É esta a força do 10. Ao nos enviar para o ponto de partida, ou seja, o 1, porque anuncia o final de um ciclo, torna possível uma re-

geração, um renascimento constante. Permite-nos de alguma forma “renascer”, nos recriar a nós mesmos seguindo os ciclos da vida.

Atualmente, sabemos que estamos submetidos a ciclos biológicos dos quais ninguém escapa. Infelizmente, nunca o levamos em conta. A medicina moderna, salvo honrosas exceções, mostra um total desinteresse em relação a isso. Uma vez mais, e não é o único nem o menor dos paradoxos de nossa era tecnológica, quanto mais fechados nos encontramos na vida cotidiana, onde somos obrigados a repetir sem cessar os mesmos gestos, as mesmas tarefas, tanto menos vivemos o presente, tanto me-

nos temos consciência do momento adequado para agir. Para os nossos antepassados, repetir um gesto, uma tarefa, uma palavra não tinha sentido a menos que o focassem com uma preocupação especial. Por isso, seus atos tinham sua utilidade e seus significados, podiam ir para além do que faziam. Eram exemplares. Para nós, parece que tudo que fazemos, quase sempre não é útil para ninguém e não tem sentido.

Algumas figuras e símbolos do 10

Evidentemente não é o produto do acaso que os dedos das mãos do homem sejam dez, que a mão seja a figura simbólica, que o nome de Yod, a letra do número do código da cabala, corresponda ao número 10, e que Moisés tenha recebido os 10 Mandamentos gravados pela mão de Yahvé, em letras de fogo, no cume do monte Sinai. Trata-se uma vez mais do regresso ao “centro” e à unidade de um cumprimento e um eterno retorno.

E O CENTRO

Ao simbolizar todos os ciclos da vida e assim o mito do eterno retorno, o 10 nos remete ao ponto de origem, o 1, que se encontra no centro e representa o Centro.

Então tudo é como se, contando de 1 a 10, estivessemos realizando um percurso iniciático, cujo objetivo é voltar ao ponto de origem onde se revela e se situa o Centro.

Esta é a razão pela qual o 10 é quase sempre representado com um círculo, maravilhoso símbolo do ciclo perpétuo, mas também como uma circunferência pontuada, ou seja, um círculo cujo centro é indicado como ponto e cujo sentido é o retorno à Unidade, ou Unidade renovada. O “Centro” é portanto a zona sagrada por excelência, a da realidade absoluta. Da mesma forma, os restantes símbolos da realidade absoluta (árvores da vida e da imortalidade, fonte da juventude, etc.) se encontram também em um Centro.

“O caminho que leva ao centro é um caminho difícil (...). O caminho é árduo, está repleto de perigos porque de fato é um ritual da passagem do profano para o sagrado; do efêmero e do ilusório para a realidade e para a eternidade; da morte para a vida; do homem para a divindade. O acesso ao ‘centro’ equivale a uma consagração, a uma iniciação; a uma existência, real, duradoura e eficaz”, assim o explicou Mircea Eliade em seu *Mito do Eterno Retorno*.

FICHA DE IDENTIDADE DO 10

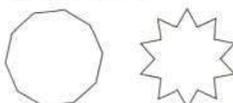
Nomes: *decênio, dezena, década, decálogo, decanato.*
Correspondência com as letras-números da cabala: *Yod.*



Correspondências astrológicas: *Virgem.*



Símbolo geométrico: *o decágono ou polígono de dez lados.*





A simbologia dos Números

O 12

O 12 foi, sem dúvida, uma unidade de medida perfeita do espaço e do tempo para os homens da Antiguidade. Em todo o caso, trata-se de um número dos signos do Zodíaco e do sistema duodecimal.

Quando olhamos para os livros de história antiga temos a impressão de que, para os nossos antepassados, tudo era contado, medido e calculado por 12. Pensemos, por exemplo, nesta astuta divisão de 2 vezes 12 horas do dia e da noite, tal como a consideravam os egípcios. Para sublinhar as variações na duração do dia ou da noite — em função do solstício de Verão, no qual a duração do dia diminui pouco a pouco a favor da noite, ou depois do solstício de Inverno, em que os dias se prolongam —, mais do que dividir o dia em um número desigual de horas, imaginaram que o dia e a noite se compunham, cada um deles e alternadamente, de 12 horas longas e 12 horas curtas. Se pensarmos bem, pode ser que ainda assim seja atualmente.

O 12 E O ZODÍACO UNIVERSAL

Dado que estamos no Egito, lembremos que os escribas astrônomos, guardiães do calendário, tinham dividido o ano em 360 dias e três grandes estações, ou seja, três vezes 120 dias, e cada uma destas estações estava dividida por sua vez em quatro meses de trinta dias, e cada mês dividido em três períodos de dez dias. Encontramo-nos, obviamente, nas medidas do Zodíaco, com a única diferença de que, hoje em dia, temos quatro estações em vez de três. Note que existem 360 graus no Zodíaco, divididos em doze partes iguais de trinta graus cada uma: os doze signos do Zodíaco, os quais por sua vez se dividem em três partes iguais de dez graus, os decanatos.

Poderíamos citar inúmeras alusões ao número 12 no Antigo e no Novo Testamento da Bíblia, que são ao mesmo

tempo símbolos da perfeição: as doze tribos de Israel, as doze gemas oraculares, os doze apóstolos de Jesus, as doze portas da Nova Jerusalém, segundo o apocalipse de São João, etc. Esta referência ao número 12 tem, sem nenhuma dúvida, uma origem comum e anterior à da redação da Bíblia.

De maneira que, a epopéia de *Gilgamesh*, um longo poema sumério que data de início do II milênio antes de nossa era, consta de doze tábuas, assim como os doze símbolos do Zodíaco. E o *Poema da Criação*, ou *Enûma Elish*, relato acádio cosmogônico do final do II milênio antes de Cristo, compõem-se de sete tábuas, assim como os sete astros-deuses que regem os dozes signos do Zodíaco.

Além disso, existe outra questão de grande importância: é neste relato que

encontramos os próprios fundamentos da astrologia.

Nada nos impede de imaginar que o Zodíaco indiano e o chinês, depois do Zodíaco egípcio, tenham saído da mesma fonte de inspiração mesopotâmica. É evidente que o número 12 está onipresente em todas estas civilizações, as quais, todavia, possuem costumes muito diferentes.

OS DOZE ELOS

DO CICLO DOS RENASCIMENTOS

Em todas as partes, o 12 era o número dos ciclos perfeitos e mutáveis da natureza e da vida, até no ciclo dos renascimentos, que revela as grandes causas da reencarnação de uma mesma alma, as quais são doze, segundo o hinduísmo. Estas causas chamam-se *Nidânas*, o que literalmente poderíamos



MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



traduzir como “uniões, cadeias, anéis ou elos”. Cada *Nidâna* tem um nome diferente, mas sobretudo representa-se sobre uma imagem simbólica determinada que ilustra as doze causas que encadeiam o homem na existência:



1 *Nidâna Avidyâ*, a ignorância ou ofuscação, representada por uma anciã cega, com um homem que guia seus passos, segurando-a pela mão. Neste caso, mostra-nos o ser ofuscado pelo desejo. E o guia não é outro se não o destino que deve seguir.



2 *Nidâna Samskâra*, a impressão ou intenção, representada por um homem sentado em frente de um torno de oleiro, dando forma a um jarro de barro. Esta imagem simboliza as concepções, os pensamentos que, pouco a pouco, tomam forma e se convertem em realidade e nos encadeiam na existência.



3 *Nidâna Vijnâna*, a consciência, que aqui é um macaco pendurado em uma árvore com uma copa tão alta que não a consegue ver nem alcançar. É a imagem do intelecto que conduz o ser a identificar-se com suas idéias e seus atos e com os quais se encontra encadeado.



4 *Nidâna Nâmarupâ*, o nome e a forma, considera-se um homem em um barco sem remos, à deriva, à mercê da corrente. Nesta caso, trata-se de uma imagem que simboliza a invocação de uma forma de vida pelo seu nome, ato que conduz a viver no mundo das aparências e da ilusão, que encadeiam a existência.



5 *Nidâna Shadâyatana*, os seis fundamentos ou categorias, representada por uma casa com seis aberturas: uma porta e cinco janelas, que simbolizam os órgãos dos sentidos segundo os hindus; a porta é o espírito e as cinco janelas são a visão, a audição, o olfato, o paladar e o tato.



6 *Nidâna Sparsha*, o tato ou o contato, mostra-nos um homem trabalhando a terra. Esta imagem simboliza a tomada de consciência da realidade física do mundo através dos órgãos dos sentidos, e daí as necessidades, as dependências e as servidões que engendra para o homem.



7 *Nidâna Vedâna*, sensação e sentimento, representada por um olho atravessado em seu centro por uma flecha. Esta imagem sim-

boliza os desejos, os sentidos que proporcionam prazer, os quais engendram novos desejos e necessidades sem limites.



8 *Nidâna Trishnâ*, a sede, a aspiração ou inveja, representada por um homem que bebe um copo de vinho. Esta imagem simboliza a sede de viver que nunca se satisfaz e induz o homem a querer possuir, ter e dominar para se saciar. Todavia, se sua inveja se transformar em aspiração, neste ponto pode libertar-se do ciclo sem fim das reencarnações.



9 *Nidâna Upâdâna*, o apego, representado por um homem que colhe os frutos de sua horta. Esta imagem ilustra o apego à vida e aos bens deste mundo, conseqüência da sede de viver, revelada no *Nidâna* precedente e da qual o homem não se conseguiu desfazer.



10 *Nidâna Bhava*, o ser ou o provir, representado por uma mulher com a cabeça e o rosto cobertos por um véu nupcial, representando o eterno retorno, as eternas núpcias do homem e da mulher, que os encadeiam no provir na Terra e os impedem de procriar.



11 *Nidâna Jâti*, o nascimento, mostra-nos uma mulher dando à luz uma criança. Esta imagem deriva da precedente e revela que, chegados a este ponto, o ser é prisioneiro dos ciclos dos renascimentos sem fim.



12 *Nidâna Jarâ*, a velhice e a morte, representada por um velho defunto cujo corpo é submetido ao ritual hindu da cremação. Esta imagem simboliza a fase última e fatal de toda a vida terrestre, pelo menos enquanto o ser permanecer ofuscado pelo desejo e se deixar conduzir pelo seu destino.



FICHA DE IDENTIDADE DO 12

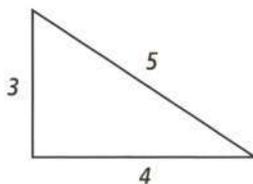
Nomes: *dúzia, duodécimo, duodenário.*

Correspondência com as letras-números da cabala: *Lamed.*

Correspondência astrológica: *Libra.*



Símbolo geométrico: *o triângulo sagrado egípcio, cuja base mede 4, o lado 3 e a diagonal 5, isto é, um perímetro de 12.*





A simbologia dos Números

O 13

e alguns outros números

Do 13 ao 666, há certos Números aos quais se atribuem vibrações malélicas. Vamos tentar compreender de onde vêm tais superstições.

As superstições têm uma vida longa e controversa. A relacionada com o número 13 — considerado como um Número malélico por uns e benéfico por outros — é um claro exemplo disso. Principalmente, quando, de forma cíclica e segundo um processo matemático muito lógico, a terça-feira (em alguns países) ou a sexta-feira (em outros) de uma semana coincide com o dia 13 do mês, o que não deixa de acontecer, pelo menos, duas vezes por ano, como é o caso de 1997 e 1998, por exemplo. Comprove-o você mesmo: o 13 de janeiro e o 13 de outubro de 1998 caem numa terça; o 13 de abril e o 13 de julho de 1999, também. Uma geração antes (alguns historiadores calculam ser de quinze em quinze anos), portanto, em 1984, o 13 de março e 13 de novembro caíram numa terça. Porém isto não tem nada de extraordinário. As terças ou sextas que caem no dia 13 do mês são totalmente previsíveis. Por outro lado, este raciocínio nos permite fazer uma pergunta interessante.

O QUE É UMA SUPERSTIÇÃO?

Como no caso de muitas palavras que esvaziamos de seu sentido e conteúdo originais, em primeiro lugar, devemos



A causa principal do medo de ser 13 comensais parece ser a Última Ceia.

compreender o que significava o termo “superstição” para nossos antepassados e, em seguida, como o entendemos hoje. Em um princípio, superstição significava “estar por cima, dominar, superar, sobreviver”. A superstição era, portanto, o que dava a possibilidade ao homem de estar por cima das incertezas e vicissitudes da existência, dominar seu destino e instintos, superar suas

adversidades e fraquezas, sobreviver acontecesse o que acontecesse. Atualmente, o que sobrevive da superstição, justamente, é a crença, quase sempre sem fundamento, em certos signos, gestos ou rituais aos que se atribui um valor particular, uma influência ou um poder.

A TERÇA-FEIRA 13

Se em países como a França, Grã-Bretanha, Estados Unidos, Brasil..., a sexta-feira 13 é o dia azarado por excelência, em outros, como na Espanha, esta data passa a ser a da terça-feira 13.

O erudito espanhol Néstor Luján recolheu em Roma o seguinte ditado tradicional que nos ajudará descobrir o porquê desta diferença: “*Giorno di Venere, giorno de Marte, non si sposa e non si parte*”, isto é, “nem no dia consagrado a Vênus, nem no dia consagrado a Marte, deve-se casar ou viajar”.

Curiosamente, em castelhano, subsiste uma variante do provérbio que diz: “13 e terça, nem te cases, nem te embarques”

Mas vamos à origem: tal como o mencionado falecido escritor insinua, neste adágio romano podemos vislumbrar as claras origens pagãs e latinas desta superstição, que nos põe em guarda ante

MITOS, LENDAS, SÍMBOLOS



os dias regidos pelo deus Marte (martes, terça-feira em castelhano) e pela deusa Vênus (viernes, sexta-feira nesta língua). Mais tarde, em alguns lugares ficariam apenas com as sextas-feiras, e em outros com as terças-feiras, pois não era fácil tentar-se a sorte duas vezes por semana. Quanto ao assunto do número "13"... vejamos a seguinte seção.

A SEXTA-FEIRA 13

A fama que a terça-feira 13 tem em alguns países entronca-se de forma direta com a da sexta-feira 13, e esta provém essencialmente da lenda mítica da Última Ceia, isto é, o dia em que os 12 apóstolos se reuniram ao redor de Jesus para compartilhar com ele sua última ceia. Segundo garantem os historiadores, parece que se tratava de uma sexta-feira. E quando se sabe o que aconteceu com Jesus — que era, portanto, o décimo terceiro comensal — depois de sua ceia, entende-se facilmente como alguns viram neste dia marcado pelo Número

"O dia da Besta", símbolo do 666.



13, um dia maléfico. No entanto, para outros, o fato de Jesus ter ressuscitado transformava a data em positiva; recordemos que se a sexta-feira 13 anunciou sua morte temporal, revela assim sua imortalidade, portanto, só podia tratar-se de um dia benéfico.

Para pôr a todos de acordo, estabeleceu-se um calendário hemerológico perpétuo de sextas-feiras 13 a partir do qual pôde-se estabelecer que, se o primeiro dia do ano estava sob a influência de um astro benéfico, as sextas-fei-

ras 13 que existissem durante este ano seriam naturalmente benéficos. Por outro lado, se o 1 de janeiro se situava sob o signo de um dia ou um astro maléfico, as sextas-feiras daquele ano teriam repercussões nefastas.

ALGUNS OUTROS NÚMEROS

Os Números simbólicos maiores são aqueles que vão do 1 ao 10. Destacamos também o importante papel que desempenharam os Números 12 e, em menor medida, o 13. Quanto aos demais números da dezena: 11, 14, 15, 16, 17, 18 e 19, só têm importância se se abordam do ponto de vista das interpretações dos arcanos maiores do Tarô adivinhatório. No entanto, não podemos finalizar estes Números sem fazer alusão ao do Apocalipse de São João. Evidentemente, trata-se do famoso Número 666 o número da besta selvagem, ao qual, curiosamente, o evangelista dedica por completo o capítulo número 13 de seu "Apocalipse".

Tabela hemerológica das sextas-feiras 13 de sorte ou nefastas, segundo os anos

A hemerologia, que é um sistema astrológico que permite prever os dias de sorte e os dias nefastos do ano seguinte, nasceu como uma ciência cujos primeiros traços escritos se encontram na Mesopotâmia, por volta da metade do milênio I a. C. Ainda é usado na Índia e subsiste na China — apesar dos estragos da 'revolução cultural' —, onde, antigamente, não se tomava nenhuma iniciativa sem se consultar o almanaque hemerológico. De maneira que quando o 1 de janeiro era uma segunda-feira, dia da Lua; uma quarta-feira, dia de Mercúrio; ou um domingo, dia de Sol; as sextas-feiras 13 que se produziam ao longo do ano eram consideradas dias neutros. Por outro lado, quando o 1 de janeiro era uma terça, dia de Marte; ou um sábado, dia de Saturno; as sextas-feiras 13 que aconteciam deviam ser consideradas dias de influências nefastas. Por último, quando o 1 de janeiro caía na quinta-feira, dia de Júpiter, ou na sexta, dia de Vênus, as sextas-feiras 13 previstas para aquele ano sempre teriam um caráter benéfico.

TABELA HEMEROLÓGICA		
Sexta-feira 13 NEUTRA	Sexta-feira 13 NEFASTA	Sexta-feira 13 BENÉFICA
Segunda-feira 1 de Janeiro 	Terça-feira 1 de Janeiro 	Quinta-feira 1 de Janeiro 
Quarta-feira 1 de Janeiro 	Sábado 1 de Janeiro 	Sexta-feira 1 de Janeiro 
Domingo 1 de Janeiro 		



SALVAT